



PASTORAL DOS SURDOS



PASTORAL DOS SURDOS NO BRASIL

UMA MODALIDADE DE INCLUSÃO SOCIAL DA
DIVERSIDADE AUDITIVA

Érica Nelcina Da Silva

PASTORAL DOS SURDOS NO BRASIL

UMA MODALIDADE DE INCLUSÃO SOCIAL DA
DIVERSIDADE AUDITIVA

1ª EDIÇÃO



AUTORA

ÉRICA NELCINA DA SILVA

DOI: <http://dx.doi.org/10.47538/AC-2024.38>

ISBN: 978-6-55321-001-1



Ano 2025

PASTORAL DOS SURDOS NO BRASIL

UMA MODALIDADE DE INCLUSÃO SOCIAL DA
DIVERSIDADE AUDITIVA

1ª EDIÇÃO

CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO NA FONTE.

S586p Silva, Érica Nelcina da.

Pastoral dos surdos no Brasil: uma modalidade de inclusão social da diversidade auditiva [recurso eletrônico] / Érica Nelcina da Silva — 1. ed. — Natal : Editora Amplamente, 2025.

PDF.

Bibliografia.

ISBN: 978-65-5321-001-1

DOI: 10.47538/AC-2024.38

1. Inclusão social. 2. Exclusão social. 3. Religião. 4. Deficiente auditivo.
5. Pastoral do Surdo. I. Título.

CDU 316.34:261.622

ELABORADA POR MÔNICA KARINA SANTOS REIS CRB-15/393

DIREITOS PARA ESTA EDIÇÃO CEDIDOS PELOS AUTORES À EDITORA AMPLAMENTE.

Editora Amplamente
Empresarial Amplamente Ltda.
CNPJ: 35.719.570/0001-10
E-mail: publicacoes@editoraamplamente.com.br
www.amplamentecursos.com
Telefone: (84) 999707-2900
Caixa Postal: 3402
CEP: 59082-971
Natal- Rio Grande do Norte – Brasil

Copyright do Texto © 2025 Os autores
Copyright da Edição © 2025 Editora Amplamente
Declaração dos autores/ Declaração da Editora:
disponível em
<https://www.amplamentecursos.com/politicas-editoriais>



Creative Commons. Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0
Internacional (CC-BY-NC-ND)

Editora-Chefe: Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas
Assistentes Editoriais: Caroline Rodrigues de F.
Fernandes; Margarete Freitas Baptista
Bibliotecária: Mônica Karina Santos Reis CRB-
15/393
Projeto Gráfico, Edição de Arte e Diagramação:
Luciano Luan Gomes Paiva; Caroline Rodrigues de
F. Fernandes
Capa: Canva®/Freepik®
Parecer e Revisão por pares: Revisores

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto sensu Doutorado em Ciências da Religião -
como requisito para obtenção do título de Doutora em
Ciências da Religião.
Orientador: Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira



Ano 2025

CONSELHO EDITORIAL

Dra. Andreia Rodrigues de Andrade
Dra. Camila de Freitas Moraes
Ms. Caroline Rodrigues de Freitas Fernandes
Dra. Claudia Maria Pinto da Costa
Dr. Damião Carlos Freires de Azevedo
Me. Danilo Sobral de Oliveira
Dra. Danyelle Andrade Mota
Dra. Dayana Lúcia Rodrigues de Freitas
Dra. Elane da Silva Barbosa
Dra. Eliana Campêlo Lago
Dr. Elias Rocha Gonçalves
Dr. Everaldo Nery de Andrade
Dra. Fernanda Miguel de Andrade
Dr. Izael Oliveira Silva
Me. Luciano Luan Gomes Paiva
Dra. Mariana Amaral Terra
Dr. Máximo Luiz Veríssimo de Melo
Dra. Mayana Matildes da Silva Souza
Dr. Maykon dos Santos Marinho
Dr. Milson dos Santos Barbosa
Dra. Mônica Aparecida Bortoletti
Dra. Mônica Karina Santos Reis
Dr. Raimundo Alexandre Tavares de Lima
Dr. Romulo Alves de Oliveira
Dra. Rosângela Couras Del Vecchio
Dra. Smalyanna Sgren da Costa Andrade
Dra. Viviane Cristhine Bini Conte
Dr. Wanderley Azevedo de Brito
Dr. Weberson Ferreira Dias

CONSELHO TÉCNICO CIENTÍFICO

Ma. Ana Claudia Silva Lima
Me. Carlos Eduardo Krüger
Ma. Carolina Pessoa Wanderley
Ma. Daniele Eduardo Rocha
Me. Francisco Odécio Sales
Me. Fydel Souza Santiago
Me. Gilvan da Silva Ferreira
Ma. Iany Bessa da Silva Menezes
Me. João Antônio de Sousa Lira
Me. José Flôr de Medeiros Júnior
Me. José Henrique de Lacerda Furtado
Ma. Josicleide de Oliveira Freire
Ma. Luana Mayara de Souza Brandão
Ma. Luma Mirely de Souza Brandão
Me. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa
Me. Márcio Bonini Notari
Ma. Maria Antônia Ramos Costa
Me. Maria Aurélia da Silveira Assoni
Ma. Maria Inês Branquinho da Costa Neves
Ma. Maria Vandia Guedes Lima
Me. Marlon Nunes Silva
Me. Paulo Roberto Meloni Monteiro Bressan
Ma. Sandy Aparecida Pereira
Ma. Sirlei de Melo Milani
Me. Vanilo Cunha de Carvalho Filho
Ma. Viviane Cordeiro de Queiroz
Me. Wildeson de Sousa Caetano
Me. William Roslindo Paranhos



PREFÁCIO

A sociedade brasileira já avançou muito no que diz respeito à consciência sobre os direitos humanos das mulheres, dos povos originários, das minorias (ou maiorias) étnicas, do respeito à opção de cada um pelo gênero ou pela fé religiosa que quer professar. Nossas leis em relação aos direitos das crianças e dos idosos são reconhecidamente consistentes e bem elaboradas, constituem um marco importante numa trajetória histórica na qual estas categorias tantas vezes no passado foram espezinhadas, marginalizadas e oprimidas. Também em relação à consciência social sobre as pessoas com deficiência (PcD), não resta dúvida que progredimos bastante. Imagine-se o que significou o fim dos manicômios, verdadeiras instituições de confinamento de todo o tipo de pessoas com algum transtorno mental. Pensemos em quanto melhorou a sensibilidade e o conhecimento da sociedade em relação às características e as necessidades específicas dos autistas, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) e pessoas com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade). Muita coisa ainda era impensável vinte anos atrás. Mas visto numa perspectiva mais afastada o caminho até aqui tem sido longo e difícil. Também sabemos que boa parte da excelente legislação continua letra morta nas periferias, nos interiores, mas também nos centros e nos espaços feitos apenas para uma elite. A cada dia ouvimos e tomamos conhecimento de casos persistentes de preconceito, violência simbólica ou física, quando não de assassinato de pessoas que foram mortas por serem mulheres, ou indígenas, homossexuais, negros ou por serem pessoas com deficiência.

As religiões, igrejas e comunidades religiosas foram no passado muitas vezes coniventes ou mesmo cúmplices com a desumanização das PcD. Hoje elas têm uma responsabilidade ética e religiosa de contribuir para humanizar a sociedade, não permitindo que pessoas com necessidades específicas, qualquer membro de grupo social ou étnico minoritário seja vítima de preconceito, seja atacado ou diminuído na sua humanidade. Por isso, a organização de um trabalho pastoral específico para pessoas com deficiência, especialmente para os surdos, é uma iniciativa de grande relevância e necessidade. A inclusão social e religiosa das PcD é um desafio que requer atenção e



ações concretas para garantir que todos possam participar plenamente da vida comunitária e espiritual. A tese “Pastoral dos Surdos no Brasil: Uma Modalidade de Inclusão Social da Diversidade Auditiva” de Érica Nelcina da Silva, juntamente com outros estudos sobre o tema, oferece uma base sólida para entender a importância e os benefícios de tais iniciativas.

A inclusão dos surdos nas ações cotidianas da vida religiosa continua sendo um dos grandes desafios para as comunidades religiosas no Brasil. Há muitas igrejas e comunidades religiosas, às vezes grandes e poderosas, que sequer despertaram para essa necessidade. A tese de Érica destaca a necessidade de analisar o processo de inclusão (ou exclusão) dos surdos na Igreja Católica, a partir da atuação das Pastorais dos Surdos no Brasil. Sua pesquisa revela que, para os surdos, a Pastoral do Surdo não constitui apenas uma modalidade de inclusão numa comunidade religiosa; o trabalho mostra que essa inclusão ou participação também trazem consigo o sentimento de pertencer, de fazer parte e valer como pessoa para o restante da sociedade brasileira. Portanto, o trabalho pastoral específico tanto é fundamental para fortalecer a ligação dos surdos com o sagrado, como para promover sua dignidade e seu senso de cidadania no conjunto da sociedade.

A inclusão social das pessoas com necessidades específicas, especialmente dos surdos, requer a criação de espaços, mecanismos e práticas que respeitem suas particularidades e ofereçam condições para sua participação ativa. A Pastoral dos Surdos, como Érica descreve na tese, atua em diversas áreas, como celebrações e encontros de caráter espiritual, catequese, juventude, cultura e ação social. Essas atividades são essenciais para garantir que os surdos possam vivenciar sua fé de maneira plena e integrada. A relevância de organizar um trabalho pastoral específico para os surdos também é evidenciada por outros estudos sobre inclusão social e religiosa. A Campanha da Fraternidade de 2006, por exemplo, já destacava a importância de acolher e incluir pessoas com deficiência na vida eclesial. A legislação inclusiva, como a Lei 10.436/02 (LIBRAS) e o Decreto Nº 5.626/05, também reforçou a necessidade de garantir acessibilidade e comunicação adequada para os surdos. A inclusão social e religiosa dessas pessoas é um desafio que requer atenção e ações concretas para garantir que todos possam participar plenamente da vida comunitária e espiritual. A pesquisa feita por Érica Nelcina nos mostra uma situação que ainda está longe de ser considerada boa ou ideal.



Mesmo na única igreja que tem uma pastoral de âmbito nacional, especializada e dedicada explicitamente aos surdos, a Igreja Católica, ainda há muito para se melhorar e crescer. Apesar das lacunas, no entanto, o trabalho também mostra quão importantes e benéficas são tais iniciativas. A pesquisa de Érica Nelcina da Silva revela que, para muitos surdos, a Pastoral do Surdo é um espaço onde se sentem acolhidos e valorizados. A presença de intérpretes de LIBRAS nas missas e eventos religiosos é uma prática que facilita a compreensão e participação dos surdos, permitindo que vivenciem sua fé de maneira mais profunda. Érica se esforçou bastante na pesquisa de campo para colher e ouvir as opiniões e a perspectiva dos próprios surdos. Nesse sentido, a Pastoral dos Surdos no Brasil é um exemplo de como a inclusão pode ser promovida de maneira eficaz, reforçando a dignidade e a participação ativa dos surdos na comunidade religiosa e na sociedade.

Outro aspecto que o trabalho evidencia, quando entrevistou os responsáveis e as pessoas envolvidas, é que a organização de um trabalho pastoral específico para os surdos pode servir como aprendizagem ou modelo para outras iniciativas de inclusão de outras pessoas com necessidades específicas. A criação de espaços acessíveis, a formação de lideranças religiosas e agentes pastorais capacitados para trabalhar com a diversidade auditiva, e a promoção de atividades que respeitem e valorizem as particularidades dos surdos são ações que podem ser replicadas em outras áreas e por outras instituições da sociedade.

Mas o grande mérito do trabalho de Érica Nelcina além, é claro, de mostrar e analisar com grande competência a Pastoral dos Surdos na Igreja Católica, é nos convocar para defender a humanidade ameaçada dos membros mais frágeis desta sociedade. E nisso as igrejas e comunidades religiosa têm um papel importantíssimo, elas são instâncias pedagógicas, educadoras: elas podem influir muito na mudança da consciência e da sensibilidade das pessoas. É excelente que se organizem formas melhores de mobilidade para os cadeirantes, que se tenham espaços próprios e pessoal especializado para atender as pessoas com TEA e TDAH, que se invista na aprendizagem e ensino da LIBRAS para que os surdos saiam do silêncio e do isolamento ao qual foram relegados. Mas as igrejas precisam ir além de proporcionar conforto aos seus membros que são PcD. Isso é importante, mas não basta. Elas precisam defender e praticar a humanização de todas e



todos que vivem numa sociedade marcada por conflitos, desigualdades e competitividade, que cria continuamente, novas e terríveis formas de preconceito e exclusão. O trabalho de Érica nos ensina que precisamos, junto com a humanidade dos surdos, defender a humanidade de todos os marginalizados e excluídos.

Dr. Alberto da Silva Moreira
Pontifícia Universidade Católica da Goiás
Goiânia, em março de 2025



Ano 2025

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
- CAPÍTULO I –	16
RETROSPECTO HISTÓRICO DA LUTA POR RECONHECIMENTO E DIREITOS IGUAIS DO SURDO NA SOCIEDADE	
1.1 TRAJETÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA EDUCAÇÃO	16
1.2 DE OBJETO DO DIREITO PARA SUJEITO DE DIREITOS: MUDANÇAS SOFRIDAS NOS TERMOS PARA TRATAR A PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA SOCIEDADE.....	22
1.3 OS DESDOBRAMENTOS DA EXCLUSÃO SOCIAL DO SURDO	26
<i>1.3.1 Dificuldades e barreiras enfrentadas pelo surdo.....</i>	<i>32</i>
1.4 O PROCESSO DE INCLUSÃO RELIGIOSA E SOCIAL - ETAPAS	36
1.5 FORMAÇÃO HISTÓRICA DA PASTORAL DO SURDO NO BRASIL..	41
<i>1.5.1 Como surgiu a pastoral do surdo no brasil?.....</i>	<i>41</i>
- CAPÍTULO II –	45
PESQUISA DE CAMPO: RELIGIÃO E PROMOÇÃO HUMANA UM ESTUDO DAS PASTORAIS CATÓLICAS DOS SURDOS NO BRASIL	
2.1 ESTUDO EMPÍRICO NAS PASTORAIS DOS SURDOS DO BRASIL ...	45
2.2 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO NAS PASTORAIS DOS SURDOS DO BRASIL.....	46
2.3 DADOS DA PESQUISA DE CAMPO COM QUESTIONÁRIO COMPLEMENTAR	118
2.4 LEITURA DOS RESULTADOS DA PESQUISA	125
2.5 APRECIÇÃO QUALITATIVA DA PS NO BRASIL	138
2.6 AS DEZENOVE REGIONAIS DA PASTORAL DO SURDO NO BRASIL (QUAL O TRABALHO DAS PS?).....	140
2.7 A INCLUSÃO SOCIAL DA DIVERSIDADE AUDITIVA ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO NA PASTORAL DOS SURDOS	145
<i>2.7.1 Análise dos dados da pesquisa.....</i>	<i>145</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS.....	157
INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA	160

INTRODUÇÃO

Há 27 anos, mantenho contato com pessoas com deficiência auditiva. Atuo como intérprete de LIBRAS em instituições educacionais da Educação básica e superior, na missa do Santuário de Nossa Senhora da Abadia do Muquém, Niquelândia-GO. Além disso, durante a pesquisa do mestrado, tive a oportunidade de interpretar na missa da Pastoral do Surdo da paróquia Sagrado Coração de Jesus na Diocese de Uruaçu-GO¹ e em diversas palestras, eventos culturais, educacionais e religiosos. Sou professora tradutora e intérprete de LIBRAS nos cursos de licenciatura, transcritora e TILS em vestibulares, tradutora e intérprete de LIBRAS em processos seletivos e concursos. Em todas essas atividades sempre ouvia relatos sobre a participação passiva dos surdos nas comunidades religiosas, em templos diferentes. Eles apenas assistiam ao rito, entretanto não entendiam o que estava sendo comunicado. O relato de J.S.M. destaca bem essa assertiva: “Quando não tinha intérprete, fica sem entender o que o pastor está falando, [...] Pois, que é falta de intérprete, falta de acessibilidade, falta de empatia, como é parecido sociedade e igreja”. J.S.M. complementa afirmando já ter se sentido excluído na Igreja: “Sim, excluído! P[or]q[ue], igreja não aceita acessibilidade provocar sociedade igreja pastoral do surdo falta respeito”.

Ao vivenciar essas experiências, sentimentos e ideias no âmbito religioso, cultural e social, senti uma inquietação muito forte, que me levou a refletir sobre de que forma eu poderia contribuir para uma participação mais efetiva dessas pessoas dentro do espaço religioso, bem como incluir as pessoas com deficiência, especialmente, os surdos, em todas as esferas da sociedade a partir da religião. Penso numa inclusão com autonomia e empoderamento das pessoas com deficiência e não nelas como objetos de direitos. A oportunidade de trabalhar esse tema de forma científica surgiu no mestrado em Ciências da Religião pela PUC de Goiás, quando estudei a Pastoral do Surdo da Diocese de Uruaçu-GO; dando continuidade ao trabalho, na mesma linha de pesquisa Religião e Movimentos Sociais do PPGCR, avancei para pesquisar no doutorado as 19 regionais da Pastoral do Surdo da Igreja Católica no Brasil.

¹ Paróquia Sagrado Coração de Jesus da cidade de Goianésia-GO

A presente pesquisa dá, portanto, continuidade ao trabalho prévio intitulado: *Religião e Inclusão: Igreja Católica e a Pastoral do Surdo na Diocese de Uruaçu-GO* (2015-2018), desenvolvida na forma de dissertação no Mestrado Interinstitucional em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e a FASEM em Uruaçu, Goiás.

Nessa dissertação, parte-se da questão fundamental sobre como os surdos vivenciam o fenômeno religioso: se eles se sentem incluídos ou excluídos na comunidade religiosa da qual participam. Para responder à complexidade da questão, focamos na temática da inclusão do surdo na Igreja Católica a partir da análise das atividades realizadas pela Pastoral do Surdo na paróquia Sagrado Coração de Jesus da cidade de Goianésia-GO, Diocese de Uruaçu-GO.

Realizamos uma pesquisa de campo com quinze entrevistados surdos que participavam da Pastoral do Surdo na paróquia citada, além de entrevistas com membros dessa mesma pastoral e com lideranças religiosas envolvidas com essa atividade pastoral.

Relatos de surdos jovens e adultos apontaram que, ao participarem de alguns eventos nos templos, viam-se apenas como espectadores do fenômeno religioso. Como disse acima, esses relatos me deixaram irrequieta e despertaram em mim o interesse em estudar de forma mais aprofundada e detalhada a possível inclusão social dos surdos através das pastorais católicas especializadas.

Proponho-me, nesta tese, a investigar a seguinte questão: qual é a posição das igrejas (especialmente da Igreja Católica) em relação aos surdos? As práticas da Pastoral dos Surdos da Igreja Católica no Brasil promovem uma participação (inclusão) efetiva dos surdos? Como se posicionam as pessoas com deficiência auditiva perante a religião, e o que significa para eles a participação (ou não) numa comunidade religiosa?

Para responder a essa última questão, central para a pesquisa, focou-se a atenção na temática da exclusão e da inclusão do surdo na Igreja Católica, analisando-se trabalhos realizados pelas Pastorais dos Surdos do Brasil. Portanto, o objetivo dessa tese é analisar as práticas das Pastorais dos Surdos da Igreja Católica no Brasil, a respeito do potencial dinâmico de inclusão ou exclusão social que tais práticas podem significar para os surdos.

Em relação à exclusão, afirma José Carlos Pereira (2009, p. 137) que ela se tornou uma “palavra matriz que comporta diversas noções para designar aqueles indivíduos ou

grupos que são marginalizados em diferentes aspectos da sociedade, seja no âmbito do trabalho, educação, moradia, lazer ou mesmo da religião”. Ou seja, é o processo de impedir a participação, deixar de fora alguém de determinados lugares ou funções. A fala do entrevistado M.H.S. deixou claro esse processo de exclusão ao salientar que “na sociedade, sim, a experiência foi péssima. Empresas e ouvintes acham que são superiores, acham que sabem fazer que de fato não sabem nada. Não conhece a vida real do surdo e nem imagina que somos capaz”.

Desse modo, a abordagem frente às variantes no emprego do conceito de qualquer forma de exclusão, seja ela política, econômica ou religiosa, é uma “questão social”. Para Robert Castel (2004, p. 18), “a exclusão se dá efetivamente pelo estado de todos que se encontram fora dos circuitos vivos das trocas sociais”.

Paul Singer (2003, p. 61) afirma que a exclusão social vai além das categorias tradicionais, ela “pode ser vista como uma soma de várias exclusões, habitualmente muito inter-relacionada”.

Pereira (2009) aponta que há uma associação da exclusão social com a exclusão religiosa, como podemos analisar no apontamento do entrevistado C.F., ao destacar o processo de exclusão pelo qual passam os surdos na sociedade, por falta do conhecimento da sua língua materna pelos ouvintes: “Agora como fica surdo é funcionário na empresa quem vai comunicar com surdos na empresa, responsável é gerente ou supervisor tem obrigado comunicar libras com os surdos”. Logo na sequência da entrevista o pesquisado ressalta que: “o dono da empresa também é obrigado aprender libras...”.

O mesmo entrevistado continua a apontar situações vivenciadas pelo surdo no cotidiano, como falta de acessibilidade a direitos fundamentais para viverem dignamente, profissionais ouvintes, não saberem a Libras: “Imagina se surdo é paciente... isso acontece estar no hospital ou internado ou sessão terapia...”. Eu já acompanhei uma pessoa surda para consulta e pude observar o quanto é perigoso, para a pessoa com deficiência auditiva, o médico não saber Libras. Ele pode não diagnosticar corretamente a patologia e prescrever um medicamento que pode até levar o surdo a óbito.

Em seguida, o surdo entrevistado destaca a situação na igreja: “Se padre não sabe libras, como ele vai participar na pastoral de surdos...”. Destaca que, para ser incluído na reunião, o requisito de acesso é a Língua Brasileira de Sinais, assim afirma: “É obrigado

aprender libras para participar reunião ou encontro grupo de surdo ou grupo de catequese ou grupo de casal”. Em consonância com os relatos do pesquisado, Pereira (2009, p. 143-144) expõe que “a exclusão religiosa faz parte de um amplo processo de privações que sofre o indivíduo, grupos ou camadas sociais, mas que ela, a religião, detém, em seu âmago, elementos que possibilitam, senão suprimir, diminuir o grau de exclusão”.

A presente pesquisa justifica-se não somente pelo desejo de compreender como os surdos percebem e interpretam sua participação na Igreja, mas também pelo interesse em identificar como se dá, de fato, a participação dessas pessoas numa comunidade católica e, ainda, para conhecer as formas de inclusão ou exclusão social praticadas e possibilitadas pelas Pastorais dos Surdos.

A importância da pesquisa se deve ao fato de que um dos problemas sociais da era da globalização cujos dados são alarmantes é a surdez. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2019), existem 500 milhões de surdos no mundo e, até 2050, haverá, pelo menos, 1 bilhão em todo o globo².

Um estudo sobre as formas de participação ou exclusão dos surdos na Pastoral dos Surdos na Igreja Católica no Brasil proporcionará conhecimentos acerca do processo de possível exclusão ou inclusão dos surdos, produzirá informações, dados, questionamentos e reflexões que corroboram para o avanço do conhecimento científico, além de subsidiar políticas públicas e religiosas para a inclusão das pessoas com deficiência, especialmente os deficientes auditivos.

Como subsídio para a pesquisa, utilizei documentos da Igreja Católica: os documentos do Concílio Vaticano II³, em especial a Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”; a Mensagem do Papa João Paulo II proferida no Congresso Internacional de 2004: “Dignidade e direitos da Pessoa com Deficiência” e a Campanha da Fraternidade de 2006. Além disso pesquisei a legislação inclusiva, as políticas públicas de inclusão: a Constituição Federal (1988) Art. 205, a Declaração dos Direitos Humanos (1948), o Decreto Nº 5.626/05 que regulamenta a Lei 10.436/02 (LIBRAS), e as Leis 12.319/10

²Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-10/brasil-tem-107-milhoes-de-deficientes-auditivos-diz-estudo>.

³São 4 constituições: *Dei Verbum, Lumen Gentium, Sacrosanctum Concilium e Gaudium et Spes*, 9 decretos: *Ad Gentes, Presbyterorum Ordinis, Apostolicam Actuositatem, Optatam Totius, Perfectae Caritatis, Christus Dominus, Unitatis Redintegratio, Orientalium Ecclesiarum e Inter Mirifica* e 3 declarações: *Gravissimum Educationis, Nostra Aetate e Dignitatis Humanae* elaboradas e aprovadas pelo Concílio.

(TILS), Lei 13.146/15 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Lei ABNT NBR 9.050/04/15 (sobre a Acessibilidade Arquitetônica), Lei nº 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 14.191/21 (educação bilíngue de surdos) e outras.

Como toda religião, a Igreja Católica disponibiliza um conjunto de elementos para favorecer a ligação do homem com o sagrado: um credo, o culto à divindade, à vida moral correspondente às verdades religiosas professadas. Nesse contexto, busca-se compreender se as atividades da Pastoral do Surdo trazem uma forma de inclusão social que realmente vá ao encontro das necessidades das pessoas com diversidade auditiva. A Pastoral dos Surdos do Brasil é composta por dezenove regionais espalhadas pelo país. Busca-se aqui entender se a participação dos surdos nas atividades da Pastoral do Surdo é percebida por eles como uma forma de inclusão social, como um reforço de sua dignidade.

Para a construção do arcabouço teórico, trabalhei com os conceitos de religião, exclusão, inclusão, Igreja Católica, Pastoral dos Surdos. Os principais autores que orientaram minhas reflexões nessa pesquisa foram Max Weber (2002), César Augusto de Assis Silva (2012), Bourdieu (1998), Romeu Kazumi (1997), Luiz Carlos Dutra (2005), Maria Teresa Eglér Mantoan (2015), Otto Marques (1987), Paugam (1999), Wach (1990), Robert Castel (2004), entre outros que são também referência sobre as temáticas que abordei.

Além da pesquisa bibliográfica na literatura especializada, realizei um levantamento de dados através de um estudo empírico a distância junto a 19 regionais da Pastoral do Surdo do Brasil, envolvendo os três grupos que compõem essa Pastoral: os surdos, os agentes da Pastoral do Surdo (que podem ser surdos ou ouvintes) e as lideranças religiosas da Pastoral do Surdo. Em decorrência da Pandemia do Covid-19⁴, utilizei um questionário no Google *Forms*⁵ (formulários online) de 12 perguntas abertas e fechadas, com o objetivo de buscar informações importantes, através de entrevistas via *WhatsApp*⁶.

4 A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Dados e informações disponíveis em: <https://www.paho.org/pt/covid19>.

5 O Google *Forms* é um serviço gratuito para criar formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções. Dados e informações disponíveis em: <https://educ.unifei.edu.br>.

6 O WhatsApp é um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, disponível para smartphones Android, iOS, Windows Phone, Nokia e computadores Mac e Windows. Dados e informações disponíveis em: <https://olhardigital.com.br>.

As perguntas foram elaboradas para coletar dados que permitissem responder à questão básica que orienta a pesquisa: a participação nas atividades da Pastoral do Surdo contribui para que o surdo se sinta incluído socialmente e reforce sua dignidade? As práticas da Pastoral do Surdo do Brasil, a respeito do potencial de inclusão ou exclusão social, têm significado para os surdos? A pesquisa foi dirigida aos três grupos: os surdos que participam da Pastoral do Surdo, os agentes da Pastoral do Surdo e os líderes religiosos que coordenam a Pastoral do Surdo das 19 regionais do Brasil. A amostragem total atingiu 162 entrevistas. Pelo fato de a Língua Materna dos surdos ser LIBRAS, e o questionário da pesquisa no *Forms* estar na Língua Portuguesa, seguimos a solicitação do Comitê de Ética e passamos as explicações necessárias sobre a pesquisa aos participantes através de videochamadas de WhatsApp. Também utilizamos o WhatsApp para explicar as perguntas da entrevista e para gravar vários vídeos em LIBRAS com legenda e áudio. Alguns surdos, no momento da entrevista, optaram por gravar os vídeos de suas respostas, então, traduzi para a Língua Portuguesa, enviei-lhes a tradução para que respondessem no *link* do *Forms* em Língua Portuguesa.

As entrevistas foram realizadas com 162 pessoas. Para os participantes surdos fez-se uma videochamada, com tradução simultânea em LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais e datilologia (recurso das línguas de sinais que utiliza as mãos para representar o alfabeto das línguas orais). Isso foi necessário em decorrência da variação nos Estados dos sinais e significados diferentes em LIBRAS. Eu me identifiquei, expliquei a natureza da pesquisa, o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e as perguntas do questionário em LIBRAS. O questionário foi aplicado nas 19 regionais do Brasil. No processo de qualificação, a banca sugeriu a aplicação de mais cinco questões. Para completar a pesquisa, gravei e enviei os 5 vídeos em LIBRAS, com legenda em Língua Portuguesa e áudio, das mesmas 5 questões que enviei pelo WhatsApp do questionário complementar para surdas e surdos que participam das regionais da Pastoral do Surdo no Brasil.

Em relação à estrutura da tese, está organizada da seguinte forma: no capítulo I, será feita uma retrospectiva histórica da luta por reconhecimento e direitos iguais do surdo na sociedade, uma vez que esse caminho tem sido muito longo e difícil. Na continuação do primeiro capítulo, foi descrita a trajetória da pessoa com deficiência auditiva na educação. Na sequência, trato do surdo como objeto de direito para sujeito de direito:

mudanças nos termos e direitos; religião e os desdobramentos da exclusão e inclusão do surdo.

O capítulo II trata de um levantamento teórico da formação histórica das Pastorais católicas dos Surdos no Brasil – Como o surdo vê a religião e como ela pode ser um espaço e um mecanismo para a inclusão social; em seguida abordo a função social da Pastoral do Surdo, seu envolvimento e sua atuação; a Pastoral dos Surdos Nacional e as dezenove Regionais das Pastorais dos Surdos do Brasil. Na sequência trato da pesquisa de campo: Religião e Promoção Humana: um estudo das Pastorais Católicas dos Surdos no Brasil. Realizados nas dezenove Regionais da Pastoral dos Surdos do Brasil em 2022. Entre as dificuldades enfrentadas durante a pesquisa, duas se sobressaíram, sendo elas, a obtenção de documentação e os contatos dos surdos que participam da Pastoral do Surdo nas regionais do país, como veremos mais adiante, neste capítulo.

Na continuidade do capítulo II faço uma análise teórico-empírica sobre a inclusão dos surdos na Igreja Católica a partir dos resultados da pesquisa de campo com surdos, com os agentes da Pastoral e com os líderes da Pastoral do Surdo.

A pesquisa demonstra sua relevância ao produzir conhecimentos acerca do processo de inclusão ou exclusão dos surdos no campo religioso e por promover a reflexão sobre o acolhimento e a inclusão da diversidade auditiva.

É importante ressaltar que transcrevi para a pesquisa, as respostas dos surdos sem alterar a forma que escreveram, respeitando sua escrita, levando em consideração a não adequação dos verbos, artigos, pronomes, concordância entre outros. Os gráficos que seguem abaixo, 3 foram gerados pelo *Forms* e os demais no Excel⁷, para uma melhor visualização e análise dos dados obtidos.

Finalmente, espero que nossa pesquisa, a primeira realizada nas 19 regionais do Brasil, ao investigar a atuação da Pastoral do Surdo no País, possa contribuir para a elaboração de políticas saneadoras para a inclusão do surdo na sociedade e nas comunidades religiosas.

7 O Excel é um programa informático desenvolvido e distribuído pela Microsoft Corp. Trata-se de um software que permite realizar tarefas contábilísticas e financeiras graças às suas aplicações para criar e trabalhar com folhas de cálculo. Dados e informações disponíveis em: <https://conceito.de/excel>. Acesso em: 25/08/2022.

- CAPÍTULO I –

RETROSPECTO HISTÓRICO DA LUTA POR RECONHECIMENTO E DIREITOS IGUAIS DO SURDO NA SOCIEDADE

O presente capítulo tem como objetivo realizar um retrospecto histórico da luta por reconhecimento e direitos iguais das pessoas surdas na sociedade, destacando os principais avanços, desafios e conquistas que marcaram essa trajetória. A análise abrange desde os primeiros registros de ações voltadas à inclusão dos surdos até a criação de legislações e políticas públicas que asseguram o direito à educação bilíngue, acessibilidade e participação plena na sociedade. Esse percurso histórico evidencia não apenas os esforços da comunidade surda em buscar sua valorização, mas também a importância do engajamento social e institucional para garantir a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade.

1.1 TRAJETÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA EDUCAÇÃO

Para compreender a inserção da pessoa com deficiência na sociedade, é importante entender como se dá (ou não) seu processo de educação formal. A seguir, abordaremos a evolução do processo histórico da educação dos surdos ao longo dos anos, a partir de diferentes fases: exclusão, segregação, integração e fase da inclusão. Buscamos compreender, em épocas e contextos culturais distintos, o processo da integração dos surdos na sociedade através da educação.

A Idade Antiga, conforme Correia (1999), se caracterizou por ser um período de grande exclusão social: as crianças nascidas com alguma deficiência eram abandonadas ou mesmo eliminadas, sem direito ao convívio social. Desse modo, segundo o autor, “na Antiguidade, os surdos sofreram os mais diversos tipos de preconceito e crueldade, sendo sacrificados de maneira penosa ou então, vistos como incompetentes” (Correia, 1999, p. 32). Goldfeld reforça esse pensamento:

A ideia que a sociedade fazia sobre os surdos, no decorrer da história, geralmente apresentava apenas aspectos negativos. Na antiguidade os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonados ou sacrificados. Até mesmo na Bíblia pode-se perceber uma posição negativa em relação à surdez (Goldfeld, 2002, p. 27).

Essa ideia negativa sobre o surdo perdurou até o século XV. As pessoas com deficiência auditiva foram consideradas incapazes de aprender e não frequentavam instituições escolares. Os surdos, principalmente, os que não desenvolviam a língua oral, eram excluídos da sociedade, sendo proibidos de casar-se, possuir ou herdar bens e viver como as demais pessoas. Assim sendo, privados de seus direitos básicos, tinham sua sobrevivência afetada, viviam totalmente à margem da sociedade.

No que se refere à Idade Média, a concepção da deficiência era obra de intervenção direta de Deus ou de outros seres superiores, como castigo para expiação de pecados ou benção, quando essas pessoas possuíam o dom da vidência ou de cura. Assim, muitas vezes, as famílias preferiam escondê-las, privando-as da vida comunitária e social, pois achavam vergonhoso ter um filho especial (Frias; Menezes, 2008). Tal pensamento preconceituoso difundido na Idade Média influenciou a maneira como a sociedade concebia a pessoa com deficiência. Elas eram vistas como indivíduos incapazes de pensar e aprender, portanto sem necessidade de frequentar uma escola.

O início da Idade Moderna também se caracterizou pela intolerância em relação às pessoas com deficiências físicas e mentais. Somente no início do século XVI é que se começou a se defender a ideia de que os indivíduos, com alguma deficiência, física ou mental poderiam receber algum tipo de instrução, dentro ou fora da escola formal.

A partir do século XVI aparecem os apontamentos dos primeiros educadores para surdos. Não havia escolas especializadas, as pessoas ouvintes tentavam ensinar os surdos. Reis (1992) relata que “Cardamo foi o primeiro a afirmar que o surdo deveria ser educado e instruído: ‘é um crime não instruir o surdo-mudo’”. Gerolamo Cardamo era um italiano que utilizava sinais e linguagem escrita como metodologia para ensinar os surdos.

Ainda no século XVI, Pedro Ponce de Leon (1520-1584), monge beneditino espanhol, ensinou quatro surdos filhos de um nobre a falar grego, latim e italiano, além de ensinar conceitos de física e astronomia. Ponce de León desenvolveu uma metodologia

que utilizava treinamento de voz, datilologia (representação manual das letras do alfabeto), leitura labial, além de sinais. Criou uma escola de professores para surdos.

Dos séculos XVI ao XIX, alguns professores dedicaram-se à educação dos surdos, entre eles Juan Martin Ivan Pablo Bonet na Espanha, que publicou o livro: *Reduccion de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos*. No ano 1750 o Abade Charles Michel de L'Epée, na França, segundo Goldfeld (2002, p. 28) “se aproximou dos surdos que perambulavam pelas ruas de Paris, aprendeu com eles a língua de sinais e criou os “Sinais Metódicos”, uma combinação da língua de sinais com a gramática sinalizada francesa”. L'Epée fez de 1771 a 1785 de sua casa em Paris a primeira escola pública para surdos-mudos em que utilizava uma língua de sinais; ela passou a atender 75 alunos.

No ano de 1750, segundo Goldfeld (2002, p. 29), “surgem as primeiras noções do que hoje constitui a filosofia educacional oralista, filosofia que acredita ser o ensino da língua oral, e a rejeição à língua de sinais, a situação ideal para integrar o surdo na comunidade geral”. Samuel Heinick (Alemanha) foi o fundador da primeira escola pública baseada no método oral, ou seja, que utilizava apenas a língua oral na educação das crianças surdas. Sua escola tinha nove alunos.

Na época, as metodologias de L'Epée e Heinick se confrontaram e foram submetidas à análise por parte da comunidade científica. Os argumentos de L'Epée foram considerados mais fortes. O abade Charles-Michel de L'Epée defendia que todas as pessoas com surdez, independentemente de seu nível social e econômico, deveriam ter direito à educação pública e gratuita. Guarinello (2007) explana que:

O Século XVIII é considerado por muitos o período mais próspero da educação dos surdos. Nesse século, houve a fundação de várias escolas para surdos, além disso, quantitativamente, a educação do surdo também evoluiu, já que, através da Língua de Sinais eles podiam aprender e dominar diversos assuntos e exercer várias profissões (Guarinello, 2007, p. 38).

No tocante ao Brasil, segundo Brito (1997, p. 07), no ano de “1857, Hernest Huet, professor francês surdo, partidário de L'Epée, que utilizava o Método Combinado, veio para o Brasil, a convite de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos surdos de nosso país”. O mesmo afirma que:

O Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje INES, mantido pelo Governo Federal, atende em seu Colégio de Aplicação crianças, jovens e adultos surdos, de ambos os sexos. A partir de Huet, os surdos brasileiros passaram a contar com uma escola especializada para sua educação e tiveram a oportunidade de criar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que mesclou a Língua de Sinais Francesa e os sistemas de comunicação já usados por surdos de outras localidades (Brito, 1997, p. 07).

No entanto, a educação dos surdos só se efetivou a partir do início do século XIX, com a publicação de diversas obras sobre o assunto, estimulando, assim, o processo educativo entre os surdos. Em 1878, ocorreu em Paris, o I Congresso Internacional de Surdos-Mudos e, a partir da segunda edição deste Congresso ocorrida em 1880, em Milão, passou-se a recomendar o Método Oral Puro. Esse Método Oral Puro privilegiava a fala e a escrita em detrimento dos gestos, por considerar que o indivíduo com surdez assimila melhor a prática da conversação para sua aprendizagem (Maia, 2019).

Goldfeld (2002, p. 31) afirma que Alexandre Gran Bell (Canadá e EUA), o inventor do telefone, foi o mais importante defensor do Oralismo e exerceu grande influência no resultado da votação do Congresso Mundial de Professores de Surdos, realizado em Milão, no ano de 1880, tendo prevalecido o Método Oral Puro definido para o ensino dos surdos. É importante ressaltar que aos professores surdos foi negado o direito de votar no Congresso, em Milão, na Itália, para definir o método de ensino dos surdos.

Dos 164 membros do Congresso de Milão⁸, apenas um era surdo: James Denison que, ao lado de Isaac L. Peet, de Charles Stoddard e dos irmãos Edward e Thomas Gallaudet, integrava a delegação estadunidense. Mais de 160 educadores e especialistas ouvintes divergiam quanto ao método para o ensino dos surdos. Uns eram favoráveis à priorização da língua falada, o Método Oral Puro, e outros ao Método Combinado que mesclava a língua de sinais, já conhecida pelos alunos, com o ensino da fala.

No século XX, aumentou o número de escolas para surdos em todo o mundo. No Brasil, foram criadas mais instituições voltadas para a diversidade auditiva como o Instituto Santa Terezinha, em São Paulo, para meninas surdas; a Escola Concórdia em Porto Alegre, a Escola de Surdos, em Vitória, o Centro de Audição e Linguagem “Ludovico Pavoni” (CEAL/LP), em Brasília; e várias outras que, assim como o INES e a

⁸ Dados ou informação disponível em: [http:// www.libras.com.br](http://www.libras.com.br). Acesso em: 10/02/2022.

maioria das escolas de surdos do mundo, adotaram o Método Oral.

Ocorreram avanços para a inclusão das crianças surdas em diversos países, ações de garantia do direito de todos à educação, a propagação das ideias de normalização e de integração das pessoas com necessidades especiais. O aprimoramento das próteses ortofônicas fez com que as crianças surdas de diversos países passassem a ser encaminhadas para as escolas regulares.

A integração social da pessoa com necessidades especiais de caráter temporário, intermitente ou permanente evoluiu no século XX com a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1947. A integração social tomou impulso a partir dos anos 1990, quando ocorreu a Conferência Mundial da Educação Especial. Os países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) assinaram a Declaração de Salamanca⁹ (1994) que traz a educação inclusiva como a possibilidade de “reforçar” a ideia de “educação para todos”, definindo as políticas, os princípios e as práticas da Educação Especial.

A organização em âmbito mundial de pessoas portadoras de necessidades especiais, não só garantiu os seus direitos enquanto cidadãos, como favoreceu a divulgação de suas reivindicações que, no caso dos surdos, são: respeito à língua de sinais, direito a um ensino de qualidade, acesso aos meios de comunicação, através de legendas e do TDD e serviços de intérpretes, entre outras (Brito, 1997, p. 8).

Nesse período, várias escolas pelo mundo passaram a adotar a língua de sinais como uma alternativa ao método oral. Desde 1970, nos Estados Unidos, adotou-se a chamada Comunicação Total que defende a utilização de inúmeros recursos linguísticos, propõe uma combinação de metodologias que possam inserir, da melhor forma possível, o surdo na sociedade e promover os conhecimentos necessários para sua integração social.

Atualmente, com os avanços nas pesquisas sobre surdez, linguagem e educação dos surdos, passou-se a preconizar a Filosofia da Educação Bilíngue, que defende o acesso da criança surda, o mais precocemente possível, a duas línguas: à língua de sinais e à língua de seus pais. Os surdos lutaram por décadas pela oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) enquanto ensinavam essa língua aos ouvintes.

O projeto de lei para o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

⁹ Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais, 1994, Salamanca (Espanha). Genebra: UNESCO, 1994.

iniciou sua tramitação no Congresso Nacional em 1991. Foi aprovado o projeto e transformado na Lei 10.436, sancionada em 24 de abril de 2002. A Lei reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão. A regulamentação dessa lei foi realizada pelo decreto nº. 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Brito (1997, p. 8), reitera que “essa legislação é um marco legal e histórico na educação dos surdos brasileiros, que passaram a ter assegurado, de fato e de direito, seu acesso à educação de qualidade”.

Outra conquista na área da inclusão foi a regulamentação da profissão de tradutor e intérprete de LIBRAS, através da Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010. Ela reconhece que o profissional tradutor ou intérprete têm a função de ser elo na comunicação entre a comunidade ouvinte e o surdo.

O século XXI está sendo caracterizado por várias conquistas na área da educação inclusiva. Sánchez (2015, p. 49) defende a ideia de que “A educação inclusiva é uma atitude, representa valores e crenças, não sendo apenas uma ação, e sim, um conjunto de ações”. O teórico esclarece que a inclusão das pessoas com deficiência auditiva na escola regular é realidade em vários países e está prevista nas leis e tratados que garantam aos alunos com surdez, sua inclusão para efetivação da cidadania.

Recentemente, uma importante conquista para o surdo foi a Lei 14.191¹⁰ de 3 de agosto de 2021 que alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos, que agora é uma modalidade de ensino independente, antes incluída como parte da educação especial. No Artigo 60-A a referida Lei assim expõe:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos.

A nova Lei é um marco legal da luta da diversidade auditiva pelo direito a uma educação dos surdos, que respeita à diversidade humana, linguística, cultural e identitária

10 Dados ou informação disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm. Acesso 09/01/2022.

das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva.

1.2 DE OBJETO DO DIREITO PARA SUJEITO DE DIREITOS: MUDANÇAS SOFRIDAS NOS TERMOS PARA TRATAR A PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA SOCIEDADE

As pessoas com necessidades especiais em caráter temporário, intermitente ou permanente, decorrentes de suas condições atípicas, são tão antigas quanto à própria humanidade. Otto Marques da Silva (1987) explica que, nas populações primitivas e pré-históricas, a existência de males diversos e o tratamento eram ligados à magia.

É quase certo que uma criança nascida com aleijões ou aparentando fraqueza extrema terá sido eliminada de alguma forma, tanto por não apresentar condições de sobrevivência, quanto por credices que a vinculavam a maus espíritos, a castigos de divindades ou mesmo por motivos utilitários (Silva, 1987, p. 25).

Otto (1987) menciona que os destinos das pessoas com deficiências, na arte neolítica, incidiam quando os homens com deficiências sobreviviam até a idade adulta, só assim é que poderiam ter algum valor, seja por superstição ou por real utilidade.

Foram encontrados em alguns desses vasos ou urnas homens com evidentes sinais de deformidades de natureza permanente, sendo algumas delas conseqüentes de malformações congênitas: corcundas, coxos, anões e amputados. Isso nos indica que desde épocas as mais remotas as deficiências e mesmo as deformidades de nascimento ou adquiridas por traumatismos e doenças já eram um verdadeiro flagelo da humanidade (Silva, 1987, p. 26).

No que diz respeito às atitudes diante dos grupos minoritários, pessoas doentes, com deficiências, mais idosos e outros, segundo Silva (1987), estudiosos como os historiadores e antropólogos afirmam que observaram dois tipos de atitudes ao longo da história da humanidade: uma atitude de aceitação e a outra de eliminação.

Na primeira, as pessoas que estão à margem do grupo principal devido a doenças, acidentes, velhice ou defeitos físicos são em geral aceitas das mais variadas maneiras, incluindo-se a tolerância pura e simples, chegando até o tratamento carinhoso, ao recebimento de honrarias e à obtenção de um papel relevante na comunidade. Na segunda, todavia, essas mesmas pessoas são destruídas também de formas variadas, incluindo-se desde o abandono à própria sorte em ambientes agrestes e perigosos, até a morte violenta, a morte por inanição ou o próprio banimento (Silva, 1987, p. 27).

Após as análises dos historiadores e antropólogos, Silva (1987) aponta que a causa principal da destruição das pessoas que estavam à margem do grupo principal (doentes, acidentados, velhos e deficientes) era, evidentemente, econômica, face à quase inutilidade das mesmas. “O grupo maior tinha necessidade de livrar-se do peso que significavam as dificuldades na movimentação geral”. E que as atitudes de aceitação “não correspondiam necessariamente às raças mais cultas, experimentadas ou evoluídas” (Otto, 1987, p. 27).

Sobre a representação social das pessoas com deficiência, até a metade do século XIX, a visão da sociedade e a forma como eram tratadas tinha sempre um cunho negativo, posto que eram “consideradas objeto do castigo divino. Completamente, desconsiderados no plano das ações públicas, esses indivíduos com deficiência eram enclausurados e abandonados em cadeias, leprosários e hospícios, sem nenhum tipo de tratamento” (CF 2006, p.3).

Skliar (1997, p. 19) aponta para: “sujeitos perigosos, furiosos, dignos de ser afastados e estudados com microscópio do racismo”. Já Ronders (2012, p. 46) assevera que “era legítimo expulsar os idiotas, os excepcionais, os mongoloides, os aleijados, os mudos, os surdos, os cegos etc.”. Segundo o texto base da CF 2006, até o último ano da Década da Reabilitação (1979), proclamada pela *International Rehabilitation*, a atitude que vigorava diante das necessidades e potencialidades das pessoas com deficiência era “o paternalismo humilhante”, conforme o tópico trinta e o subsequente:

Até então era comum que, as pessoas com deficiência, não fossem permitidos voz e voto nas pequenas e nas grandes decisões que afetavam sua vida. Por demasiado longo tempo, essas pessoas vinham sendo tratadas como se não fossem capazes de falar ou decidir por si mesmas sobre suas necessidades ou como se elas não tivessem consciência das injustiças ou coragem de denunciá-las publicamente, também por conta de constituírem uma minoria invisível dentro da população geral (CF2006, p. 30-31).

Mais um exemplo para explicar o resquício do preconceito na sociedade refere-se a um estudo realizado por Marilucia Melo Meireles (2010, p. 55), sobre os “bobos” na tradição da cultura da Cidade de Goiás. Segundo o estudioso, o termo é usado de forma preconceituosa para designar as pessoas com deficiência mental de grau leve a muito elevado, lesões físicas e sequelas de bócio, é a expressão “bobo”, que permanece até hoje nas expressões do cotidiano, nas frases: “chuvinha de molhar bobo”, “ah, isso é conversa de bobo”, “não pode bobear”, “deixa de ser bobo, menino!”, “vai ser bobo lá adiante”,

“Peguei o bobo na casca do ovo”, “Bobeou, dançou!”, portanto, afirma Meireles (2010, p. 24), que o uso do vocábulo “bobo” define a fronteira entre os que pertencem à comunidade e os que não pertencem.

Nos dezessete anos trabalhando na educação como tradutora e intérprete de Libras, professora de apoio e professora de Libras, presenciei o preconceito contra os surdos e contra pessoas com outras deficiências além da surdez, como deficiência mental de grau leve a muito elevado e deficiência física. É importante destacar que o laudo que o responsável entregava na Instituição Educacional era apenas sobre a surdez (Deficiência Auditiva). Observei que, por falta de conhecimento ou de condições financeiras para pagar por uma avaliação de uma equipe multifuncional (médico, psicólogo, psiquiatra, fonoaudiólogo, fisioterapeuta etc.), as outras deficiências do aluno surdo passavam despercebidas pela família ou eram ignoradas por ela (não aceitas). Isso prejudicava a aprendizagem do aluno que precisava de um acompanhamento no CAEE¹¹ no contraturno, por medo do preconceito, da discriminação. Já ouvi mães dizerem que seu filho não era “doido” para frequentar Escola de Atendimento Especializado, quando a direção, coordenador e professor do colégio comunicavam à família ou responsável sobre as necessidades especiais do aluno surdo.

No caso específico da deficiência auditiva, Assis Silva (2012, p. 23) ressalta que as categorias classificatórias e identitárias são, na verdade, posições de sujeitos diferenciados pela audição, tais como “surdo-mudo, mudo, mudinho, deficiente auditivo, ouvinte, louco, normal, d.a., mouco, hipoacústico, surdo duro, surdo leve, surdo moderado, surdo severo, surdo profundo, surdo falante e surdo oralizado”. O autor assevera que “mais que meras categorias de designação, elas implicam determinadas formas disciplinares da regulação da surdez”.

Quanto às práticas sociais das fases atravessadas na sociedade por pessoas com necessidades especiais, após as duas Guerras Mundiais, em decorrência do aumento significativo dos cidadãos deficientes e doentes mentais por consequência das guerras e pressão por parte da sociedade por um programa público de reabilitação, surge a integração social do deficiente. Segundo Otto Marques (1987), o conceito de reabilitação

11 Em Uruaçu-GO existe o Centro de Atendimento Educacional Especializado Herbert José de Souza “Betinho”, que abrange nove áreas de atendimento: Libras, Tecnologia Assistivas, Arte, Altas Habilidades, Braille, Socioafetivo, Psicomotricidade, Cognitivo, Linguagem oral/ escrita. Dados e informações disponíveis em: <http://subsecretariauruacu>.

é:

Em seu sentido amplo e de atendimento às necessidades do ser humano com deficiências, mas como um todo, tomou forma no final do século XIX, devido a fatores múltiplos, dentre os quais não podemos deixar de mencionar a preocupação de algumas sociedades com o homem em seu sentido mais profundo, as tendências humanísticas em algumas profissões, tais como a medicina psiquiátrica, e também o surgimento de outros grupos de profissionais mais voltados para problemas sociais ou dificuldades individuais do ser humano num contexto familiar e comunitário (Silva, 1987, p. 196).

Com a atenção mundial voltada para o problema dos soldados vítimas de deficiências causadas pela Segunda Guerra Mundial, a reabilitação obteve melhores condições para o seu desenvolvimento. Silva alude que “dessa época de anos difíceis do pós-guerra é que foram se definindo preocupações cada vez mais marcantes como o ajustamento psicossocial das pessoas portadoras de deficiências”. O teórico pondera que “apesar de grande quantidade de esforços na tentativa de remediar outras deficiências instaladas, pouca atenção estava sendo devotada à prevenção de outras deficiências” (Silva, 1987, p. 224).

A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou em 1971 a Declaração dos Direitos das Pessoas com Retardo Mental e em 1975, aprovou a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes. Nos postulados principais desse documento, Otto (1987, p. 236) assevera que “as pessoas deficientes têm o direito inerente ao respeito pela sua dignidade humana”. Ou seja, independente se a deficiência for adquirida ao longo da vida, patológica, congênita, temporal, intermitente ou permanente, as pessoas com deficiência têm o direito de desfrutar de uma vida decente.

O ano de 1981 foi declarado pelas Nações Unidas como o Ano Internacional das Pessoas Deficientes (*International Year for Disabled Persons*). Segundo Silva (1987, p. 237), para que “a ONU consiga obter um nível de conscientização internacional bom, haverá pelo menos o início de uma mudança gradativa nas condições de vida dessas pessoas marginalizadas devido à deficiência”. A comunidade das nações almejava a conscientização do mundo à problemática das pessoas com deficiências, “meio bilhão de pessoas”, à margem de seus direitos fundamentais.

Segundo a ONU¹² (Organização das Nações Unidas) existe um bilhão de

12 Dados ou informação disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772482#:~:text=03>

habitantes no mundo com alguma deficiência física ou intelectual, dado divulgado no dia 3 de dezembro de 2021, na celebração do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência. Relatório da UNICEF¹³ (Fundo das Nações Unidas para a Infância), de novembro de 2021, mostra que o mundo tem 240 milhões de crianças que vivem com algum tipo de deficiência. Segundo dados divulgados pelo IBGE¹⁴ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2021, no Brasil pelo menos 45 milhões de brasileiros têm algum tipo de deficiência, cerca de 24% da população do país.

Segundo a OMS¹⁵ (Organização Mundial de Saúde), 1,5 bilhão de pessoas têm algum grau de deficiência auditiva (surdez) hoje no mundo. O Relatório Mundial da Audição, lançado dia 3 de março de 2021 – e disponível aqui – trouxe dados oficiais e atualizados sobre a população global com perda auditiva.

Já, de acordo com a OMS¹⁶ - Organização Mundial de Saúde (2011) 28 milhões de brasileiros possuem algum tipo de problema auditivo, o que revela um quadro no qual 14,8% do total de 190 milhões de brasileiros, possuem problemas ligados à audição.

Com dados tão expressivos de pessoas com deficiência no mundo, e a participação delas em todas as esferas da sociedade, relembrar os fatos históricos da trajetória desses autores, é um momento para refletir as marcas na história das concepções e ideias que justificam a rejeição, o abandono e a exclusão de pessoas com deficiência, que ainda se fazem presentes em muitas consciências de forma visível ou implícita, porém perceptível nos comportamento e segmentos da sociedade como abordarei no próximo tópico.

1.3 OS DESDOBRAMENTOS DA EXCLUSÃO SOCIAL DO SURDO

Principiamos essa parte pela definição do termo exclusão, ou seja, a exclusão¹⁷ como ação ou efeito de excluir, segregar, de deixar de fora tem sua etimologia no Latim: *exclusio. onis*. No jurídico, o termo significa: ação que consiste na privação das funções de alguém. Embora o conceito de exclusão seja amplo, segundo Serge Paugam (1999, p.

% 20de% 20dezembro. Acesso em 10/01/2022.

13 Dados ou informação disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/11/1769892>. Acesso em: 10/01/2022.

14 Dados ou informação disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/09/politicas-publicas-levam-acessibilidade-e-autonomia-para-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 10/01/2022

15 Dados ou informação disponível em: <http://cronicasdasurdez.com>. Acesso em 09/02/2022.

16 Dados ou informação disponível em: <http://otocenter.com.br/deficiencia-auditiva-atinge-97-milhoes-de-brasileiros/>. Acesso em 10/01/2022.

17 Dados ou informação disponível em: dicio.com.br/exclusao/. Acesso em 02/07/2022.

49), “mais um paradigma social do que um verdadeiro conceito sociológico, de tantas variantes no seu uso”. Pereira (2009 p. 137) ressalta que a exclusão se tornou uma “palavra matriz que comporta diversas noções para designar aqueles indivíduos ou grupos que são marginalizados em diferentes aspectos da sociedade, seja no âmbito do trabalho, educação, moradia, lazer ou mesmo da religião”. Por sua vez, Schwartzman (2004, p. 85) escreve que “pobreza” e “exclusão social” são termos usados “quase como sinônimos”, o que supõe “a consideração de que qualquer pessoa socialmente integrada está também protegida contra a pobreza e a miséria”.

A exclusão é a consequência da discriminação, da privação ou mesmo dos obstáculos colocados, seja por uma economia capitalista globalizada a qual dificulta que indivíduos, grupos ou categorias sociais participem ou exerçam atividades sociais que lhes garantam uma vida digna (Pereira, 2009, p. 145). Dessa forma, a exclusão parece ser a pobreza associada a uma desintegração do indivíduo da sociedade, o que dá margem a inúmeras interpretações.

Percebe-se que o foco de Pereira (2009) recai mais sobre a desinserção do mercado de trabalho, na medida em que se refere aos “excluídos”, como pessoas sem recursos monetários, impedidas de ter ou manter uma relação de assalariamento. V.O.S, durante a entrevista, expôs a dificuldade de inserção no mercado de trabalho: “gostaria de um emprego. Eu não entendo nada que você fala. Eu triste poucos ouvintes libras paciência amigos. Eu surdo 1 sofrer dor calar coração muito paciência”. Essa foi a resposta quando perguntei se ele já se sentiu excluído na sociedade. Já outro surdo explicou: “Sim. Muitos duvidaram pela minha capacidade e me deixava último p fazer alguns serviços, por medo de eu errar ou prejudicar”.

Segundo Paugam (2004, p. 16), o fenômeno da exclusão amplia para outros campos e categorias das mais diferentes formas de desigualdades sociais, além dos carentes “por exemplo, as pessoas de idade, defeituosos físicos, delinquentes, alguns doentes e, naturalmente os imigrantes”. Conforme Carone (2004), a exclusão não aparece conceituada, mas sua amplitude se revela quando se identificam os “segmentos excluídos” como todos aqueles que se colocam nas posições mais baixas em relações de desigualdade social: mulheres, minorias étnicas, deficientes físicos, populações carentes etc.

Paugam (2004) ressalta que a exclusão social se estende ao campo religioso: “a exclusão que envolve as relações de poder que estão permeadas na estrutura eclesial católica e nos espaços de relações geridos pelos membros desta hierarquia”. Em consenso com Paugam, no texto base da CF (2006, p. 11), a Igreja não soube acolher, de forma efetiva, essas pessoas com deficiência, compreender sua condição e possibilidades para participar dos Sacramentos e da vida eclesial, não entendeu que a não participação, não dependia apenas de sua vontade e interesse e, sim, de condições oportunizadas e criadas pela própria Igreja. Já Pereira (2009 p. 143) salienta que a exclusão religiosa faz parte de um amplo processo de privações que sofre o indivíduo, grupos ou camadas sociais, mas que ela, a religião, detém, em seu âmago, elementos que possibilitam, senão suprimir, pelo menos, diminuir o grau da exclusão. De tal modo que os avanços no acolhimento de pessoas com deficiência pela Igreja ocorreram por meio das Congregações religiosas, pelo seu carisma e áreas de atenção eclesial, porém, ainda assim, tais pessoas eram vistas como incapazes de qualquer atuação dentro das Igrejas.

Outro conceito de exclusão parte da noção de trajetória, e de que “o excluído nem sempre nasce excluído, mas pode estar, num determinado momento, numa situação de exclusão” (Paugam, 1999, p. 61). O estudioso aponta a compreensão da exclusão como desqualificação social, conforme explica Pereira (2009, p. 146), fiéis que se sentiam excluídos, embora com certo poder aquisitivo, “foram colocados à parte pela família, sendo rejeitados ou mesmo desqualificados por fatores como: doença, velhice, solidão, problemas afetivos ou psicológicos”. Assim sendo, Sposati (1999, p. 129) afirma que “a exclusão inclui até mesmo o abandono, a perda de vínculos, o esgarçamento das relações de convívio, que necessariamente não passam pela pobreza”. A abrangência de exclusão social também como “cultural, relativa, histórica e religiosa. Enfim, a exclusão com perda de possibilidade de participação efetiva num determinado espaço de relações sociais” (Pereira, 2009, p. 148).

Outras concepções de modelos de exclusão social são os conceitos pré-inclusivistas que abrangem diferentes fases do processo de exclusão social ao modelo integrativo e influenciam contemporaneamente no comportamento das pessoas da sociedade diante das pessoas com deficiências em caráter temporário, intermitente ou permanente. Início aqui pelo modelo médico de deficiência, o qual tem influência no posicionamento da sociedade e na forma do tratamento discriminatório das pessoas com

necessidades especiais.). Uma das razões pelas quais as pessoas deficientes estão expostas à discriminação é que os diferentes são, frequentemente, declarados doentes (Romeu Kazumi, 1997, p. 28).

Segundo esse autor, no modelo médico da deficiência, a pessoa deficiente é a que precisa ser curada, tratada, reabilitada, habilitada etc. a fim de ser adequada à sociedade como ela é sem maiores modificações. Em outros termos, no modelo médico, a deficiência é um “problema” que precisa ser tratado por profissionais, como é citado na CF2006:

pelo modelo médico, cabe à pessoa, e somente a ela, a tarefa de tornar-se apta a participar da sociedade. Para tanto, seu corpo precisa ser “consertado”, “adaptado”, “normalizado” para poder funcionar a contento no ambiente social tal qual existe, que passa a ser um problema que pode ser minorado ou resolvido pela ciência (CF2006, p. 60).

Uma das consequências históricas desse modelo foi a integração de muitos indivíduos com deficiência internados em instituições educacionais e de reabilitação durante grande parte de suas vidas. Após a década de 30, surgem as primeiras instituições especializadas em educação para indivíduos com deficiência e com transtorno mental, dentro de uma abordagem assistencialista e paternalista da deficiência. Surgem Organizações, com caráter filantrópico, tais como o INES – Instituto Nacional de Educação para Surdos (RJ), o Instituto Benjamin Constant (RJ), o Lar das Moças Cegas (SP), a Sociedade Pestalozzi (RJ), hoje congrega 200 entidades no país. Essas entidades foram pioneiras na Educação Especial entre nós. Os centros de reabilitação, por muitas décadas, desempenharam o papel de principal agente disseminador do modelo médico da deficiência.

Outro conceito pré-inclusivista é a integração social que surgiu para acabar com a prática de exclusão social que ocorria com as pessoas com deficiência, antigamente, elas eram consideradas inválidas, sem utilidade para a sociedade e incapazes para trabalhar.

Conforme o texto da Campanha da Fraternidade de 2006, na comunidade religiosa, a realidade eclesial do anúncio do Evangelho no Brasil, em relação às pessoas com deficiência, passou por diferentes fases. Podemos dizer que, num primeiro momento, a Igreja não soube acolher, de forma efetiva, essas pessoas, nem compreender suas condições e possibilidades para que pudessem participar dos sacramentos e da vida eclesial e que a não participação não dependia apenas de sua vontade e interesse e, sim,

de condições oportunizadas e criadas pela própria Igreja. As mudanças e os avanços no acolhimento de sujeitos com deficiência pela Igreja ocorreram por meio de Congregações religiosas, pelo seu carisma e áreas de atenção eclesial, porém, ainda assim, eram vistas como incapazes de qualquer atuação dentro das Igrejas.

Globalmente falando, algumas culturas eliminavam seres humanos com deficiência, outras internavam esses indivíduos em grandes instituições de caridade, junto com doentes e idosos. As instituições foram se especializando para atender os indivíduos, segundo o tipo de deficiência, assim, as segregações institucionais continuaram sendo praticadas.

Até o século XIX, início do século XX, a Hierarquia da Igreja não se posicionou oficialmente sobre as pessoas com deficiência, fazendo silêncio sobre o assunto. Predominava a mentalidade de exclusão, apesar da forte influência na formação da opinião dos povos. Não foi assumido pela Instituição o projeto de inclusão de Jesus Cristo, porém, nas condições históricas concretas de cada época, a Igreja sempre atuou junto aos pobres – acolhendo-os, amparando-os, providenciando-lhes abrigo, alimentação e certo nível de conforto. No século XVII, a Igreja mantinha Hospitais na Europa, que atendiam indivíduos pobres e desamparados, nesse contingente, incluíam-se as pessoas com deficiência, seja ela física ou mental.

A ideia era promover todos os serviços possíveis dentro das instituições, uma vez que a sociedade não aceitava receber sujeitos com deficiência nos serviços existentes na comunidade. Apenas na década de 1960, surgiram várias instituições especializadas: escolas especiais, centros de habilitação, centros de reabilitação, oficinas protegidas de trabalho, clubes sociais especiais, associações desportivas especiais.

No final da década de 1960, o Movimento pela Integração Social começou a inserir os indivíduos com deficiência nos sistemas sociais gerais: educação, trabalho, família e lazer. Essa nova abordagem ocorreu devido ao processo de normalização: “a ideia de que toda pessoa com deficiência, especialmente, aquela com deficiência mental, tem direito de experienciar um estilo ou padrão de vida que seria comum ou normal à sua própria cultura”. Na década de 70, a normalização passou a significar o processo de normalizar serviços e ambientes.

Segundo Mantoan (1997, p. 120), “a normalização visa a tornar acessíveis às

peessoas, socialmente desvalorizadas, condições e modelos de vida análogos aos que são disponíveis de um modo geral ao conjunto de pessoas de um dado meio ou sociedade”.

Sasaki (1997) afirma: “fica evidente que se trata de criar um mundo – moradia, escola, trabalho, lazer etc. – separados embora muito parecidos? Com aquele em que vive qualquer pessoa”.

Na sequência dos conceitos pré-inclusivistas, adentrando a década de 1980, na área da educação, desenvolve-se o *mainstreaming*, termo utilizado sem tradução que significa levar os alunos o mais possível para os serviços disponíveis na corrente principal da comunidade. Por outro ângulo, *mainstreaming* consistia em colocar estudantes [com deficiência] em classes comuns, principalmente, classes acadêmicas, para finalidades instrucionais. A prática de *mainstreaming* corresponde hoje à integração de crianças e jovens que conseguem acompanhar aulas comuns sem que a escola tenha uma atitude inclusiva.

Segundo Sasaki (1997), o processo de *mainstreaming* contribuiu para a aquisição de conhecimentos e experiências de integração que, mais tarde, abriu caminho para o surgimento do paradigma da inclusão e da equiparação de oportunidades.

No final dos anos 80 e início da década de 90, algumas instituições sociais parte da comunidade acadêmica, organizações vanguardistas de pessoas com deficiência perceberam que a prática da integração social não era suficiente para acabar com a discriminação contra esse segmento populacional e para garantir a participação plena com igualdade de oportunidades.

Sasaki (1997, p. 33-34) argumenta que “a integração tinha e tem o mérito de inserir a pessoa com deficiência na sociedade, sim, mas desde que ela esteja de alguma forma capacitada a superar as barreiras físicas, programáticas e atitudinais nela existentes”. O autor explica que o modelo médico da deficiência ainda vigente reflete pelo fato da integração constituir um esforço unilateral tão somente da pessoa com deficiência e seus aliados (a família, a instituição especializada e algumas pessoas da comunidade que abracem a causa da inserção social).

A integração social ocorria e ainda ocorre de três formas, a primeira forma, segundo Sasaki (1997, p. 33) é a: “Inserção pura e simples, ou seja, pessoas com deficiência que conseguiram ou conseguem por méritos próprios pessoais e profissionais,

utilizar os espaços físicos e sociais, sem nenhuma modificação por parte da sociedade. Por exemplo: escola comum”. A segunda forma de integração social, de acordo com Sasaki (1997, p. 34), é a “inserção que necessitava ou necessita de alguma adaptação específica no espaço físico comum ou no procedimento da atividade comum a fim de poderem conviver com pessoas não deficientes”. A 3ª forma de integração social para Sasaki (1997, p. 34) é a ‘Inserção em ambientes separados, ou seja, a pessoa com deficiência é inserida em ambientes separados dentro dos sistemas gerais, por exemplo: escola especial, o que não deixa de ser segregativa’.

As três formas de inserção social não satisfazem completamente o direito de todas as pessoas com deficiência. Devido à integração, pouco ou nada exige-se da sociedade no sentido de modificação de atitudes, espaços físicos e práticas sociais.

No modelo integrativo, a sociedade recebe as pessoas com deficiência que segundo Sasaki (1997, p. 34) sejam capazes de:

Moldar-se aos requisitos dos serviços especiais separados; acompanhar os procedimentos tradicionais; contornar os obstáculos existentes no meio físico; lidar com as atitudes discriminatórias da sociedade; desempenhar papéis sociais individuais com autonomia, não necessariamente com independência (Sasaki, 1997, p. 34).

A inserção dos indivíduos com deficiência, no modelo integrativo, exige que a atitude desses indivíduos seja modificada para serem incluídos na comunidade. No entanto, o oposto ocorre na inclusão social.

Os centros de reabilitação, por muitas décadas, desempenharam o papel de principais agentes disseminadores do modelo médico da deficiência. A inserção dos indivíduos com deficiência, no modelo integrativo, exige que a atitude desses indivíduos seja modificada para serem incluídos na comunidade.

1.3.1 Dificuldades e barreiras enfrentadas pelo surdo

A diversidade auditiva passou por descasos, abusos e maus tratos ao longo da trajetória da humanidade, como vimos anteriormente no breve retrospecto histórico abordado. Atualmente, no entanto, continuam existindo vários casos de dificuldades e barreiras em relação à pessoa com deficiência, uma vez que ela continua tendo seu direito à vida e ao princípio da dignidade da pessoa humana, negado e violado pela sociedade.

Como reza o Artigo 5º da Constituição Federal de 1988: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Conforme Moraes, (2003, p. 20), “O direito à vida é o mais fundamental de todos os direitos, já que se constitui em pré-requisito à existência e exercício de todos os demais direitos”.

Logo, o princípio da dignidade da pessoa humana está diretamente conexo ao direito à vida, pois busca garantir que as pessoas sejam tratadas da melhor maneira possível, independentemente de qualquer fator. De acordo com Barroso, (2011, p. 11), “A dignidade humana, é um valor fundamental que se viu convertido em princípio jurídico de estatura constitucional [...]”. Devido à sua importância, está prevista no Artigo 1º, inciso III da Constituição Federal de 1988.

Entre as barreiras que pessoas com deficiência auditiva enfrentam no cotidiano está a de serem consideradas incapazes, logo não conseguem trabalhar e estudar como os ouvintes, tornam-se “coitadinhos”. Atitude preconceituosa e falta de informação de pessoas ignorantes, o surdo é uma pessoa como as outras ouvintes, capaz de aprender, de desenvolver seu potencial, trabalhar, ter vida social ativa. Durante os dezessete anos de trabalho na educação, como intérprete de Libras, por várias vezes, presenciei o aluno surdo, por mérito próprio, tirar uma das melhores notas da sala e de escutar de alunos e até de colegas da profissão se ele realmente havia feito a prova ou outra pessoa.

Por outro lado, já me deparei com situações de surdos que não tiveram o acompanhamento do intérprete de Libras na formação escolar, da educação infantil ao fundamental, crianças que não tiveram o apoio da família para aprender Libras e acompanhamento, não ter acesso a uma educação voltada às suas necessidades, ficando na situação mostrada pela pesquisadora Silvia Andreis¹⁸ ao afirmar que os surdos no Brasil não têm acesso a uma educação realmente voltada às suas condições especiais. A pessoa que não ouve é tratada como se não tivesse condições de aprender. O resultado é a formação de iletrados funcionais. Segundo Silvia A. Witkoski “O problema não está nos alunos, mas na carência de qualidade dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Os

18 Dados ou informação disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/06/surdos-sao-tratados-como-incapazes-de-aprender-diz-professora-doutora.html>. Acesso em: 01/08/2022.

surdos são tratados preconceituosamente como incapazes de apreender”.

A pessoa com deficiência auditiva tem dificuldade em ingressar no mercado de trabalho. Segundo Magno (2009, p. 7) segue-se, normalmente, o seguinte pensamento: “se eu contrato um surdo, tenho que fornecer-lhe um intérprete, visto que é uma obrigação, logo é melhor não ter este gasto a mais, e suprir a cota de pessoas com deficiência com outras deficiências que não afetem a economia”.

Segundo Magno (2019) “a surdez impede que eles escutem e por consequência tenham dificuldades em se comunicar, com isso pessoas de má índole e que gostam de fazer o mal se aproveitam da pessoa com esta deficiência e comete violência doméstica, roubos, furtos, agressões físicas e mentais, chegando ao estupro/pedofilia e ao homicídio”.

Um exemplo é o caso publicado por Tábata Martins em 14 de julho de 2011:

Uma menina de apenas cinco anos foi estuprada na tarde desta quarta-feira (13) em Lavras, no Sul de Minas Gerais. De acordo com a Polícia Militar, a vítima é surda e muda e o abuso sexual foi confirmado por uma equipe médica da Santa Casa de Campo Belo. Segundo os militares, após a criança retornar da escola, a mãe dela, de 25 anos, percebeu que havia algo de errado com a menina e acionou a polícia. Conforme relatos da mãe, ela percebeu que a menina apresentava um sangramento vaginal, dificuldades para andar e que estava com a calcinha suja de sangue (Martins, Tábata. Menina de 5 anos surda e muda é estuprada em Lavras. Publicado por Otempo.com.br).

Os registros de violência, principalmente, contra as mulheres com deficiência, Segundo Gugel e Maio (2009, p. 2), presidente e vice-presidente da AMPID¹⁹, quanto aos abusos, “há a exploração sexual com a recusa do reconhecimento sexual da mulher, recusa de informações ou educação sexual, como o controle de natalidade, sexo não desejado, agressões, esterilização forçada” bem como a “exploração financeira com a recusa de deixar a pessoa dispor e decidir sobre seus recursos e abuso financeiro”.

As autoras ressaltam que “a violência contra a pessoa com deficiência pode atingir todo o leque de direitos fundamentais, principalmente, a educação e a saúde física e psicológica”, como podemos observar nos casos mencionados neste trabalho e ao longo da trajetória da humanidade. A violência contra pessoas ou grupos vulneráveis, sobretudo mulheres com deficiência e idosas, é sistêmica. Para impedir a violência familiar e em

¹⁹ Dados e informações disponíveis em: <http://www.ampid.org.br>.

instituições, são necessárias mudanças na própria sociedade, sobretudo quanto a ver a pessoa com deficiência como igual.

Uma das causas da falta de intervenção, (outra forma de exclusão) no caso da pessoa com surdez, é o fato de que as pessoas da família e as autoridades não sabem LIBRAS, tanto para entender o pedido de socorro, como para fazer a denúncia²⁰. As pessoas com deficiência estão mais expostas a serem vítimas de violência e têm menor chance de obtenção de intervenção eficaz da polícia e dos órgãos de fiscalização, de proteção jurídica ou de cuidados preventivos. Com a Pandemia do Covid 19, diariamente, nos veículos de comunicação, vemos o aumento de casos de violência doméstica contra pessoas ou dos grupos vulneráveis citados acima.

Partindo da concepção de Max Weber (2002 p. 109) que vê a Igreja como uma associação de dominação detentora de um poder hierocrático, a religião é elemento de inclusão na sociedade. Ela concede aos seus membros benefícios inclusivos, por outro lado, também pode excluir, negando a concessão dos bens simbólicos de salvação que influenciam o convívio social. Ela exerce o que Weber (2002, p. 109) chamou de coerção.

Pereira (2009, p. 196) alude que “através de regras e regulamentos normativos, [a igreja] enquadra seus adeptos nos modelos hierárquicos e os que não se enquadram nos padrões idealizados são rejeitados ou sutilmente deixados de lado”. É o poder simbólico da religião alicerçado nos sacramentos. Bourdieu (1998, p. 15) destaca que “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade da palavra daquele que a pronuncia”. Deste modo, essa modalidade de violência é definida pela “crença”, resultado do imaginário religioso. Já Joachim Wach (1990, p. 57) ressalta que a religião e seus espaços, rituais, “não servem apenas para articular a experiência daqueles que neles tomam parte, mas contribuem em grande medida para a formação e determinação da organização e do espírito do grupo”. Para Pereira (2009 p. 135), “exclusão e inclusão são conceitos que, necessariamente, continuam opostos e não devem formar uma síntese final, porque é na manutenção desta contradição que se apoia, no caso da Igreja, o poder simbólico”.

Veremos a seguir outro conceito, o de inclusão, que também constitui um dos

20 Dados e informações disponíveis em: Estudo realizado na Inglaterra em 2004 (ONU, Faits e chiffres sur Le handicap: <http://www.un.org/french/disabilities>)

eixos deste trabalho.

1.4 O PROCESSO DE INCLUSÃO RELIGIOSA E SOCIAL - ETAPAS

Neste tópico abordaremos as diferentes fases do conceito da inclusão social a religiosa das pessoas com deficiência em caráter temporário, intermitente ou permanente.

No que diz respeito à inclusão social, Sasaki (1997, p. 40) afirma que “para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir do entendimento de que ela é que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros”. O mesmo autor apresenta os princípios para a prática da inclusão social: a aceitação das diferenças individuais, a valorização de cada pessoa, a convivência dentro da diversidade humana, a aprendizagem através da cooperação.

Para Dutra (2005, p. 17), inclusão é a inserção total e plena da pessoa com deficiência (e outros segmentos socialmente excluídos) na vida social, como membro ativo da sociedade. Algo que deve acontecer nas áreas de educação, trabalho, transporte, vida doméstica, religião, esporte, lazer e recreação. O autor faz uma diferenciação da fase histórica anterior à inclusão, chamada de integração: “algumas pessoas com deficiência procuravam se adaptar à sociedade como ela é”. Era um esforço unilateral.

Porém na inclusão, a sociedade, com todos os seus recursos humanos e materiais, e todas as pessoas com deficiência procuram por todos os meios adaptar-se mutuamente. É um esforço bilateral. A respeito da inclusão social do surdo, Karin Strobel (2008, p. 97) afirma que “há escassez de recursos visuais que facilitem a acessibilidade dos sujeitos surdos à vida social. Na sociedade, a maioria das anúncios e informações são sonoras e palavras faladas”.

A inclusão na sociedade depende da inserção no mercado de trabalho. Karin Strobel (2008, p. 98), explica que “a inclusão de sujeitos surdos no mercado de trabalho depende das acessibilidades adaptadas às necessidades culturais dos mesmos com o local e nos relacionamentos dos seus colegas”. A autora chama a atenção para a necessidade de profissionais acompanharem o processo de inclusão para que ela realmente ocorra e declara que “para a inclusão de sujeitos surdos nas empresas, o ideal seria a contratação dos serviços dos intérpretes e tradutores de língua de sinais para as reuniões, as palestras e os cursos de formações oferecidas”. No que concerne às diferenças linguísticas e

culturais dos sujeitos surdos, Strobel (2008, p. 98), enfatiza ser necessário que “estas empresas se conscientizem e permitam acessos de cursos de língua de sinais aos funcionários, colegas, amigos, vizinhos, familiares e as comunidades em geral”, sendo assim agenciara o diálogo com os funcionários surdos.

O debate ganha um alcance maior com a inclusão escolar, Mantoan (2015, p. 28) assegura que “as escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos, estruturado em função dessas necessidades”. Para Mantoan (2015), “A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral”.

Em consonância com o pensamento de Mantoan, Karin Strobel (2008, p. 98), “nas escolas, a educação inclusiva não se refere apenas aos sujeitos surdos, refere-se também a ‘educação para todos’, [...]. Strobel declara que “a inclusão é um movimento que tem intenção de envolver toda a sociedade, porém a sociedade de inclusão não vê o sujeito surdo como diferença cultural, mas sim como deficientes necessitados da normalização, cujo padrão-modelo é o ouvinte”. Nos conceitos inclusivistas, os termos dentro do movimento de pessoas com deficiência têm significados diferentes dos referidos nos dicionários convencionais, por exemplo, as palavras autonomia e independência.

Sasaki (1997, p. 35) explica que, dentro do movimento de pessoas com deficiência, a autonomia é a condição de domínio no ambiente físico e social, preservando ao máximo a privacidade e a dignidade da pessoa que a exerce. O mesmo autor, partindo da leitura de Mantoan, destaca os conceitos de ‘autonomia física’ e ‘autonomia social’ é o caso do deficiente físico que consegue manejar a cadeira de rodas o mais autônomo possível no espaço físico.

Já a independência pessoal, social ou econômica de uma pessoa com deficiência é a faculdade de decidir sem depender de outras, tais como: membro da família, profissionais especializados ou professores. Ser mais independente ou menos independente depende da quantidade e qualidade de informações que o indivíduo com deficiência tem acesso para tomar decisões, sua autodeterminação e prontidão. Sasaki (1997) discorre que, tanto a autodeterminação como a prontidão para decidir, podem ser

aprendidas e/ou desenvolvidas.

Outro conceito citado por Sasaki (1997, p. 37) é o de empoderamento que significa que o processo pelo qual um ator social, ou um grupo de atores sociais, usa o seu poder pessoal inerente a sua condição – para fazer escolhas e tomar decisões, assumindo assim o controle de sua vida. O autor frisa que “quando alguém sabe usar o seu poder pessoal, dizemos que ele é um indivíduo empoderado”.

Sasaki (1997) enfatiza que “quanto mais sistemas comuns da sociedade adotarem a inclusão, mais cedo se completará a construção de uma verdadeira sociedade para todos – a sociedade inclusiva”. No campo da religião, Romeu Kazumi afirma que, por séculos, a prática da exclusão de pessoas com deficiência nas igrejas ocorreu pelas atitudes paternalistas e piedosas, barreiras físicas, grandes escadarias, instalações internas inacessíveis.

No século XX, com a evolução técnica, científica e cultural, a realidade exigiu mudanças na Igreja no sentido de abrirem-se ao novo. Oficialmente esta abertura foi reconhecida com o Concílio Vaticano II que propõe uma renovação da ação da Igreja.

Porém, na década de 80, iniciaram-se movimentos para inclusão das pessoas com deficiência nas instituições religiosas (Sasaki, 1997, p. 119). Hoje são notórias as práticas inclusivas, igrejas com acessibilidade arquitetônica, atuação de intérpretes de língua de sinais (LIBRAS) nos ritos de entrada, liturgia da palavra, liturgia eucarística, ritos de comunhão e ritos de despedida (Assis, 2012, p. 57), Pastoral de Surdos, participação ativa de pessoas com deficiência na vida eclesial, conscientização dos frequentadores não deficientes.

Dutra (2005) afirma que “mesmo no intuito de ajudar, queremos evitar paternalismo, não queremos impor nosso ponto de vista e nossas práticas. É importante convidar pessoas com deficiência a expressarem seus sonhos e realidades”. Elas, certamente, procuram independência e autonomia. E independência e autonomia significam participar do processo, das soluções e implementações e, ainda, usufruir dos resultados. Cabe à comunidade facilitar essa participação.

Luiz Carlos Dutra (2005) preleciona que a inclusão religiosa do surdo é “quando dizemos ‘inclusão de pessoas com deficiência na vida da comunidade cristã’, entendemos trazer Cristo a elas e levá-las a Cristo de maneira condizente com as necessidades pessoais

e em partilha com todos e com tudo o que Deus criou e remiu” (Dutra, 2005, p. 19). O autor esclarece que, para atingir a inclusão religiosa, foram usadas as teorias e técnicas das áreas da educação especial, da habilitação e reabilitação.

O passo decisivo de inclusão da Igreja Católica nesse debate parte das discussões do Concílio do Vaticano II²¹, onde a Igreja se abriu para a atuação do leigo dentro das atividades religiosas, o que culmina com a criação das pastorais.

A religião tem a função de ligar o ser humano ao Sagrado (inclusão), ela influencia na vida dos indivíduos e na sociedade, determinando conduta, procedimentos e funções sociais, disponibiliza símbolos, mitos, ritos, immortalizando o imaginário religioso, a contingência de inclusão social pode começar pela inclusão religiosa. E para que aconteça essa experiência religiosa, todos os membros da sociedade precisam da equiparação de oportunidades que é definida pela ONU - Organização das Nações Unidas (1983, p. 3) como:

Equiparação de oportunidades significa o processo através do qual os sistemas gerais da sociedade – tais como ambiente físico e cultural, a habilitação e os transportes, os serviços sociais e de saúde, as oportunidades educacionais e de trabalho, a vida cultural e social, incluindo as instalações esportivas e recreativas – são feitas acessíveis para todos (ONU, 1983, p. 3).

Após três anos, foi acrescentado ao documento citado acima o seguinte: “Pessoas com deficiência são membros da sociedade e têm o direito de permanecer em suas comunidades locais e devem receber o apoio que necessitam dentro das estruturas comuns de educação, saúde, religião, emprego e serviços sociais” (ONU, 1996, p. 5). Equiparar oportunidades para todos é um processo de inclusão social. Sobre isso salienta Sasaki (1997):

A inclusão social com processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (Sasaki, 1997, p. 39-40).

21 Documentos do Concílio Vaticano II. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm. Acesso em: 02/03/2022.

O fenômeno da inclusão na sociedade proporciona mudanças no ambiente físico e na mentalidade de todos os indivíduos com ou sem deficiência, o processo de inclusão cria um novo modelo de sociedade e essa consolidação social somente ocorrerá quando todas as esferas da sociedade acolherem a inclusão. Para Sasaki (1997):

É fundamental equiparmos as oportunidades para que todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiência, possam ter acesso a todos os serviços, bens, ambientes construídos e ambientes naturais, em busca da realização de seus sonhos e objetivos junto à população geral (Sasaki, 1997, p.39).

Embora sejam recentes alguns conceitos inclusivistas, sabe-se que suas raízes estão ligadas ao passado. São chamados inclusivistas porque abrangem valores que defendem a inclusão. Esses conceitos surgiram lentamente a partir dos conceitos que hoje poderíamos chamar de pré-inclusivistas. Os conceitos inclusivistas foram lapidados a partir de 1981 por todos quantos participaram, em todos os setores sociais, do cotidiano dos indivíduos com necessidades especiais resultantes, principalmente, de deficiências de vários tipos: intelectual, auditiva, visual, física ou múltipla.

Espera-se, assim, que os indivíduos com deficiência tenham condições de desenvolver sua autonomia “condição de domínio no ambiente físico e social, preservando ao máximo a privacidade e a dignidade da pessoa que a exerce.” (Sasaki, 1997, p. 35). E ainda que, em situações pessoais, sociais, econômicas essas pessoas aprendam e/ou desenvolvam independência “faculdade de decidir sem depender de outras pessoas, tais como: membros da família, profissionais especializados ou professores” (Sasaki, 1997, p. 35). E, conseqüentemente, ao desenvolverem as habilidades anteriores assumam o controle de sua vida, sejam pessoas empoderadas e que usem o seu poder pessoal para fazer escolhas e tomar decisões (Sasaki, 1997, p. 37).

Strobel e Karin Lilian (2008, p. 95), a partir da leitura de Gárdia Vargas, argumentam que “A inclusão [...] é ser respeitado nas suas diferenças e não ter de submeter a uma cultura, a uma forma de aprender, a uma língua que não é a sua”. Portanto, a religião tem o poder simbólico de incluir e excluir os indivíduos na sociedade e vida eclesial cristã.

1.5 FORMAÇÃO HISTÓRICA DA PASTORAL DO SURDO NO BRASIL

No que concerne à inclusão de surdos no contexto religioso é um desafio. Existem diversos tipos de barreiras que precisam ser transpostas para a inclusão plena dos surdos. Neste tópico, temos como objetivo principal descrever alguns pontos importantes sobre a organização da Pastoral dos Surdos, como esta surgiu e foi se desenvolvendo como instituição social.

1.5.1 Como surgiu a pastoral do surdo no Brasil?

A Pastoral dos Surdos no Brasil é um movimento de evangelização dos surdos. Ela segue como princípio de orientação a perícopes do Evangelho de São Marcos 7, 32-35, a cura de um surdo-gago:

Trouxeram-lhe um surdo que gaguejava, e rogaram que impusesse as mãos sobre ele. Levando-se a sós para longe da multidão, colocou os dedos nas orelhas dele e, com saliva, tocou-lhe a língua. Depois, levantando os olhos para o céu, gemeu e disse: “*Effatha*” que quer dizer: “Abre-te!” Imediatamente abriram-se-lhe os ouvidos e a língua se lhe desprendeceu, e falava corretamente (Bíblia De Jerusalém, 2002, p. 1770).

No que tange à denominação, natureza e objetivos da Pastoral dos Surdos, consta no primeiro artigo do Estatuto da Pastoral do Brasil, do dia 04 de agosto de 2015: “ART. 1º. – A Pastoral do Surdo do Brasil, doravante, neste documento denominada PS, é um organismo de dimensões Bíblico - Catequética e Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB”. Conta com o trabalho voluntário de diversas pessoas (surdas e ouvintes).

A história da Pastoral dos Surdos no Brasil²² começou, oficialmente, com a vinda do Pe. Eugênio Oates, religioso americano, às Congregações do Santíssimo Redentor (CSSR) ou Redentoristas ao Brasil. Em parceria com Monsenhor Vicente Penido Burnier, primeiro sacerdote surdo do Brasil, iniciaram, no ano de 1950, trabalhos voltados ao serviço dos surdos em todo o país. Também um padre gaúcho de Porto Alegre, conhecido – Padre Volmir Guiso - contribuiu muito com os trabalhos e atividades de evangelização no Brasil.

22 Disponível em: <http://pastoraldossurdosaparecida.blogspot.com/2012/08/historia-da-pastoral-dos-surdos>

No Estatuto da Pastoral do Surdo do Brasil²³, em seu segundo artigo, são apresentadas as regionais do país²⁴. Todos os integrantes que participam das pastorais são voluntários que regularmente participam de cursos e encontros de formação para que possam trabalhar junto às comunidades com plena consciência do que fazem e da correta finalidade do seu trabalho.

A história do voluntariado confunde-se com a própria história das ações dos indivíduos em relação aos seus semelhantes. Alguns autores, como Hudson (1999) avaliam essa história sob o ponto de vista de todo um segmento dedicado a causas sociais, do Terceiro Setor. Outro autor, Kisnerman (1983), denomina de “trabalho social” o interesse do homem por seus semelhantes e afirma que, a partir do Cristianismo, a caridade ganha maior significado. Essa ideia de salvação pelas obras que os homens realizam durante sua vida é básica para entender as origens do voluntariado, cujas ações são resumidas, em grande parte, em atos de ajudar indivíduos carentes com bens concretos (dinheiro, alimentos, roupas, alojamentos). Kisnerman (1983) salienta que:

A esmola, a exortação e a persuasão como recursos elementares caracterizam este largo período de origem do voluntariado, no qual a fé, o sentimento e a intuição substituem o conhecimento científico frente às situações que geram tal estado de carência (Kisnerman, 1983, p. 3).

Para Hudson (1999), a filosofia que permeia quase todos os aspectos do Terceiro Setor é o desejo humano de ajudar outras pessoas sem a exigência de benefícios pessoais.

A maioria das pessoas pensam no setor em termos de caridade e pressupõe que é um fenômeno moderno. Essa filosofia, no entanto, data de mais longe. Desde os tempos mais remotos era o grupo familiar que cuidava dos membros pequenos, enfermos, deficientes, velhos, viúvos e órfãos (Hudson, 1999, p. 01).

Em outras palavras, essa proteção satisfazia os interesses das partes envolvidas, sem passar, ainda, pela ideologia cristã de caridade, costume que surgirá mais tarde

23 Disponível em: <https://docplayer.com.br/24894973-Pastoral-do-surdo-do-brasil-estatuto-da-pastoral-do-surdo-do-brasil-brasil-04-de-agosto-de-i-da-denominacao-da-natureza-e-dos-objetivos.html>.

Distribuição das Regionais nos moldes da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), pelas seguintes regionais: Norte 1 – estados do Amazonas e de Roraima –; Norte 2 – estados do Amapá e do Pará –; Norte 3 – estados do Tocantins e da região norte do estado de Goiás –; Nordeste 1 – estado do Ceará –; Nordeste 2 – estados de Alagoas, da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte –; Nordeste 3 – estados da Bahia e de Sergipe –; Nordeste 4 – estado do Piauí; Nordeste 5 – estado do Maranhão –; Leste 1 – estado do Rio de Janeiro –; Leste 2 – estados do Espírito Santo e Minas Gerais –; Centro-Oeste –, estados de Goiás, do Tocantins e Distrito Federal –; Oeste 1 – estado do Mato Grosso do Sul –; Oeste 2 – estado do Mato Grosso –; Sul 1 – estado de São Paulo –; Sul 2 – estado do Paraná; Sul 3 – estado do Rio Grande do Sul –; Sul 4 – estado de Santa Catarina.

quando a igreja católica se firma como instituição, oficializando a doação como uma forma de penitência pelos pecados cometidos e a garantia de direito à salvação eterna.

Dentre os autores que identificam a atuação da igreja com o início do voluntariado, Hudson (1999) afirma que as ações de caridade coincidem com o crescimento das organizações religiosas. Segundo ele, os ensinamentos judeus promoviam a ideia de que os pobres tinham direitos e que os ricos tinham deveres.

As primeiras igrejas cristãs criaram fundos para apoio às viúvas, órfãos, enfermos, pobres, deficientes e prisioneiros. Esperava-se que os fiéis levassem donativos, voluntariamente, que eram colocados na mesa do Senhor para que os necessitados pudessem recebê-los das mãos de Deus. Os primeiros legados foram autorizados pelo imperador Constantino I, no ano 231 d. C., possibilitando a doação de recursos para caridade. No mundo islâmico, a filantropia foi usada para montar grandes hospitais. Exemplos remotos de fundos de miséria também partiram do islamismo, quando pacientes indigentes recebiam cinco peças de ouro assim que recebessem alta (Hudson, 1999, p. 02).

Não é preciso ser católico para participar das pastorais, já que são ecumênicas. Em todas as pastorais, existem pessoas com formação para exercerem o trabalho correspondente. São coordenadas pela Diocese local que promove regularmente cursos e encontros de formação, para que os “agentes de pastoral” possam trabalhar junto às comunidades com plena consciência do que estão fazendo e da finalidade do seu trabalho.

No tocante às origens da Pastoral do Surdo, duas personalidades estão em suas origens: Monsenhor Vicente de Paulo Penido Burnier, primeiro sacerdote surdo brasileiro, de Juiz de Fora (MG) e padre Eugênio Oates, (ouvinte) sacerdote redentorista, nascido nos Estados Unidos.

Desde a década de 1940, a Pastoral buscou espaço na caminhada da Igreja e ambos os padres foram os grandes discípulos missionários dos surdos por meio das visitas às escolas, associações e igrejas onde existiam surdos.

A Pastoral dos Surdos está presente, na maioria das Regionais do país, conforme citado anteriormente na distribuição de suas regionais pelo Brasil. Nelas os surdos têm a oportunidade de participar da vida eclesial cristã. A Pastoral do Surdo Nacional (EFFATA) desenvolve atividades voltadas para os surdos na sociedade brasileira. O objetivo da Pastoral do Surdo Nacional é atuar em diversas áreas como:

Preparar celebrações e encontros de caráter espiritual. • Catequese: atua na formação do surdo, buscando um maior conhecimento da palavra de Deus, pela preparação do batismo, eucaristia, crisma e curso de noivos. • Juventude: atenção especial é dada aos jovens, por meio de encontros, caminhadas e momentos de lazer. • Cultura: como Pastoral do Surdo, ela está presente em eventos, exposições, danças e datas comemorativas. • Ação Social: atua na formação política (EFFATA, 2017, p. 1).

Os trabalhos desenvolvidos pela Pastoral do Surdo no Brasil estão submetidos à estrutura hierárquica da Igreja Católica: nacional, regional e paroquial. O presente estudo foi realizado nas 19 regionais do Brasil. Procuramos identificar as propostas político-religiosas de inclusão adotadas por lideranças religiosas católicas e analisar se as atividades da Pastoral do Surdo oferecem uma forma de inclusão com dignidade para o surdo. E, ainda, a participação nas atividades da Pastoral do Surdo faz com que essas pessoas se sintam incluídas socialmente de forma a reforçar sua dignidade.

- CAPÍTULO II –

PESQUISA DE CAMPO: RELIGIÃO E PROMOÇÃO HUMANA UM ESTUDO DAS PASTORAIS CATÓLICAS DOS SURDOS NO BRASIL

Neste capítulo discorro sobre a pesquisa de campo realizada na Pastoral dos Surdos da Igreja Católica do Brasil nas suas 19 regionais do Brasil e analisamos os dados obtidos.

2.1 ESTUDO EMPÍRICO NAS PASTORAIS DOS SURDOS DO BRASIL

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida de forma descritiva, com textos publicados sobre a temática em livros, artigos, teses, dissertações, documentos da Igreja, leis, decretos e outros escritos, abarcando textos referentes às Ciências da Religião.

A pesquisa Religião e Promoção Humana: um estudo da Pastoral Católica dos Surdos no Brasil foi aprovada pelo Comitê de Ética no dia 24 de fevereiro de 2022. Quero ressaltar que na trajetória para obter a documentação exigida pelo Comitê de Ética para poder realizar este trabalho, entre os desafios que encontrei, enfrentei de início a resistência da entrega da declaração da Pastoral do Surdo Nacional colaborando com a nossa pesquisa e dos contatos das pessoas com deficiência que participam das PS das regionais do Brasil.

Entretanto, com a articulação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, onde sou doutoranda, entrando em contato com a secretaria e explicando que nossa pesquisa era de cunho acadêmico, juntamente com o bispo da Diocese de Uruaçu- GO, Dom Giovanni Carlos Barroca, Padre Adeenes Ribeiro e confirmando a pesquisa realizada por mim no mestrado na Paróquia Sagrado Coração de Jesus da cidade de Goianésia da Diocese de Uruaçu-GO, e apoio do Dom Celso Antônio Marchiori, obtive a documentação que faltava para a aprovação da pesquisa no CEP.

Contudo, após um ano organizando tudo que era necessário para aprovação da nossa pesquisa e os contatos de todos entrevistados das 19 regionais da Pastoral do Surdo do Brasil, que se dispuseram a colaborar com a nossa pesquisa, foi possível realizar este

projeto que almeja contribuir para a inclusão das pessoas com e sem deficiência em todas as esferas da sociedade e comunidades religiosas. A minha gratidão a todas e a todos que colaboraram com nosso trabalho.

Logo após a aprovação do projeto por parte do CEP entrei em contato com membros da Pastoral do Surdo das 19 regionais do Brasil para começar as entrevistas²⁴. No primeiro momento a pesquisa de campo iniciou no grupo dos coordenadores das 19 regionais da Pastoral do Surdo do Brasil, em seguida através dos contatos obtidos com os coordenadores, dos agentes da PS ouvintes e surdos, continuamos as entrevistas e simultaneamente com as lideranças religiosas que participam da Pastoral do Surdo no Brasil.

Em decorrência da Pandemia do Covid-19²⁵, a pesquisa não foi presencial: as entrevistas aconteceram via WhatsApp, por meio de um questionário *online*, no Google Forms²⁷, ferramenta do Google Workspace, usada para criar formulários personalizados para pesquisas e questionários *online*. Elaborei 12 perguntas ao todo, com questões abertas dissertativas e também fechadas, do tipo objetiva de marcar.

2.2 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO NAS PASTORAIS DOS SURDOS DO BRASIL

A seguir apresento as perguntas com as respostas dos surdos que frequentam as Pastorais dos Surdos, agentes das Pastorais dos Surdos e lideranças religiosas das 19 regionais das Pastorais dos Surdos do Brasil. As entrevistas foram realizadas após aprovação no Comitê de Ética, no dia 24 de fevereiro de 2022, e a coleta de dados até o dia 29 de julho de 2022. Em março, os membros das Pastorais dos Surdos começaram a responder o termo e, em seguida, o questionário por *links*. E para o grupo dos pesquisados surdos, foram realizadas videochamadas e enviados os *links* da pesquisa. Em especial, para uma participação efetiva dos surdos, observando sua Língua materna que é a Libras, gravei 15 vídeos em Libras, com legenda em Língua Portuguesa e áudio, sendo um vídeo

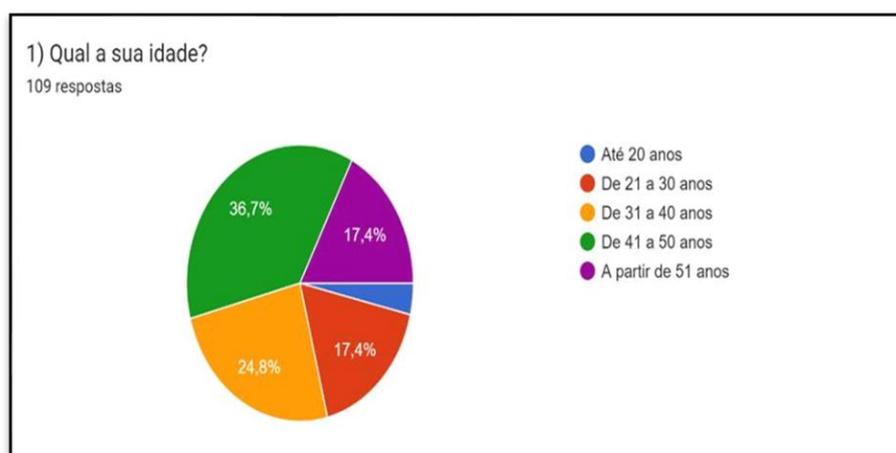
²⁴ Conforme mencionei na Introdução foi elaborado um vídeo em Língua Portuguesa e simultaneamente na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no qual me identifiquei, explicou a natureza da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o objetivo da pesquisa. Em seguida o *link* do TCLE foi enviado e após os participantes concordarem em responder à pesquisa, foi-lhes remetido o segundo *link* do questionário da pesquisa.

²⁵ Dados e informações disponíveis em: <https://blog.safetec.com.br>.

da apresentação da pesquisa, mais dois da introdução explicando a pesquisa e o outro de agradecimento usado após os membros da Pastoral do Surdo responder as perguntas e doze vídeos com as perguntas do questionário, as mesmas perguntas disponibilizadas no *link* do questionário em Língua Portuguesa de forma que os três grupos que compõem a Pastoral do Surdo nas 19 regionais do Brasil pudessem responder à pesquisa em tela. No total foram 162 entrevistas. Concomitante com a pesquisa no *Forms* foi aplicado um questionário complementar com 5 perguntas, abertas e fechadas, enviado 6 vídeos, sendo uma apresentação da continuidade da pesquisa e 5 vídeos, um para cada pergunta em LIBRAS, com legenda na Língua Portuguesa e áudio. O questionário complementar foi aplicado para os surdos de todas as regionais do Brasil. É importante ressaltar que a pesquisa era voluntária, das 162 entrevistas, 109 foram pelos *links* no *Forms* e concomitante 53 surdos responderam o questionário complementar de diferentes partes do Brasil, via *WhatsApp*, (foram mais de 200 convites feitos aos membros da PS no Brasil). As respostas dos surdos foram transcritas sem alterar a forma que usaram, respeitando sua escrita, levando em consideração a não adequação dos verbos, artigos, pronomes, concordância entre outros.

Os gráficos que seguem abaixo, 3 gráficos foram gerados pelo *Forms* e os demais no Excel²⁶, para uma melhor visualização e análise dos dados obtidos.

Gráfico 1: Idade



Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

26 O Excel é um programa informático desenvolvido e distribuído pela Microsoft Corp. Trata-se de um software que permite realizar tarefas contábilísticas e financeiras graças às suas aplicações para criar e trabalhar com folhas de cálculo. Dados e informações disponíveis em: <https://conceito.de/excel>. Acesso em: 25/08/2022.

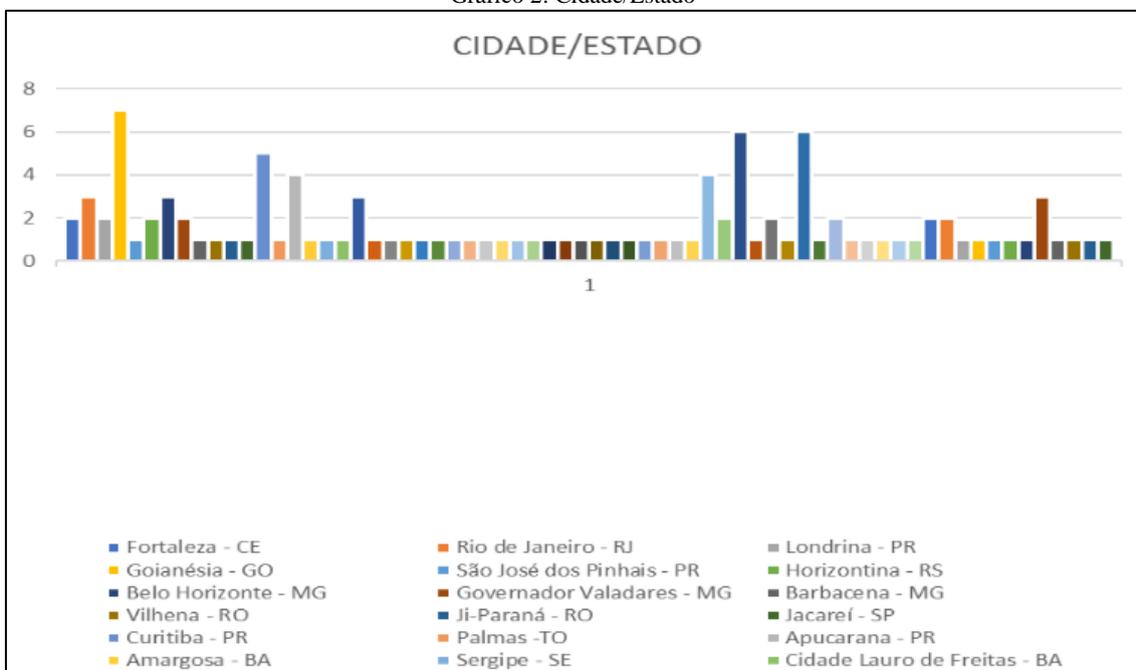
A primeira pergunta foi a seguinte: Qual a sua idade? Com as opções: até 20 anos, de 21 a 30 anos, de 31 a 40 anos, de 41 a 50 anos e a partir de 51 anos. O Gráfico 1 mostra a idade dos entrevistados (Gráfico 01).

A faixa etária dos entrevistados englobou adolescentes de 14 anos, cujas mães autorizaram a participação na pesquisa e idosos com mais de 70 anos de idade, que participam da Pastoral do Surdo nas 19 regionais do Brasil.

Das pessoas pesquisadas, a idade que mais se destacou foi a faixa etária de 41 a 50 anos, com 36,7%. O segundo maior grupo, com 24,8%, contemplou pessoas com a idade de 31 a 40 anos. Em seguida, houve a mesma porcentagem de 17,4%, nas faixas etárias de 21 a 30 anos e a partir de 51 anos. E 3,7% de pessoas com até 20 anos. Através dos dados obtidos na pesquisa, foi possível observar maior participação na Pastoral do Surdo de pessoas de 41 anos acima.

Já a segunda pergunta do questionário foi a seguinte: Qual é a sua cidade/Estado? Dentre os indivíduos pesquisados no Brasil, houve a participação de lideranças religiosas, agentes da Pastoral do Surdo, surdos e surdas de 66 diferentes cidades do país (Gráfico 02)

Gráfico 2: Cidade/Estado

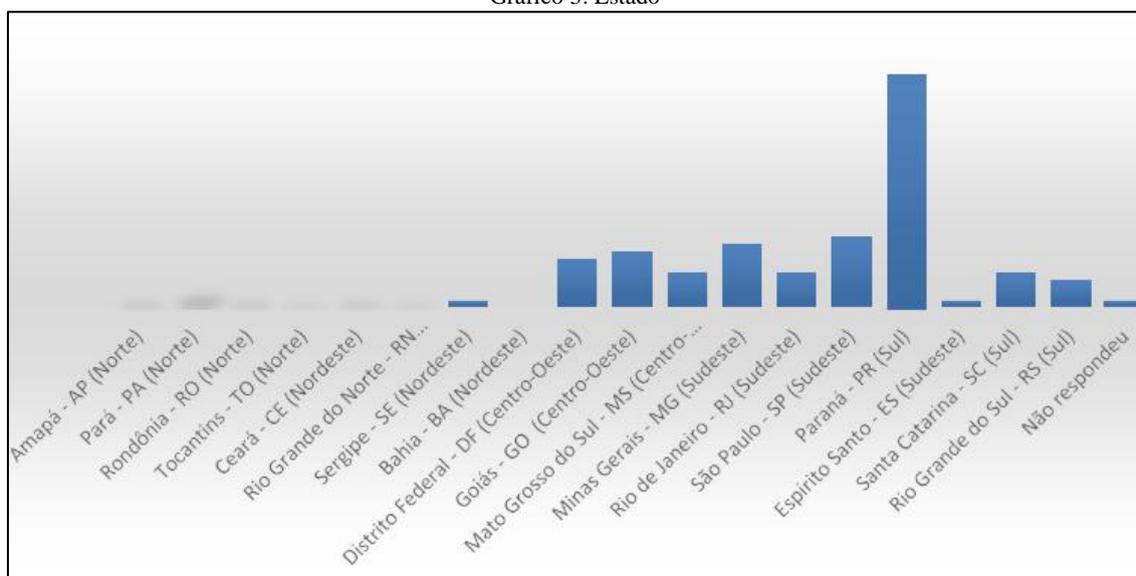


Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Destaca-se a participação de mais de uma pessoa das cidades de: Goianésia – GO, Curitiba – PR, Brasília – DF, São Paulo – SP, Apucarana – PR, Arapongas – PR, Divinópolis – MG, Dourados – MS, Belo Horizonte – MG, Rio de Janeiro – RJ, Fortaleza – CE, Londrina – PR, Horizontina – RS, Governador Valadares – MG, Ibiporã – PR, Macapá – AP, Ananindeua – PA, Rio do Sul – SC. Nas outras 48 cidades, apenas uma pessoa respondeu a pesquisa. O Gráfico 2 mostra as cidades e os Estados dos entrevistados.

Na tabulação, foram criados dois gráficos da segunda pergunta, ficando o segundo em destaque, o Estado de origem das pessoas que responderam as interrogações. O Gráfico 3 mostra os Estados e as Regionais dos entrevistados.

Gráfico 3: Estado



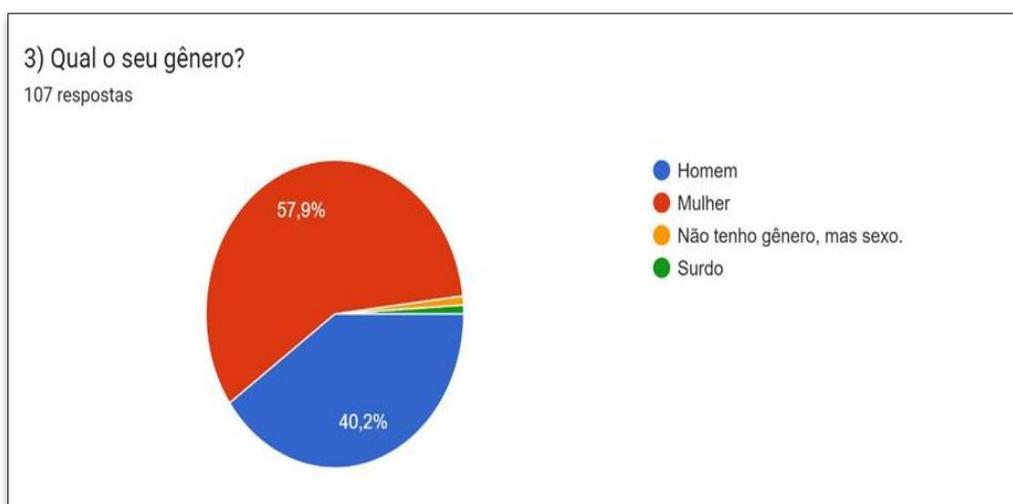
Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Em primeiro lugar, com maior número de participação na pesquisa, ficou a regional Sul, Estado do Paraná – PR que contou com a participação de 33 pessoas. A segunda regional com 10 respostas dos entrevistados foi o Estado de São Paulo no Sudeste, em terceiro lugar, com 9 colaborações nas entrevistas, ficou Minas Gerias – MG. Em seguida, em quarto lugar, com 8 contribuições nas respostas, participantes da Pastoral do Surdo ficou o Estado de Goiás - GO (Centro-Oeste), mais 7 pessoas do Distrito Federal - DF (Centro-Oeste). Pará - PA (Norte) com 6 participações, igualmente 6 pessoas da Bahia - BA (Nordeste), ficando assim ambos em quinto lugar na participação do trabalho. Com o sexto lugar ficou o Estado do Mato Grosso do Sul- MS (Centro-Oeste), 5 pessoas

responderam o questionário. Na sétima posição ficaram os Estados do Rio de Janeiro - RJ (Sudeste) e Santa Catarina - SC (Sul). Em oitavo lugar, ficou o Rio Grande do Sul - RS (Sul) com 4 participantes. Com 2 participantes foram Ceará - CE (Nordeste), Rondônia - RO (Norte) e Amapá - AP (Norte), ficando ambos no nono lugar em número de pessoas que responderam à pesquisa. As outras regionais cujos Estados constam no gráfico acima (Gráfico 3: Estado), no nome do Estado o número 1, significa que apenas uma pessoa que respondeu à questão por Estado. E uma pessoa não respondeu à questão.

No que diz respeito à terceira pergunta foi a seguinte: Qual o seu gênero? Com as opções: homem, mulher e outro. O Gráfico 4 mostra o gênero assinalado pelos entrevistados.

Gráfico 4: Gênero

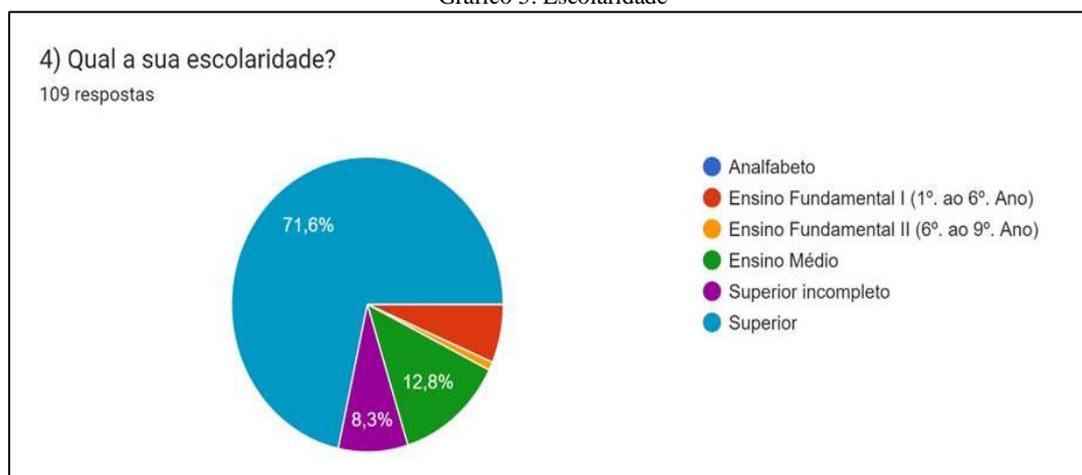


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O gênero que se sobrepôs na amostragem da pesquisa foi o gênero feminino, com 57,9% na participação na Pastoral do Surdo nas 19 regionais do Brasil. São, principalmente, agentes da Pastoral do Surdo, que atuam como intérpretes de LIBRAS nas missas e eventos da Igreja; coordenadoras surdas e ouvintes da Pastoral do Surdo; mulheres surdas e ouvintes que frequentam a Pastoral do Surdo nas regionais e que colaboraram com a pesquisa. Em segundo lugar, com 40,2% aparece a presença masculina são, sobretudo, lideranças religiosas, bispos, padres surdos e ouvintes, coordenadores surdos e ouvintes, agentes da Pastoral do Surdo surdos e ouvintes, homens surdos e ouvintes que frequentam a Pastoral do Surdo. Um entrevistado respondeu “Não tenho gênero, mas sexo” e outro entrevistado respondeu à pergunta pelo gênero: “Surdo”.

No que se refere à quarta pergunta foi a seguinte: Qual a sua escolaridade? Com as opções: analfabeto, primário 1º. ao 6º. ano, ensino fundamental 6º. ao 9º. ano, ensino médio, superior incompleto, superior. O Gráfico 5 mostra a escolaridade dos entrevistados.

Gráfico 5: Escolaridade



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

No questionamento sobre a escolaridade, em sua maioria, as pessoas pesquisadas fizeram o ensino superior completo num total de 71,6%. Em segundo lugar, ficaram aqueles que cursaram o Ensino Médio completo com 12,8%, superior incompleto 8,3%, 7 pessoas responderam que cursaram o ensino fundamental I (1º ao 6º Ano), 1 pessoa respondeu que fez o ensino fundamental II (6º ao 9º Ano). Das pessoas que responderam à pesquisa não houve analfabeto.

A escolaridade é fator importante para a inclusão. Observamos na pesquisa que os agentes da Pastoral do Surdo ouvintes, intérpretes de LIBRAS, coordenadores surdos e ouvintes e lideranças religiosas é que têm melhor formação acadêmica. Nas entrevistas através de videochamadas com surdos e surdas que participam da Pastoral do Surdo de diferentes regionais, a maioria respondeu ter cursado o ensino médio, fundamental I e II. Por possuírem dificuldades com a Língua Portuguesa, tive de usar diferentes metodologias para fazer as entrevistas com surdos e surdas nas regionais do Brasil, tais como videochamadas, datilografia e uso de LIBRAS. A importância da escolaridade está em como será trabalhada a inclusão do surdo na comunidade religiosa, pois a comunicação ocorre da Língua Portuguesa/LIBRAS e vice-versa. É mais fácil ensinar LIBRAS para o indivíduo que sabe a Língua Portuguesa, há o ensino das duas línguas

simultâneas, observei ao longo dos 17 anos que atuo como professora, tradutora e intérprete de LIBRAS.

No que concerne à quinta pergunta: Para você, a religião é algo importante? Por quê? As respostas foram as seguintes, de acordo com o Gráfico 6 que mostra a importância da religião para os entrevistados.



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Dentre os indivíduos pesquisados, 59 pessoas declararam ser a Religião importante, 1 pessoa respondeu não ser importante e 49 pessoas responderam direto o porquê é importante a Religião. Os argumentos das respostas que versam sobre a importância da religião foram os mais variados. Assim escreveram:

Entrevistado 1: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, de Fortaleza) “Sim, colabora com crescimento pessoal e espiritual”.

Entrevistada 2: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, do Rio de Janeiro) “Sim. É um dos pilares de minha vida”.

Entrevistado 3: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, de Londrina) “Sim, é muito importante, fui formado e aprendi que a religião e especialmente a que pertencço e frequento, que é a igreja católica. Ela ensina os valores morais, éticos e também ensina

que nesse mundo que vivemos é passageiro, e quem acredita e vive fiel aos preceitos de Deus terá uma vida eterna”.

Entrevistado 4: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Goianésia) “É importante porque Jesus tem muito amor por nós”.

Entrevistado 5: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São José dos Pinhais) “Sim. Porque Deus é o nosso Pai Criador que nos ama imensamente. Não vivemos completamente sem a dimensão espiritual. Temos necessidade de viver em comunidade”.

Entrevistada 6: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Horizontina) “Sim porque é meu porto seguro, minha base”.

Entrevistado 7: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Londrina) “Claro, para ter aproximação com Deus”.

Entrevistada 8: (outra: Não tenho gênero, mas sexo, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, aproxima as pessoas de Deus e do próximo”.

Entrevistada 9: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, a religião nos ajuda a exercer a nossa espiritualidade, nos conecta com Deus e nos ajuda a ser pessoas melhores”.

Entrevistada 10: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, pois somos filhos de deus! E precisamos do Espírito Santo pra sobreviver”.

Entrevistada 11: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Sim. Pois é um modo de ter- se esperança e acreditar em alguém ou algo que te faça bem e cuide de ti”.

Entrevistada 12: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Essencial, a própria palavra já diz, faz parte da nossa essência servir a Deus”.

Entrevistada 13: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Sim, é essencial para a sociedade”.

Entrevistado 14: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Muito. Algo que eleva minha espiritualidade e me torna mais humano”.

Entrevistada 15: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Governador

Valadares) “Sim. Ela nos mostra como servir a Deus. Como nos aproximar dele. Religião mostra o caminho até DEUS”.

Entrevistada 16: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Governador Valadares) “Sim. Porque ela me traz os sacramentos, que me aproximam de Deus”.
Entrevistada 17: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barbacena) “Sim. Dá um sentido para a vida”.

Entrevistada 18: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Vilhena) “Sim. Nos permite viver com maior intimidade com Deus”.

Entrevistada 19: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Ji-Paraná) “Penso que a religião nos proporciona e possibilidade de um conhecimento mais amplo da história da igreja. Logo, a mesma nos convida à espiritualidade mais profunda com Deus”.

Entrevistado 20: (homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Fortaleza) “Sim”.

Entrevistada 21: (mulher, de 31 a 40 anos, Superior, Jacareí) “A religião faz parte da essência humana”.

Entrevistada 22: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim, muitas decisões são tomadas a partir dos Valores que trago da religião”.

Entrevistada 23: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Palmas) “Sim. Me motiva a uma vida justa, olhar com empatia para os diferentes de mim, como Cristo nos ensinou”.

Entrevistada 24: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim, é o caminho mais certo para se encontrar com Deus!”.

Entrevistada 25: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Amargosa) “Sim. A religião nos ajuda a viver o Sagrado em que acreditamos. Aponta caminhos para isso”.

Entrevistada 26: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Sergipe) “Muito importante, sem religião não somos nada”.

Entrevistada 27: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Louro de Freitas) “Sim acho. Porque a religião faz parte da vida do ser humano, ou seja, o ser humano para ser completo precisa da religião...”.

Entrevistado 28: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Divinópolis)

“Sim. Porque me conecta com Deus”.

Entrevistado 29: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Santa Brígida) “Sim, gere a valores dimensão da fé, importante para o ser humano desde sempre”.

Entrevistado 30: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Casa Nova) “Nos deixa mais próximo de Cristo”.

Entrevistada 31: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alagoinhas) “Simmm!!! Eu um guia para a evangelização, mas não é salvação”.

Entrevistada 32: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Feira de Santana) “Sim. Porque é meu porto seguro com Deus”.

Entrevistado 33: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim, muito importante. Porque acredito que para uma vida bem vivida, precisa haver o equilíbrio do corpo, da alma, das emoções e do espiritual. Tal equilíbrio trará uma vida melhor as pessoas e a religião vêm justamente tratar o espiritual e a alma, bem como dando suporte às emoções e ao corpo”.

Entrevistado 34: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “É importante por estar em uma comunidade de fé em que você encontra e compartilha sua vivência de espiritualidade”.

Entrevistada 35: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Porto Alegre) “Sim, pois a religião nos possibilita viver a fé em comunidade”.

Entrevistada 36: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Niterói) “Sim!”.

Entrevistada 37: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alegrete) “Para mim a religião é muito importante porque ela me levou ao conhecimento de DEUS como nosso Pai, nosso Criador. Ele está em nós! É o nosso guia, bondade, amor, paz, beleza, força, felicidade interior e tranquilidade. Para mim é importante orar todos os dias, dialogar com Ele. Isto faz bem e dá paz à alma! Fico triste quando vejo que, infelizmente muitas pessoas esquecem, não rezem, não leem a palavra de DEUS, sofrem com os pensamentos negativos. Faltam informações aos surdos que estão isolados, por exemplo, interior”.

Entrevistada 38: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior incompleto,

Divinópolis) “Sim, independente da religião todas pregam o amor, fazer o bem e mostra, de uma certa forma, como podemos fazer e alcançar esses objetivos.

Entrevistada 39: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Guarujá) “Sim, porque nos humaniza, é o concreto da empatia, dá esperança, conforto e direção para o dia a dia”.

Entrevistada 40: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Cubatão) “Muito importante, é preciso de uma socialização, união única...”.

Entrevistado 41: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Cambé) “Sim”.

Entrevistada 42: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Corbélia) “Sim muito importante. É o nosso referencial, devemos seguir uma religião sim, nos apegar”.

Entrevistada 43: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Largo) “Importantíssimo! Formação do caráter de todo ser humano!”.

Entrevistada 44: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Francisco Beltrão) “Não, pois se prendemos aos seus dogmas e regras que a mesma nos impõe (acredito e sigo Deus, mas, não uma religião)”.

Entrevistada 45: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Paranavaí) “Sim porque traz motivos para bem viver”.

Entrevistada 46: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Foz do Iguaçu) “Extremamente importante. É através dela que conhecemos a Vida religiosa, como podemos chegar até o Pai e o Filho”.

Entrevistada 47: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Paranaguá) “Sim, pois é por meio dela que permanecemos mais perto de Deus”.

Entrevistada 48: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Maringá) “Nos unimos com Deus, e fortalecemos a nossa fé”.

Entrevistada 49: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Jacarezinho) “Sim, pois Deus me sustenta sempre e também porque a religião ajudou a formar minha personalidade. Dentro da igreja, construí minha rede de amigos”.

Entrevistada 50: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Umuarama) “Muito pois nos une a Cristo”.

Entrevistada 51: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim, muito importante. É o que dá razão à minha existência. Vivo pra buscar a santidade e alcançar a salvação”.

Entrevistado 52: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Nos torna seres humanos melhores”.

Entrevistada 53: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Araongas) “Sim é através da religião que nos mantemos conectados com Deus”.

Entrevistado 54: (homem, de 31 a 40 anos, Cambira) “Oferecer Deus”.

Entrevistado 55: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Califórnia) “Católico”.

Entrevistada 56: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim, pois nos faz mais próximo do amor de Deus, nos ajuda a vencer as lutas do dia a dia com fé e esperança”.

Entrevistada 57: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Araongas) “Sim, importante porque, como aprender a religião o significado, compartilhar, contato com Deus, como eu preciso de me ajudar, onde, caminho, com vida, céu, porque acredito que Jesus Cristo pode me dar vida eterna no céu”.

Entrevistada 58: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental II do 6º. ao 9º. Ano, Horizontina) “Religião importante, antes não tinha intérprete na missa, não entendia muito, só um pouco. Agora no domingo à noite na missa tem intérprete eu fico emocionada, entendo a missa, há dois anos”.

Entrevistada 59: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Araongas) “Sim muito, pq oportuniza para as pessoas o contato com Deus e seus ensinamentos!”.

Entrevistado 60: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Ela religa nossa relação com o transcendente através dos ritos, da vida de comunidade e da doutrina de fé”.

Entrevistado 61: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Ibiporã): “Minha vida e Deus porque ele é amor e Justo. Sempre a palavra do amor nossa vida pel[o] amor família união. fazer bem aos outros e ajudar outros amar ao próximo irmão

como Jesus nos ama”.

Entrevistado 62: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Brasília) “É sim importante me ensina palavras conhecimento a bíblia evangelho converte. Jesus e verdadeiro ensina sacramento”.

Entrevistado 63: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belém) “É muito importante participar católica a minha família é geração na igreja”.

Entrevistado 64: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Macapá) “Sim, importante religião sobre Deus, Jesus e outros explica aprender mas sabe religião igreja diferente regra respeita. Sim, importante explica conhecimento religião”.

Entrevistado 65: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Viana) “Sou Católica. Porque importante na igreja missa mais importante”.

Entrevistada 66: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Sim. Fortalece a minha fé. Ensina os valores e sua aplicação no dia a dia, na nossa vida prática”.

Entrevistado 67: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Fundamental. Religião é religar com Deus, ou seja, uma ponte”.

Entrevistada 68: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Creio que a religião baliza nossa vida prática pelos seus valores, suas diretrizes e seus princípios, no nosso cotidiano”.

Entrevistada 69: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Macapá) “Igreja católica Pastoral dos Surdos. Bastante tempo”.

Entrevistado 70: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, São Paulo) “Eu sou católico porque eu acredito em Bíblia. Além disso, eu sinto a presença de Jesus através na hóstia e acredito em milagres”.

Entrevistada 71: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Sim. Porque Deus estar junto conosco, mantendo a nossa fé”.

Entrevistada 72: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Sim para a vida eterna no céu com Jesus Maria e m[ui]tos santos e é claro com Deus e anjos! Porque sem religião ã tenho nada sem Deus”!.

Entrevistado 73: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Marabá) “Leigo”.

Entrevistado 74: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Ibioporã) “igreja cat[ó]lica Nossa Senhora Guadalupe s[i]m importante conhecendo palavra de Deus”.

Entrevistado 75: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Arapongas) “A religião católica é a Igreja Primitiva que Nosso Senhor Jesus Cristo foi autoridade e dado a São Pedro, o primeiro Papa, e até hoje o Papa Francisco, o sucessor, por isso é muito importante seguir a Vontade de Nosso Senhor para nossa caminhada da Salvação, visto que o Jesus Cristo é o Caminho, a Vida e a Verdade através da Igreja Católica”.

Entrevistado 76: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, São Paulo) “Somos filhos de Deus. Eu sou surdo católico, aprendo a Palavra de Deus, sigo Jesus, evangelizar os surdos seguir o Jesus com a Maria, mãe de Deus. Na igreja, onde a gente aprende certo, perdoar os erros e não repetir novamente”.

Entrevistada 77: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Porque sim, mas é importante religião é conhecimento”.

Entrevistada 78: (surda, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São Paulo) “P[or]q[ue] me sinto abençoada”.

Entrevistado 79: (surdo, de 31 a 40 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano) “Sim”.

Entrevistado 80: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior incompleto, Cascavel) “Aprender mais”.

Entrevistada 81: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Bandeirantes) “Sim muito acompanho até hoje na minha igreja”.

Entrevistada 82: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Valparaíso) “Impor[t]ante sim, por que o conhecimento sobre Deus é importante”.

Entrevistada 83: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim precisa sentir bem rezar, missa, Bíblia, terço entres outros”.

Entrevistado 84: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Porque me dê um espírito e conhecimento da bíblia”.

Entrevistada 85: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Sidrolândia) “sim, para termos um princípio de vida cone[c]tado com Deus”.

Entrevistada 86: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “A religião é importantíssima para minha vida, pois através dela consigo encontrar caminhos baseados nos ensinamentos de Jesus para o meu cotidiano, além de semear o amor a todos”.

Entrevistada 87: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Médio, Campo Largo) “Sim, A religião permite conhecer o local onde as pessoas vivem seus valores em uma cultura. Ela é influenciada pela cultura, mas ela também influencia a cultura daqueles que vivem em seu entorno. A religião permite um conhecimento maior dos valores que envolvem uma dada sociedade, principalmente seus valores éticos”.

Entrevistado 88: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio do Sul) “Sim, n[os] ensina a amar a próximo”.

Entrevistado 89: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Jaraguá do Sul): “Sim, sentir Jesus contato, encontrar amigos também”.

Entrevistado 90: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Grande) “Sim porque inspira a paz o dom de amar”.

Entrevistado 91: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Umuarama) “Eu gosto muito religião católico amo”.

Entrevistado 92: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barra Mansa) “Porque div[ul]ga a minha fé”.

Entrevistada 93: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Sim. Pois é um lugar para você evoluir espiritualmente”.

Entrevistado 94: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Camboriú) “Porque precisa sentir e compreender nossa religião católica e também como receber a fé e boa postura”.

Entrevistada 95: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Santa Catarina) “Valores vida”.

Entrevistado 96: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Brasília)

“Católico”.

Entrevistada 97: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Brasília) “Católica desde que nasci e é claro que é importante!! Faz muito bem para a alma e coração”.

Entrevistado 98: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Dourados) “Sim, porque eu gosto, costume da minha família”.

Entrevistado 99: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim, porque eu gosto de orar, ler os textos católicos e bíblicos e frequentar na paróquia”.

Entrevistado 100: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, São Paulo) “sou católico romano do papa”.

Entrevistada 101: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Praia Grande) “Sim”.

Entrevistada 102: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Amo a Deus”.

Entrevistado 103: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Jaraguá do Sul) “Sim. Acredito de Deus”.

Entrevistado 104: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Ceilândia) “Católica família. P[or]q[ue] missa importante durante”.

Entrevistada 105: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Natal) “Miss[ã]o sempre pastoral do Surdo ajudar”.

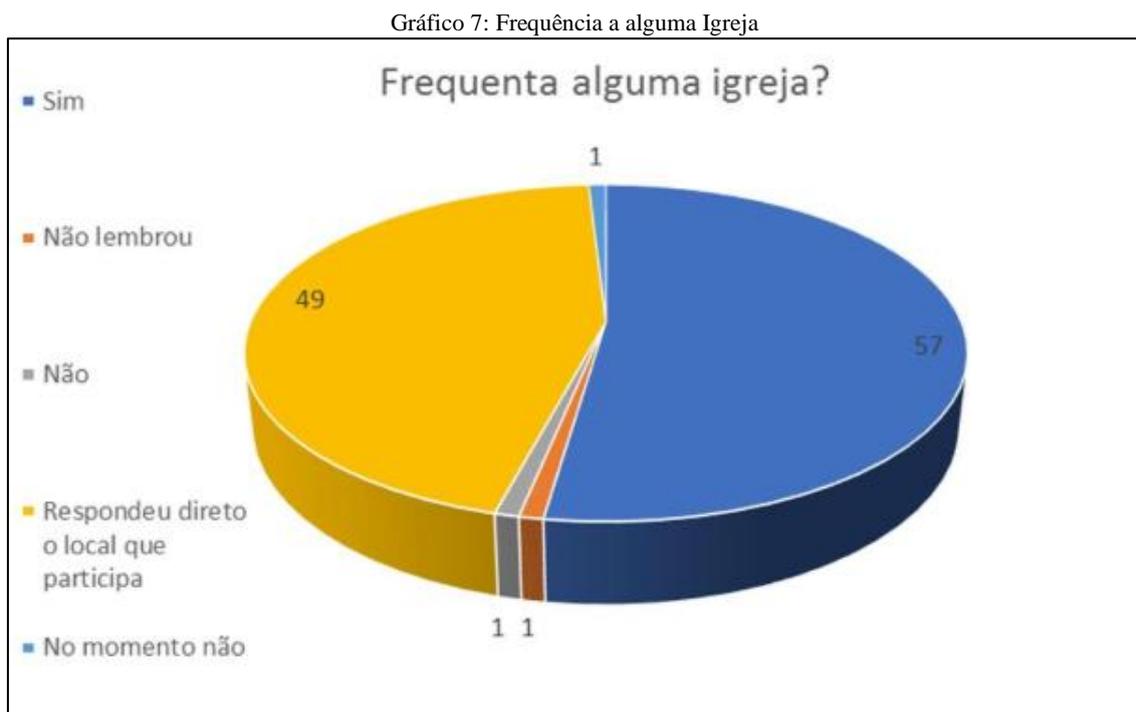
Entrevistado 106: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Guarapuava) “Sim muito importante. Acreditarmos que existe um Deus que nos guie, abençoe, nos dando forças para seguir a vida com fé, dignidade e amor. Sem fé não temos vida. Sem dignidade nossa vida é uma reviravolta. Com amor superamos todo o sofrimento que existe no mundo, com amor a gente consegue perdoar o próximo”.

Entrevistado 107: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Sim. É momento de oração”.

Entrevistada 108: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Dourados) “Importante a cat[ó]lica”.

Entrevistada 109: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Dourados) “Eu sou católica profundo... católica eterna vida”.

A sexta pergunta foi a seguinte: Você participa de alguma igreja ou comunidade religiosa? Qual? Há quanto tempo? O Gráfico 7 mostra a frequência dos entrevistados na igreja ou comunidade religiosa.



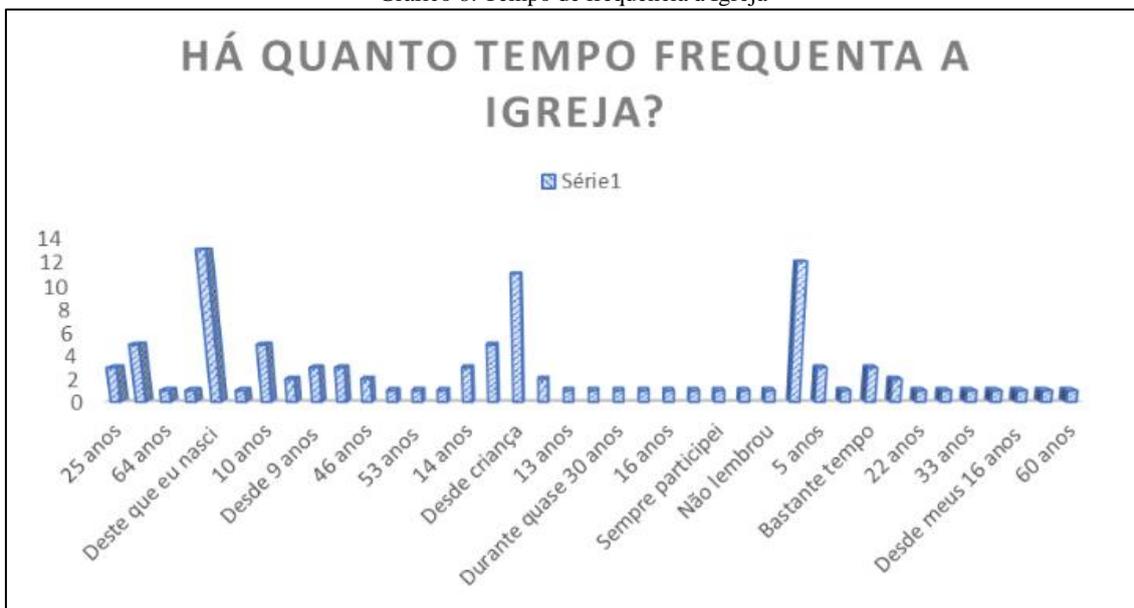
Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Dos pesquisados, 57 afirmaram participar de alguma Igreja ou comunidade religiosa, 49 responderam diretamente no local (Igreja) em que participam, uma pessoa respondeu que não lembra há quanto tempo frequenta a religião, uma outra respondeu não frequentar, outra afirmou que, no momento não frequenta a Igreja, por não sair de casa, por ter baixa visão. É importante ressaltar que muitos entrevistados manifestaram sua participação na Igreja ou comunidade religiosa por causa da Pastoral do Surdo e presença de intérprete de LIBRAS, nas missas, como é o relato da Entrevistada 58: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental II do 6º. ao 9º. Ano, Horizontina) “Participo da missa domingo, há 5 anos”.

Entrevistada 97: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Brasília) “Desde meus 16 anos participo do INOSEB porque tem intérprete e sou bem acolhida”, e vários outros relatos semelhantes nas entrevistas. Quanto ao local que

frequentam, foram citadas várias paróquias, santuários, arquidiocese, comunidades religiosas, com e sem Pastoral do Surdo existentes nas regionais do Brasil. O Gráfico 8 mostra o tempo que os entrevistados frequentam a igreja.

Gráfico 8: Tempo de frequência à Igreja



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Nos relatos sobre o tempo de participação, dos pesquisados, as respostas foram variadas, 13 afirmaram frequentar desde que nasceram, 11 desde que eram crianças, cinco pessoas frequentam há 30 anos, outros 5 pesquisados há 20 anos, mais cinco, há 10 anos participam, o maior tempo de participação foi de 60 anos e o menor de 2 anos, como podemos visualizar no gráfico 8, acima.

Entrevistado 1: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, de Fortaleza) “Sim! Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Conjunto Ceará - Há 25 anos”.

Entrevistada 2: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, do Rio de Janeiro) “Basílica Imaculado Coração de Maria no bairro do Méier, desde minha adolescência, quando mudei pra cá. Já fui da catequese infantil e depois entrei para a pastoral do Surdo, onde estou há 25 anos. Também sou Mesc.

Entrevistado 3: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, de Londrina) “Sim, participo da igreja católica, no Santuário Nossa Senhora do Silêncio, já faz uns 20 anos que participo dessa igreja, antes era Pequena Missão para Surdo e há pouco tempo se transformou em Santuário”.

Entrevistado 4: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Goianésia) “Sim. Paróquia sagrada coração de Jesus”.

Entrevistado 5: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São José dos Pinhais) “Sim. Da Igreja Católica Apostólica Romana. Há 64 anos”.

Entrevistada 6: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Horizontina) “Igreja católica, desde 2018 intérprete de libras na pastoral do surdo”.

Entrevistado 7: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Londrina) “alguns não, Somente CATÓLICA, deste que eu nasci e sou aquele até hoje sendo Católico”.

Entrevistado 8: (outra: Não tenho gênero, mas sexo, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim. Católica. 49 anos”.

Entrevistada 9: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim igreja católica - Sagrado Coração de Jesus - 10 anos”.

Entrevistada 10: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, desde sempre”.

Entrevistada 11: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Sim, sou católica. Fui criada na igreja, então pode se dizer, que desde sempre”.

Entrevistada 12: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, Paróquia Sagrado Coração de Jesus, desde 9 anos de idade”.

Entrevistada 13: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Sim, Sagrado Coração de Jesus, há 08 anos”.

Entrevistado 14: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Sim, acredito que desde meu nascimento”.

Entrevistada 15: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Governador Valadares) “Participo da paróquia N. Sr. De Lourdes, em Governador valadares, desde quando nasci. Há 46 anos”.

Entrevistada 16: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Governador Valadares) “Sim. Católica Apostólica Romana. Desde que nasci (35 anos)”.

Entrevistada 17: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barbacena) “Sim. Comunidade São Sebastião desde que nasci”.

Entrevistada 18: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Vilhena) “Sim. Igreja católica. Nasci na igreja católica”.

Entrevistada 19: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Ji-Paraná) “Sou de missa domini[c]al”.

Entrevistado 20: (homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Fortaleza) “Sim”.

Entrevistada 21: (mulher, de 31 a 40 anos, Superior, Jacareí) “Sim, católica desde que nasci”.

Entrevistada 22: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim, mais de 20 anos, Pastoral do Surdo”.

Entrevistada 23: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Palmas) “Sim. Católica. Desde os meus 17 anos”.

Entrevistada 24: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim, igreja Católica Apostólica Romana, desde o meu nascimento”.

Entrevistada 25: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Amargosa) “Sim. Igreja Católica Apostólica Romana. Assumindo o batismo tem 18 anos. Com meu batizado 20 anos”.

Entrevistada 26: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Sergipe) “Católica, há 53 anos, melhor quando nasci meus pais já me levavam”.

Entrevistada 27: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Louro de Freitas) “Sim, desde que nasci, religiosa. Terciária Premonstratense aqui 14 anos, e de religiosa 24 Anos”.

Entrevistado 28: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “Sim. Católico. Desde os 14 anos”.

Entrevistado 29: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Santa Brígida) “Paróquia Santa Brígida da Suécia, a vida inteira”.

Entrevistado 30: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Casa Nova) “Santa Ana 30 anos”.

Entrevistada 31: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alagoinhas) “Paróquia São Francisco-Alagoinhas -Bahia OFS (ordem Franciscana Secular)”.

Entrevistada 32: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Feira de Santana) “Sim. Desde criança”.

Entrevistado 33: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim. Paróquia Nossa Senhora da Ternura. 12 anos”.

Entrevistado 34: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “Participo da Igreja Católica. Paróquia Santo Antônio. Há 13 anos”.

Entrevistada 35: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Porto Alegre) “Sou católica, participo desde que nasci, há 34 anos”.

Entrevistada 36: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Niterói) “Sim Igreja católica desde criança por meus pais muito católicos”.

Entrevistada 37: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alegrete) “Iniciei na Igreja Católica, ou seja, quando tinha 9 anos. Depois participei na Pastoral do Surdo na Igreja Divino Espírito Santo (1985) e na Igreja Santo Antônio ambas em Porto Alegre, durante quase 30 anos. Atualmente estou participando aqui na Paróquia em Alegrete na Igreja Matriz tem um Padre que sabe Libras e 2 Intérpretes de Libras voluntarias. Uma vez por semana ou por mês combinamos com o Padre por *WhatsApp* no grupo de surdos. Já reunimos e discutimos proposta no futuro vai ter curso eucaristia para surdos, na paróquia, visita as famílias que tem filho surdo, escola. Fizemos convite ao Padre para dar palestra e celebrar missa com surdos e família”.

Entrevistada 38: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior incompleto, Divinópolis) “Participo desde criança, começando na paróquia perto de minha casa. Hoje participo da Igreja de Santo Antônio a mais de 10 anos”.

Entrevistada 39: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Guarujá) “Sim. Igreja Católica Apostólica Romana. 27 anos”.

Entrevistada 40: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Cubatão) “Participo na igreja São Francisco de Assis, há 30 anos”.

Entrevistado 41: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Cambé) “Paróquia São Francisco Xavier, 16 anos”.

Entrevistada 42: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Corbélia) “Católica.

Desde que nasci. Minha mãe sempre nos levou na igreja. Na”.

Entrevistada 43: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Largo) “Sim, igreja Católica São Sebastião, 20 anos”.

Entrevistada 44: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Francisco Beltrão) “Participo da Concatedral Nossa Senhora da Glória (católica), á mais ou menos 2 anos. OBS: participo para traduzir e interpretar apenas”.

Entrevistada 45: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Paranavaí) “sim, há mais de 30 anos”.

Entrevistada 46: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Foz do Iguaçu) “Sim, sou católica e sempre participei”.

Entrevistada 47: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Paranaguá) “Sim, comunidade Nossa Senhora das Graças. Desde que nasci”.

Entrevistada 48: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Maringá) “Participo da Paróquia Sta Maria Goretti, sou Intérprete da Pastoral do Surdo a 20 anos”.

Entrevistada 49: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Jacarezinho) “Sim Católica. Desde criança”.

Entrevistada 50: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Umuarama) “Sim católica desde que nasci”.

Entrevistada 51: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim. Sou católica, desde criança participo ativamente de movimentos da igreja. Hoje, eu canto nas missas e participo da pastoral do surdo”.

Entrevistado 52: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Igreja católica, desde criança (32 anos)”.

Entrevistada 53: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Araçongas) “Católica. Desde o meu nascimento”.

Entrevistado 54: (homem, de 31 a 40 anos, Superior, Cambira) “Católica, ajudar povos preciso missa.

Entrevistado 55: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Califórnia) “Não lembrou”.

Entrevistada 56: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim, católica! Desde criança”.

Entrevistada 57: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Arapongas) “Pastoral do Surdo, participo de uma, vou me outras Igrejas, sempre sábado nosso grupo combina e vamos na Paróquia que tem surdo, às vezes participam de outras Paróquias”.

Entrevistada 58: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental II do 6º. ao 9º. Ano, Horizontina) “Participo da missa domingo, há 5 anos”.

Entrevistada 59: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Arapongas) “Sim, católica, desde que nasci”.

Entrevistado 60: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Sim. Desde criança participo da vida eclesial. Na pastoral do Surdo há 25 anos”.

Entrevistado 61: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Ipirorã) “Deste pequeno participava grupo movimento de folclores e atual eu participo pastoral do surdo faz 8 anos”.

Entrevistado 62: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Brasília) “Instituto Nossa Senhora do Brasil .30 anos na pastoral do surdo convivência”.

Entrevistado 63: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belém) “Mais 25 anos participar na igreja católica depois entrar a comunidade surda na pastoral do surdo 17 anos conviver na igreja”.

Entrevistado 64: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Macapá) “Participando igreja mais tempo e participar a pastoral do surdo 10 tempo”.

Entrevistado 65: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Viana) “8 anos”.

Entrevistada 66: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Sim”. Pastoral do Surdo de Belo Horizonte, desde 2012. Antes participei na Pastoral do Surdo de Feira de Santana /BA, na minha infância e na adolescência”.

Entrevistado 67: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Sim, des[d]e infância até atualmente (Católica). Em várias paróquias e estados entre eles:

SP, GOIÁS, PARANÁ, MATO GROSSO. Inclusive fui seminarista por 7 anos”.

Entrevistada 68: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Sim. Arquidiocese de Belo Horizonte MG. Há 20 anos”.

Entrevistada 69: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Macapá) “Igreja católica Pa[s]toral dos Surdos. Bastante tempo”.

Entrevistado 70: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, São Paulo) “Eu participo na paróquia São Francisco de Assis desde que eu tinha 14 anos, lá tem pastoral do surdo”.

Entrevistada 71: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Sim participo. Pastoral do Surdo deste quando eu tinha 9 anos de idade. Atualmente estou na Paróquia Nossa Senhora de Fátima - Pechincha/RJ”.

Entrevistada 72: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Sim há mais de 30 anos...”.

Entrevistado 73: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Marabá) “14 anos”.

Entrevistado 74: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Ibiporã) “Igreja cat[ó]lica nossa senhora Guadalupe”.

Entrevistado 75: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Arapongas) “Igreja Católica, frequento desde minha infância que a minha família sempre me levava e frequentamos todos Domingos”.

Entrevistado 76: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, São Paulo) “Sim. Participava muitos anos na Paróquia São Francisco de Assis e Santuário São Francisco de Assis entre os anos 2012 e 2021. Agora estou indo igreja perto da minha casa”.

Entrevistada 77: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Sim, participar católica sempre sábado e domingo, início tinha 9 anos até atuar”.

Entrevistada 78: (surda, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São Paulo) “Participo da comunidade não saio mais de casa b[ai]x[a] visão”.

Entrevistado 79: (surdo, de 31 a 40 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º.

Ano) “Ñ”.

Entrevistado 80: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior incompleto, Cascavel) “Muito tempo”.

Entrevistada 81: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Bandeirantes) “Sim santuário de Terezinha do menino Jesus da sagrada face /santuário São [M]iguel arcanjo”.

Entrevistada 82: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Valparaíso) “Sim, católica, faz uns 15 anos”.

Entrevistada 83: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Eu nasci católica juntos meus pais e família”.

Entrevistado 84: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Já participei na igreja da evangélica muito não, porém o meu pai e não tenho certeza atrás quase há 15 anos”.

Entrevistada 85: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Sidrolândia): “sim cat[ó]lica, 22 anos”.

Entrevistada 86: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim, participo da igreja católica, atualmente estou na Paróquia Santa Isabel, Curitiba/PR, desde 2003, isto é, há 19 anos”.

Entrevistada 87: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Médio, Campo Largo) “Sim, já tinha nasceu bebê até agora sempre ir lugar”.

Entrevistado 88: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio do Sul) “Sim, católica batismo quando criança”.

Entrevistado 89: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Jaraguá do Sul) “Sim Pastoral do Surdo, sempre”.

Entrevistado 90: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Grande) “Sim São João Bosco 33 anos”.

Entrevistado 91: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Umuarama) “Eu nasce bebê na hora Batismo católico até agora hoje eu Católico”.

Entrevistado 92: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barra Mansa)

“Sim 10 anos Não”.

Entrevistada 93: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “No momento não. Antes participava na INOSEB desde a adolescência”.

Entrevistado 94: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Camboriú) “Participo na igreja com presença intérprete de libras e também outros pastorais... Sou desde pequeno sem intérprete e iniciei 25 anos com pastoral de surdos...”.

Entrevistada 95: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Santa Catarina) “Infância, comunidade surdo”

Entrevistado 96: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Brasília) “Inoseb”²⁷.

Entrevistada 97: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Brasília) “Desde meus 16 anos participo do INOSEB porque tem intérpretes e sou bem acolhida”.

Entrevistado 98: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Dourados) “A igreja da católica, pastoral do surdo, mais quinze (15) anos”.

Entrevistado 99: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim. Santuário Nossa Senhora da Salette. Há 11 anos da 1ª comunhão e 12 anos da crisma”.

Entrevistado 100: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, São Paulo) “sim, participo a igreja católica normal”.

Entrevistada 101: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Praia Grande) “Desde criança.com vovó. estudei colégio de Freira”.

Entrevistada 102: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Muito tempo”.

Entrevistado 103: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Jaraguá do Sul) “37 anos”.

Entrevistado 104: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Ceilândia)

27 INOSEB - Instituto Nossa Senhora do Brasil. Endereço: SEP SUL Entre quadras 714/914, Bloco B - Asa Sul, Brasília - DF, 70390-145

“Comunidade surdo, pastoral do surdo”.

Entrevistada 105: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Natal) “Sim igreja”.

Entrevistada 106: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Guarapuava) “Sim. Igreja São Miguel do Arcanjo. Desde que nasci em 1962. E na igreja Santa Terezinha onde participo da Pastoral do Surdo desde 1998”.

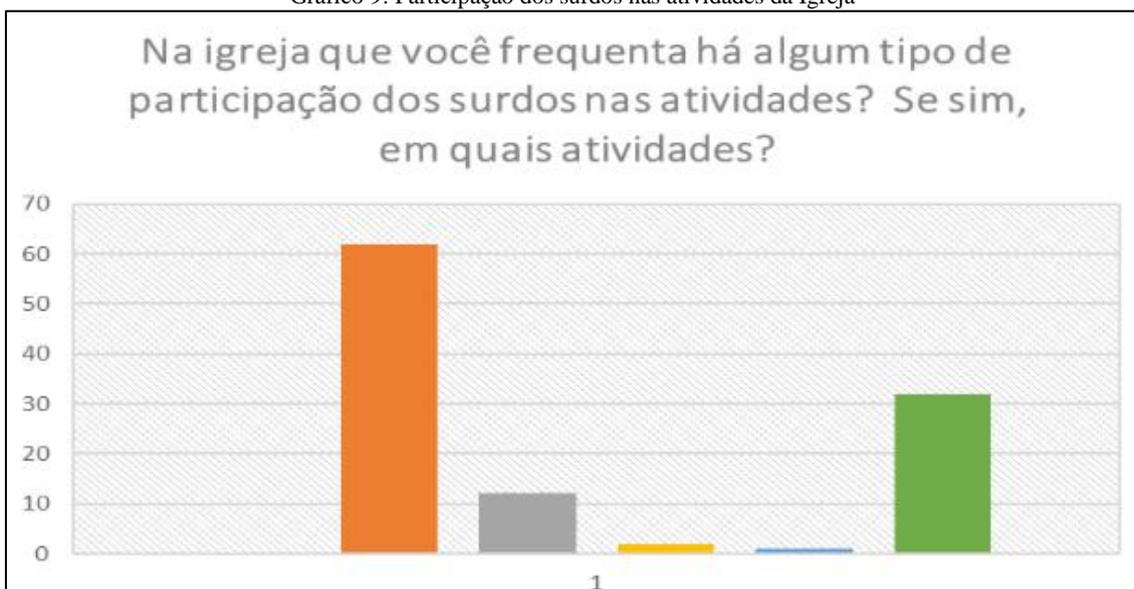
Entrevistado 107: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Sim. Igreja Católica”.

Entrevistada 108: (surda), mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Dourados) “Sou católica. até agora. profundo”.

Entrevistada 109: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Dourados) “Primeira igreja Paróquia nossa senhora de Fátima (pastoral do surdo) depois mudou outra igreja Nossa Senhora da Consciência Imaculada (catedral) pastoral do surdo depois mudou agora outra Igreja Paróquia São José Operário da pastoral do surdo”.

A sétima pergunta foi a seguinte: Na igreja que você frequenta há algum tipo de participação dos surdos nas atividades? Se sim, em quais atividades? (Gráfico 9).

Gráfico 9: Participação dos surdos nas atividades da Igreja



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Dos três grupos da amostragem, 62 pesquisados responderam já ter algum tipo de participação dos surdos nas atividades da Igreja, 12 pessoas responderam que não há participação dos surdos nas atividades da Igreja, apenas uma pessoa respondeu dependia de ter ou não, 32 pesquisados responderam direto o tipo de participação. Assim escreveram:

Entrevistado 1: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, de Fortaleza) “Existe a atuação da pastoral dos surdos”.

Entrevistada 2: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, do Rio de Janeiro) “Sim. Na pastoral do Surdo, participam na liturgia, fazendo as leituras, orações fixas; ensinando Libras para os ouvintes nas Oficinas de Língua de Sinais, que é o retorno dos Surdos à paróquia desde 2005. Na igreja, assim como as outras pastorais, os Surdos têm suas responsabilidades e assumem: “Café da Manhã” (cada domingo uma pastoral, então, 1x por semestre)- barraca na festa junina- novena da Padroeira, responsável por parte da liturgia- parte da liturgia e condução da coroação de Nossa Senhora dos Surdos Mãe do Silêncio em setembro- missa e acolhida de comunidades de Surdos no aniversário de fundação aqui na basílica, em maio Tivemos uma Surda investida no Ministério da Acolhida (falecida) Uma Surda Mesc (oralizada) Algumas senhoras Surdas são do Apostolado da Oração”.

Entrevistado 3: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, de Londrina) “Sim, os surdos participam da Santa Missa, da liturgia, das reuniões e diversas atividades que a igreja promove.

Entrevistado 4: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Goianésia) “Sim. Pastoral do surdo, inclu[sã]o do surdos é importante”.

Entrevistado 5: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São José dos Pinhais) “Sim. Especialmente na Catequese, na própria Pastoral do Surdo e em outros setores pastorais”.

Entrevistada 6: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Horizontina) “Somente na missa interpretada em libras”.

Entrevistado 7: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Londrina) “Liturgias e Coroinha que eu faço dentro Igreja”.

Entrevistada 8: (outra: Não tenho gênero, mas sexo, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim. Pastoral dos surdos. Missas, Catequese e reuniões”.

Entrevistada 9: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, temos a pastoral do surdo, eles ajudam nas interpretações, eventos festivos da igreja, catequese”.

Entrevistada 10: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, pastoral dos surdos”.

Entrevistada 11: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Sim. Existe uma pastoral, onde o objetivo é incluir de modo integral, todos da comunidade surda, fazendo-os poder viver a sua fé”.

Entrevistada 12: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, nas missas, catequese, eventos e festividades da paróquia, tanto de forma participativa ou prestando serviços juntamente com a equipe de ouvintes”.

Entrevistada 13: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Sim, nas missas e na catequese”.

Entrevistado 14: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Participo de uma comunidade que é para surdos e uma comunidade ouvinte”.

Entrevistada 15: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Governador Valadares) “Sim. Na missa das 9:30, barraquinhas etc.”.

Entrevistada 16: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Governador Valadares) “Sim. Na missa e encontros da pastoral

Entrevistada 17: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barbacena) “Sim. Catequese/Crisma/ coroinhas surdos”.

Entrevistada 19: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Ji-Paraná) “Atualmente, não temos atividades alguma com o surdo”.

Entrevistado 20: (homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Fortaleza) “Sim”.

Entrevistada 21: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim, nas missas”.

Entrevistada 22: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim,

como aqui temos uma paróquia pessoal da pessoa com deficiência, missas e atividades como liturgia, festas, catequese e missão são realizadas por surdos”.

Entrevistada 23: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Palmas) “Participam das missas dominicais”.

Entrevistada 24: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim, na pastoral do Surdo em missas, encontros e outros movimentos da igreja, catequese como encontro de casais e cursilho”.

Entrevistada 25: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Amargosa) “Sim. Participavam das missas com suas famílias”.

Entrevistada 26: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Sergipe) “Sim, pastoral dos Surdos”.

Entrevistada 27: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Louro de Freitas) “Infelizmente não tem surdos aqui na igreja”.

Entrevistado 28: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “Sim. Celebração Eucarística, encontros jovens, catequese, retiros”.

Entrevistado 29: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Santa Brígida) “Missa e catequese”.

Entrevistada 31: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alagoinhas) “Não”.

Entrevistada 32: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Feira de Santana) “Não”.

Entrevistado 33: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim. O padre é surdo e a comunidade surda católica de Curitiba e região participam e participam das missas e celebrações”.

Entrevistado 34: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “Sim. Celebração eucarística. Pastoral da Família”.

Entrevistada 35: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Porto Alegre) “Sim, os surdos participam das missas e de catequese de formação e iniciação a vida cristã”.

Entrevistada 36: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Niterói) “Sim com pastoral do surdo - missa com intérprete - catequese - reunião -

encontro espiritualidade”.

Entrevistada 37: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alegrete) “Sim. Na época, quando ainda era adolescente (13 anos), gostava de participar na liturgia, treinar em Libras com os surdos. Tinha o padre surdo (in memoriam) oralizado, usava Libras. Mais tarde eu era também catequista de surdos (Eucaristia) atuava no grupo de jovens, visitava a pastoral dos surdos nas cidades gaúchas. Fui coordenadora no local, no regional e nacional por muitos anos. Conheci muitos líderes surdos e ouvintes, entre eles Dom Celso em Brasília, referência da Pastoral do Surdo, é muito querido. Aprendi bastante com Gladis Perlin, ela era muito atuante e foi também coordenadora da Pastoral do surdo a nível local, e nacional. Foi uma experiência muito valor e rica. Como disse eu estava transmitindo atividades aos surdos nas diferentes ocasiões em que a pastoral se fazia presente”.

Entrevistada 38: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior incompleto, Divinópolis) “Não”.

Entrevistada 39: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Guarujá) “Sim. Missa participam da Liturgia em leituras e partes da oração eucarística”.

Entrevistada 40: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Cubatão) “Sim...missas, catequese, grupo de jovem”.

Entrevistado 41: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Cambé) “Sim interpretando missas”.

Entrevistada 42: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Corbélia) “Na pastoral dos Surdos”.

Entrevistada 43: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Largo) “Os surdos participam das celebrações”.

Entrevistada 44: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Francisco Beltrão) “Sim, temos os encontros da Pastoral dos Surdos a cada 15 dias (sempre aos Domingos), em seguida frequentamos a missa”.

Entrevistada 45: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Paranavaí) “Por 8 anos tivemos catequese dos surdos e missa interpretada todo domingo. Depois da pandemia todas as atividades pararam e não retornaram”.

Entrevistada 46: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Foz do Iguaçu) “Sou a única intérprete e eles participam das missas”.

Entrevistada 47: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Paranaguá) “Antes da pandemia sim, nas missas”.

Entrevistada 48: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Maringá) “Sim, nas missas e catequeses”.

Entrevistada 49: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Jacarezinho) “Sim. Missas e algumas reuniões”.

Entrevistada 50: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Umuarama) “Sim pastoral dos surdos”.

Entrevistada 51: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim. Temos há 13 anos a pastoral do surdo. Nela, os surdos participam das missas, catequese, organizamos encontros e outras atividades”.

Entrevistado 52: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim, pastoral do Surdo, nas missas, encontros e formações”.

Entrevistada 53: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Arapongas) “Sim, pastoral do surdo”.

Entrevistado 54: (homem, de 31 a 40 anos, Superior, Cambira) “Sim, importante”.

Entrevistado 55: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Califórnia) “Sim muito bom sempre palestra temas várias”.

Entrevistada 56: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Participam da Missa, tem um que faz parte do cursilho!”.

Entrevistada 57: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Arapongas) “Eu participo na Pastoral do Surdo, nas atividades de coordenadora, faço atividades na Igreja, um grupo de surdo faz estudo da Bíblia, oração, adoração, também combina viagem na cidade com missa, compartilhar, participar sempre na missa interpretar”.

Entrevistada 58: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental II do 6º.

ao 9º. Ano, Horizontina) “Tem surdos que vão na missa, mas os intérpretes de Libras são ouvintes, ficam no altar interpretando em pé e nos surdos sentados”.

Entrevistada 59: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Arapongas) “Sim, nas missas dominicais e nas semanas de orações como Quebra de Maldições, Cerco de Jericó!”.

Entrevistado 60: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Sim. Eles assumem funções diversificadas: catequista, coordenação local de comunidades, agentes de pastoral”.

Entrevistado 61: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Iporã) “Somente ir na missa”.

Entrevistado 62: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Brasília) “Temos toda atividade. Infantil, pré comunhão, crisma, grupo jovem Missa Litúrgica, encontro casais grupo pra ao terço todos missão, festa junina todos surdos”.

Entrevistado 63: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belém) “Na pastoral do surdo os projetos a criações catequistas participação dos surdos nas atividades também conhecer estudar de pesquisa bíblia”.

Entrevistado 64: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Macapá) “Catequese alunos surdos católicas nas atividades conteúdo conhecimento Deus e filmes Jesus”.

Entrevistado 65: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Viana) “Sim. Só treinar bíblia também ler salmo... Etc.”

Entrevistada 66: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Catequese, ministério da eucaristia, curso de noivos, curso de batismo, encontro de casais, missas, vários eventos religiosos conforme calendário litúrgico”.

Entrevistado 67: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Sim, tem pastorais coroinhas, catequese, grupo de oração, grupo jovens, formação de catecismo, pastoral do surdo, pastoral da comunicação, ministro eucaristia, e entre outros”.

Entrevistada 68: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Belo

Horizonte) “Sim. Catequese, ministério da eucaristia, encontros religiosos, missas, dentre outros eventos”.

Entrevistada 69: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Macapá) “Não participo nas atividades. Só frequento a missa”.

Entrevistado 70: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, São Paulo) “Sim, faço a liturgia, sou intérprete de Libras para os surdos. Além disso, eu sou vice coordenador da pastoral nacional do surdo”.

Entrevistada 71: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Sim. Tradução na missa e participação dos encontros dos surdos”.

Entrevistada 72: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Sim frequentava e atualmente por enq[uan]to ã mais frequento, somente ida nas missas, sim tem grupo de orações em Libras, palestras com temas variadas focadas em Bíblia, da Doutrina e de Santo do dia, programação do dia de eventos, exemplo encontro e ou retiro anualmente, missas interpretadas em Libras por surdos e intérpretes t[am]b[é]m”.

Entrevistado 73: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Marabá) “Formação católica surdos”.

Entrevistado 74: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Ibitiporã) “Missa uma vez ao mês”.

Entrevistado 75: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Arapongas) “Sim, a pastoral do surdo, encontros, retiros, estudos bíblicos, romarias e eventos”.

Entrevistado 76: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, São Paulo) “Sim, tem Pastoral do Surdo, eu era coordenador organizava a acessibilidade em LIBRAS e encontros com retiro”.

Entrevistada 77: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Sim, atividade Bíblia palavra o Deus”.

Entrevistada 78: (surda, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São Paulo) “Na entrada da missa nas festas”.

Entrevistado 79: (surdo, de 31 a 40 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano) “N”.

Entrevistado 80: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior incompleto, Cascavel) “Desculpa eu não entendi frases”.

Entrevistada 81: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Bandeirantes) “Sim catequese”.

Entrevistada 82: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Valparaíso) “Sim, alguns surdos ajudam interpretando na missa ou ajudando o surdo cego”.

Entrevistada 83: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Depende ter ou não”.

Entrevistado 84: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “sim, encontro de jovens, festa junina entre vários “.

Entrevistada 85: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Sidrolândia) “n[ã]o, aqui em [S]idrol[â]ndia n[ã]o tem atividades dos surdos”.

Entrevistada 86: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim, catequese, liturgia e pastoral”.

Entrevistada 87: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Médio, Campo Largo) “Sim, tem muito tipos atividades”.

Entrevistado 88: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio do Sul) “Não”.

Entrevistado 89: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Jaraguá do Sul) “grupo de jovens”.

Entrevistado 90: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Grande) “Sim missa e eventos religiosos”.

Entrevistado 91: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Umuarama) “Sim! Todos domingo[s] na missa com intérprete de libras, eu sou coordenador catequese regional Paraná Sul 2 faz vários encontros”.

Entrevistado 92: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barra Mansa) “Não”.

Entrevistada 93: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Antes só participava nas missas. Já fiz primeira comunhão e crisma”.

Entrevistado 94: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Camboriú) “Antes pandemia sempre teve reunião 2 vezes por ano cada locais... Tem missa com intérprete de libras, tem 3 encontros casais surdos, católica surdos”.

Entrevistada 95: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Santa Catarina) “Atividade, missa, din[â]mica, rezar, estudar, bíblia, viajar etc.”.

Entrevistado 96: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Brasília) “Sim”.

Entrevistada 97: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Brasília) “Sou voluntária da pastoral dos surdos a hora que posso e me sinto bem. Ajudo nas festas e no que posso também”.

Entrevistado 98: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Dourados) “Sim, trabalhava ex. voluntário, ex. colaboração, ex. catequese, atualmente coordenador”.

Entrevistado 99: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Eu ajudei como coroinha para o padre na paróquia em 2011 até 2013”

Entrevistado 100: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, São Paulo) “eu explico libras aos surdos sobre primeira liturgia, segundo liturgia e evangelho...”.

Entrevistada 101: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Praia Grande) “E difícil, eu participo. RCC”.

Entrevistada 102: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Sim eu era catequista que pastoral surdos de Moema fechou há 7 anos”.

Entrevistado 103: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Jaraguá do Sul) “Sim já fui professor de catequese e coordenador de Pastoral do surdo”.

Entrevistado 104: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Ceilândia) “Catequista”.

Entrevistada 105: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Natal) “Sim todos dia sempre sábado e domingo”

Entrevistada 106: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Guarapuava) “Sim. Pastoral do Surdo. Missas e encontros”.

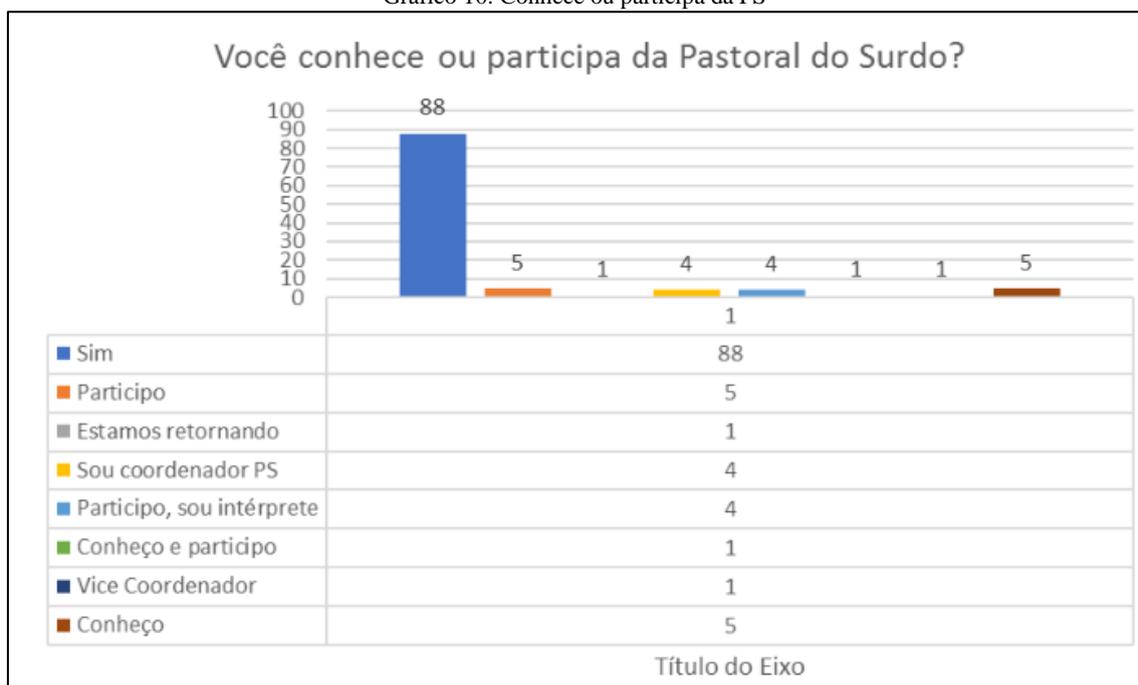
Entrevistado 107: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Sim. Pastoral dos surdo”.

Entrevistada 108: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Dourados) “Não entendi”.

Entrevistada 109: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Dourados) “Pouquinhos surdos ajudam na missa, muitos intérpretes (só na missa) ajudam os surdos. Os surdos assisti a missa do banco da igreja, sim sempre sábados à noite”.

No que se refere à oitava pergunta foi a seguinte: Você conhece ou participa da Pastoral do Surdo? (Gráfico 10).

Gráfico 10: Conhece ou participa da PS



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

A maioria dos investigados, ou seja, 89 deles, afirmaram conhecer e participar da Pastoral do Surdo; 5 pesquisados afirmaram que participam da Pastoral do Surdo, mais 5 conhecem, 4 pessoas ressaltaram serem coordenadores da Pastoral do Surdo, 4 agentes da Pastoral do Surdo que atuam como intérpretes de LIBRAS, 1 Vice Coordenador, apenas 1 do grupo pesquisado apontou estar retornando à Pastoral do Surdo.

Em seguida, a nona pergunta foi: Como você, pessoa com deficiência auditiva, se

sente na comunidade religiosa que frequenta? (Gráfico 11).

Gráfico 11: Como o D.A. sente na comunidade religiosa



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Dos entrevistados com deficiência auditiva, dos três grupos da amostragem, agentes da Pastoral do Surdo, lideranças religiosas, entre coordenadores, bispos, padre, surdas e surdos das regionais, 22 pessoas afirmaram ser ouvintes, 13 não responderam a questão, e a maior parte, ou seja 74 pesquisados, deram outras respostas. Assim contrapuseram:

Entrevistado 3: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, de Londrina) “Eles se sentem bem acolhidos e valorizados”.

Entrevistado 4: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Goianésia) “Me sinto incluído na comunidade religiosa e participante”.

Entrevistado 5: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São José dos Pinhais) “Sim. Sou o bispo referencial da Pastoral do Surdo no Brasil”.

Entrevistado 7: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Londrina) “Normalmente, são iguais, tem alguns que preferem ouvir as vozes e outros ver de Libras...”.

Entrevistada 18: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Vilhena) “Sou mãe de surdo. Sinto a falta da inclusão dos surdos”.

Entrevistada 24: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Me sinto bem e em sintonia com Deus”.

Entrevistada 26: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Sergipe) “Hoje ela se sente um pouco mais incluída, graças a Deus e as pessoas que se dispuseram para ajuda lós”.

Entrevistado 28: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “Sou ouvinte. Mas com a vivência com os surdos, percebo q hje eles se sentem mais engajados como membros da comunidade”.

Entrevistado 30: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Casa Nova) “Bem”.

Entrevistada 35: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Porto Alegre) “Difícil falar por eles, no entanto vejo que ainda precisamos construir espaços em que eles possam participar de maneira mais ativa. Por exemplo, na comunidade em que participo basicamente apenas as intérpretes sabem língua de sinais, então é difícil que os surdos se sintam totalmente acolhidos na minha opinião. A comunidade, no entanto, tem um forte vínculo com a escola de surdos que se localiza na frente da igreja, o que torna a comunidade um espaço de referência e de afetos a muitos surdos que também estudaram, cresceram frequentando a escola e a igreja”.

Entrevistada 36: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Niterói) “Sinto bem com comunidade surda e ouvinte e sou de MESC”.

Entrevistada 37: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alegrete) “Não sou pessoa com deficiência auditiva. Sou surda e uso libras. Me sinto muito feliz de participar na missa, e sempre busco acessibilidade com Intérpretes de Libras para que os surdos possam conhecer, rezar, refletir, sentir-se junto com Deus”.

Entrevistada 40: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Cubatão) “Sou ouvinte, aqui tem inclusão”.

Entrevistada 45: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Paranavaí) “Não sou deficiente auditiva, mas o tempo que fui catequista acho que há pouco espaço para a comunidade surda e pouca interação com a comunidade ouvinte”.

Entrevistada 48: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Maringá) “No caso

sou Intérprete (ouvinte), em nossa paróquia procuramos acolher e dar acessibilidade aos surdos. Porém acessibilidade ainda é algo difícil de existir dentro da igreja Católica.”.

Entrevistada 50: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Umuarama) “Acolhida”.

Entrevistada 51: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Tenho deficiência auditiva leve, faço uso de aparelhos auditivos e interpreto as Santas Missas. Por isso, não posso opinar nessa questão”.

Entrevistado 55: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Califórnia) “Importante interação surdez”.

Entrevistada 56: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sou ouvinte, mas penso que os surdos se sentem acolhidos”.

Entrevistada 57: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Araçongas) “Importante eu pessoa com deficiência auditiva inserida na Igreja, por causa da inclusão, conhecer a comunidade ouvinte, compartilhar, pode ensinar mais informação, mas possível eu também acompanhar, praticar fé na vida, caminho com Jesus Cristo, legal, importante só o grupo de surdo não abre todo grupo, melhor informar coisas”.

Entrevistada 58: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental II do 6º. ao 9º. Ano, Horizontina) “Me sinto bem na Igreja quando tem intérprete na missa”.

Entrevistada 59: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Araçongas) “Se sente muito acolhido e feliz”.

Entrevistado 60: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Não sou surdo. Atuo como Coordenador Arquidiocesano da pastoral da pessoa com deficiência. A pastoral é dinâmica e atuante dentro da Arquidiocese do Rio de Janeiro”.

Entrevistado 61: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Ibiporã) “Muito maravilhoso entendo melhor libras ter intérprete a amplia novas palavras”.

Entrevistado 62: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Brasília) “Sim acolhido n[a] comunidade na pastoral do surdo”.

Entrevistado 63: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belém)

“Participar na comunidade religiosa na pastoral do surdo sempre união pessoa com deficiência auditiva bem diferente, a conhecer na católica”.

Entrevistado 64: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Macapá) “Frequente na igreja pessoa surda não conhece começa contato conhece sim. Comunidade religiosa ouvintes sente normal e não”.

Entrevistado 65: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Viana) “Sim inclusão importante união. Comunidade é normal”.

Entrevistada 66: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Como a minha comunidade usa Libras direto, sendo a minha primeira língua, então a identificação é plena. Não é questão de inclusão, mas de respeito à diversidade linguística”.

Entrevistado 67: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Orgulho e feliz. A Igreja sempre acolhe a comunidade surda, e trabalha a tratar o máximo possível acessibilidade”.

Entrevistada 68: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Confortável. Fico no meio dos meus iguais”.

Entrevistada 69: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Macapá) “Me sinto bem e aceita igual ouvinte por que temos intérprete”.

Entrevistado 70: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, São Paulo) “Sim, todos acolhem os surdos que participam com pastoral do surdo”.

Entrevistada 71: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Sinto bem, Deus próximo a mim”

Entrevistada 72: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Sinto muito feliz, agraciada, com m[ui]ta fé mas o q me incomoda é a falta de acessibilidade por todas as igrejas, por exemplo perto da minha casa ã tem e outros lugares de bairro a bairro t[am]b[ém] n[ão] tem”.

Entrevistado 73: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Marabá) “Surdo”.

Entrevistado 74: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Ibiporã) “Sinto

comunicação] nas leituras e entendo o significado das palavras”.

Entrevistado 75: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Arapongas)
“Me sinto acolhido na Igreja e está crescendo de reconhecer a nossa comunidade surda”.

Entrevistada 77: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Ananindeua)
“Difícil [a] comunidade religião conviver Pouco”.

Entrevistada 78: (surda, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São Paulo)
“Normal”.

Entrevistado 79: (surdo, de 31 a 40 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano) “Ñ”.

Entrevistado 80: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior incompleto, Cascavel) “Aprende religião”

Entrevistada 81: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Bandeirantes)
“Normal nas sempre a disposição p ajudaria surdos”.

Entrevistada 82: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Valparaíso)
“Me sinto bem e muito acolhida”.

Entrevistada 83: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba)
“Precisa intérpretes católicos”.

Entrevistado 84: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília)
“Não está questão, é comunidade surda”.

Entrevistada 85: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Sidrolândia) “me sinto bem, mas fico triste po[r] não ter interpret[e] e nem pastoral do surdo”.

Entrevistada 86: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba)
“Sente-se um pouco deixada de lado, pois muitas vezes para ter a acessibilidade e inclusão nos movimentos pastorais e paroquiais, são conquistadas por seus familiares ou conhecidos que solicitam ou algumas vezes precisam se impor da demanda dos irmãos surdos. Acreditam que a acessibilidade aos surdos é somente e unicamente através do TILSP e locais reservados nos bancos das igrejas, porém esquecem que a acolhida ao próximo é por amor e carinho e não piedade como muitos olham aos irmãos surdos e

expressam “coitado não ouve, não escuta ou é surdo”. A inclusão dos surdos nas comunidades religiosas tem que ir além somente da surdez, mas de um ser humano que Deus se faz presente e que se fazer presente como todos nós. Eles querem ser visto[s], querem poder se manifestar e viver sua fé como nós ‘ouvintes’”.

Entrevistada 87: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Médio, Campo Largo) “Fazer todo[s] lado família”.

Entrevistado 88: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio do Sul) “Rio do Campo não tem intérprete”.

Entrevistado 89: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Jaraguá do Sul) “sinto falta libras pessoas ajudar, pessoas olhar diferente eu não coitado”.

Entrevistado 90: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Grande) “Abençoado e animado”.

Entrevistado 91: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Umuarama) “Não sou deficiência auditiva. Eu sou surdo sempre frequentemente na igreja até tem padre surdo Wilson na missa”.

Entrevistado 92: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barra Mansa) “Me sinto bem”.

Entrevistada 93: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Na INOSEB sinto em casa, pois existem pessoas surdas como eu. Lá eles são minha segunda família”.

Entrevistado 94: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Camboriú) “Sim conhece e também participa os pastorais dos surdos aqui temos Joinville Norte, Joinville Sul, Araquari, Jaraguá do Sul, Camboriú-Itapema, Chapecó e Concórdia”.

Entrevistada 95: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Santa Catarina) “Normal”

Entrevistado 96: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Brasília) “Sim inoseb”.

Entrevistada 97: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Brasília) “Sinto muito bem acolhida pelo INOSEB”.

Entrevistado 98: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Dourados) “sim, tem sim”.

Entrevistado 99: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Eu sou surdo profundo, usuário de Libras e português (bilíngue) e leio a legenda e vejo a Libras”.

Entrevistado 100: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, São Paulo) “ah, percebi sinais das mãos sem dúvidas...”.

Entrevistada 101: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Praia Grande) “Sinto bem g[o]st[o] muito da igreja, sinto Jesus na Missa”.

Entrevistada 102: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Às vezes”.

Entrevistado 103: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Jaraguá do Sul) “Sim me senti bem”.

Entrevistado 104: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Ceilândia) “Comunicar para surdo melhor”.

Entrevistada 105: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Natal) “Todos”.

Entrevistada 106: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Guarapuava) “Tenho 2 comunidade[s] uma de ouvintes e a outra onde a Pastoral do surdo frequenta. Na comunidade de ouvintes sempre me sentia triste por não poder entender pois não tinha intérprete de Libras. E na outra comunidade tem intérprete de Libras”.

Entrevistado 107: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Me sinto bem e feliz”.

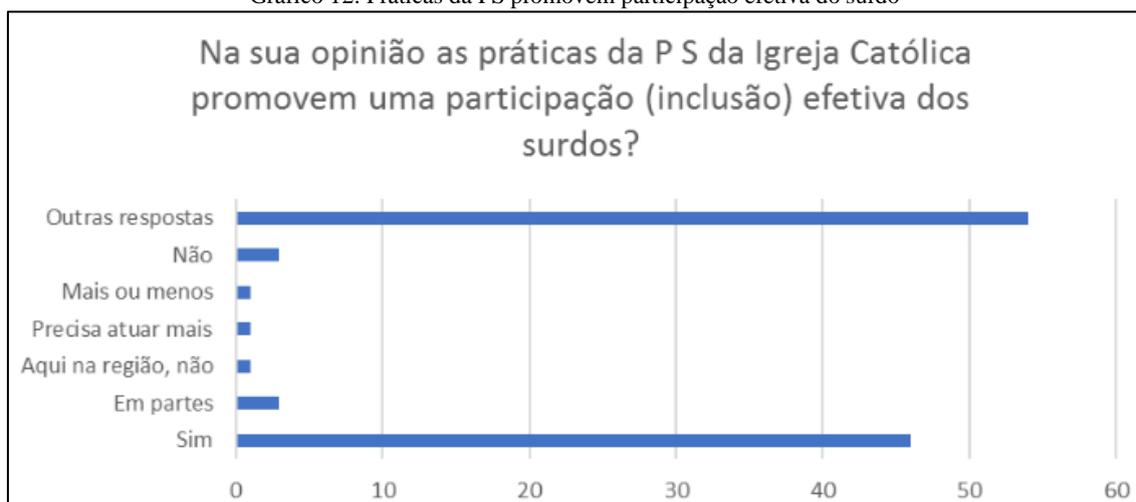
Entrevistada 109: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Dourados) “Eu não conseguir ler na bíblia, caderno (lápis e caneta) ... Eu tenho síndrome de USHER. Não excluí. Continuo”.

A décima pergunta foi a seguinte: Em sua opinião, as práticas da Pastoral dos Surdos da Igreja Católica promovem uma participação (inclusão) efetiva dos surdos?

Conforme podemos observar no gráfico 12 abaixo, 46 pesquisados responderam

que as práticas da Pastoral dos Surdos da Igreja Católica promovem uma participação (inclusão) efetiva dos surdos. 3 pessoas responderam que em parte, a Igreja Católica promove a participação efetiva dos surdos, outros 3 entrevistados afirmaram que as práticas da Igreja Católica não promovem a participação efetiva dos surdos, 1 pessoa respondeu que precisa atuar mais, outra disse que mais ou menos promove a participação efetiva dos surdos, houve 1 resposta que na região do pesquisado nº 18, não há práticas da Pastoral do Surdo.

Gráfico 12: Práticas da PS promovem participação efetiva do surdo



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Cinquenta e quatro entrevistados apontaram outros retornos. E assim registraram:

Entrevistado 1: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, de Fortaleza) “Ainda não conseguimos atingir esta, é necessário mais investiremos e atenção a questão da acessibilidade!”.

Entrevistada 2: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, do Rio de Janeiro) “Ainda depende muito de como o pároco e os intérpretes se envolvem, tanto no incentivo como na permissão dessa participação. Aqui na paróquia, temos avançado, graças a Deus, com apoio total do pároco e paroquianos A presença dos Surdos e tratamento de igual valor nas atividades que podiam realizar na paróquia levou ao entrosamento com os Ouvintes e a vontade da maioria dos Surdos a querer se envolver cada vez mais”.

Entrevistada 3: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, do Rio de Janeiro) “Sim, a pastoral do surdo sempre está promovendo a participação dos surdos na

comunidade e na igreja em geral, para que haja a inclusão igualitária para todos”.

Entrevistado 4: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Goianésia) “Sim para o surdo e importante”.

Entrevistado 6: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Goianésia) “Com as missas em libras os surdos se sentem acolhidos, porém precisamos de outras estratégias para inclusão em outras atividades da igreja”.

Entrevistado 7: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Londrina) “É importante que Pastoral tenha ajudar os surdos ter aproximação com Deus. Simples que chama o interprete para ajudar os surdos, é importante disso”.

Entrevistada 9: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, nas pastor[a]is de surdos que conheço, todas exercem um belíssimo trabalho de inclusão”.

Entrevistada 11: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Sim. É buscado sempre maneiras de incluir de modo efetivo e concreto, todos aqueles que sentem a vontade de viver sua fé”.

Entrevistada 12: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Sim, é por meio dela que o surdo tem possibilidade de vivenciar as missas presenciais, aprender sobre a palavra de Deus nas catequeses, além de inseri-lo nos trabalhos paroquiais”.

Entrevistado 14: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Acredito que estamos no caminho de uma inclusão verdadeira”.

Entrevistada 16: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Governador Valadares) “Na nossa comunidade, ainda não. Precisamos promover mais a inserção deles em outros eventos/pastorais da comunidade”.

Entrevistada 22: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Governador Valadares) “Sim, pois muitos doam seus dons a serviço da comunidade surda e também ouvinte. Cada um a sua forma. Há uma troca continua nas ações”.

Entrevistada 23: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Governador Valadares) “Efetiva, ainda não, mas está caminhando”.

Entrevistada 24: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim, através das missas interpretadas, da preparação para receber os sacramentos e dos estudos

bíblicos e também cabe o interesse dos surdos buscarem mais dentro da igreja, outros movimentos para aprofundar nos ensinamentos da doutrina católica”.

Entrevistada 25: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Amargosa) “Sim. A Pastoral do Surdo dar condições aos irmãos em Cristo surdos para que vivam a fé católica e tenham uma vida em comunidade. Na pastoral do surdo os surdos são motivados a se reconhecerem como agentes da evangelização”.

Entrevistado 28: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “Sim. A mto tempo vejo e percebo que a Pastoral do Surdo tem conseguido a prática inclusivas, mto ainda se tem a fazer, mas alcançamos alguns propósitos”.

Entrevistado 29: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Santa Brígida) “Em partes. Ainda precisa avançar muito”.

Entrevistada 31: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alagoinhas) “Simm!!! Mas precisa melhora”.

Entrevistado 33: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Ainda falta muita inclusão. Mas também falta bastante o querer participar do Surdo, além de somente assistir missas”.

Entrevistado 34: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “Há ainda muito o melhorar. Há inclusão na celebração da eucaristia, mas falta envolver os surdos e Pastoral em outros movimentos dentro da Igreja, como catequese”.

Entrevistado 35: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Porto Alegre) “Difícil generalizar, pois temos diversos formatos que a Pastoral do Surdo assume no Brasil. Eu penso que ainda podemos avançar, mas a pastoral possibilita que os surdos compreendam os saberes da igreja, vivam sua fé, participem das missas, dos sacramentos... então acho que possibilitam uma participação..., Mas uma participação efetiva nem sempre é vivenciada nem mesmo pelos ouvintes que as vezes vivem a religião apenas como o ato de ir as missas... O ideal seria que mais pessoas soubessem Libras e tivéssemos mais comunidades com a presença de intérpretes”.

Entrevistada 36: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Niterói) “Às vezes - seria uma boa integrar”.

Entrevistada 37: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alegrete) “Sim,

importante a inclusão conhecer da Pastoral do surdo informação sobre Libras. Os surdos têm prioridade sentar em frente mais visual interprete de Libras, telão, teatro. Os ouvintes não precisam em frente pois ouvem. Lembro do que aconteceu na romaria em Aparecida/SP, quando maioria surdos preferiu a capela subsolo como local mais próprio para a celebração específica para surdos e estavam presentes os surdos de todo o Brasil. A Igreja proporciona informações importantes da Pastoral do surdo como por exemplo: Palestras, cursos, teatro, informação sobre Encontro Nacional de Pastoral do Surdo (ENAPAS). Alguns surdos preferem na Igreja esses aspectos que proporcionam a visibilidade de surdos e respeito a nossa diferença pelo uso LIBRAS. Os locais que propiciam reflexão com uso de Libras são lugares de aprendizagem e consequente participação e integração à Igreja”.

Entrevistada 38: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior incompleto, Divinópolis) “A Prática da Pastoral tenta incluir o surdo na comunidade católica mas ainda existe algumas falhas”.

Entrevistada 42: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Corbélia) “Em algumas igrejas sim, porém são raras as q[ue] vivem uma verdadeira inclusão”.

Entrevistada 43: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Largo) “Ainda falta muito para que essa efetivação seja completa”.

Entrevistada 44: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Francisco Beltrão) “Pelo menos na Pastoral que eu participo há sim inclusão dos surdos”.

Entrevistada 46: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Foz do Iguaçu) “Sim com certeza, é através da pastoral que o surdo tem contato com Deus”.

Entrevistada 47: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Paranaguá) “Quando há um grupo forte, no qual os surdos sejam sujeitos ativos dentro da pastoral, sim. Aqui em minha diocese, ainda não. Estamos caminhando para esse efetiva participação dos surdos”.

Entrevistada 48: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Maringá) “Da Pastoral com certeza”.

Entrevistada 51: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Em nossa comunidade, sim. Os surdos são líderes em nossa pastoral, dão formação para

outros surdos, ajudam nas santas missas, recebem os sacramentos da igreja”.

Entrevistado 52: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Sim, buscamos trazer o surdo como protagonista na pastoral”.

Entrevistada 53: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Araçongas) “Sim, a missa é para Todos! E a presença do Interpretador pode ajudar muito na inclusão na igreja”.

Entrevistado 55: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Califórnia) “Sim precisa importante intérprete de Libras”.

Entrevistada 56: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Com certeza, através da Pastoral, o Surdo tem acesso à palavra de Deus e se sentem membros da igreja”.

Entrevistada 57: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Araçongas) “Bom, práticas do surdo igual do ouvinte, esforça um pouco para experimentar as práticas precisa fazer a mudança do texto para Libras, ou aprender práticas de rezar, também é igual, motivar o surdo a aprender conhecer melhor”.

Entrevistado 60: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Sim. Totalmente. Os surdos estão presentes na vida eclesial e na rotina da caminhada da fé católica. Os surdos estão inseridos tanto no aspecto territorial como na vida festividades e eventos programados pela Arquidiocese ou pela própria Pastoral”.

Entrevistado 61: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Iporã) “Muito importante e muito bom convivência juntos [s]urd[o] e ouvinte compartilhar e ter empatia”.

Entrevistado 62: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Brasília) “E sim inclusão na pastoral do surdo, surdo cego apoio também”.

Entrevistado 63: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belém) “É muito importante na pastoral do surdo da igreja católica apresentação a comunidade surda participar na igreja católica é inclusão, tem acessibilidade intérprete de Libras”.

Entrevistado 64: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Macapá) “Prática surdas e ouvintes juntos apresentação na igreja missa dia de pastoral do surdo e dia do surdo”.

Entrevistada 66: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Aqui em BH, a participação é quase efetiva. O clero, as autoridades religiosas não sabem Libras, sendo necessária a presença de intérpretes. Porém pelo Brasil agora, somos exemplo, o que demonstra que há muita terra para percorrer e garantir maior participação dos surdos”.

Entrevistado 67: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Sim, na prática existem movimentos que trabalhamos para atender a comunidade surda. O que precisa trabalhar são leigos, ou seja, o povo em qualquer pessoa. Inclusive a sociedade brasileira precisa ter acesso, o problema não está na Igreja, sim as pessoas disponíveis de aprender assim vocês facultade, observa quantos pessoas sabe bem para comunicar com surdo? então deixando claro que a Igreja sempre procura e promover a participação do surdo. Quando mais informação a sociedade, melhor que fica todos lugares”.

Entrevistada 68: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Muito restrita na atuação da Pastoral do Surdo. Muito assistencialista. Não nos dá oportunidade de mostrar o nosso protagonismo. Tudo tem que ser “superação”, termo muito capacitista”.

Entrevistada 69: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Macapá) “A cadastral da igreja católica São José de Macapá promove a inclusão do grupo pastoral dos surdos”.

Entrevistado 70: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, São Paulo) “É fundamental a pastoral do surdo participar na Igreja Católica, desde Monsenhor Vicente Burnier foi primeiro sacerdote surdo do Brasil. A maioria CNBB ainda não reconhece a pastoral do surdo e nós estamos trabalhando para mostrar CNBB que a pastoral do surdo está movimento”.

Entrevistada 71: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Sim, é preciso anunciar mais aos surdos ovelhas perdidas para ir igreja”.

Entrevistada 72: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Sim ela é m[ui]to importante pois tem m[ui]tos surdos ainda ã sabem, simplesmente Pai Nosso exemplo, pois acho é bom q toda a Igreja Católica promove e estimule, pois como já havia a cura de um surdo e mudo curado por Jesus a palavra surgiu por Ele mesmo, é “éffata”, isso foi criado para isso!! E t[am]b[é]m visibilidade com eles surdos”.

Entrevistado 73: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Marabá) “Interpretação religioso católica de libras”.

Entrevistado 74: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Ibiporã) “Sim por isso muito importante participar”.

Entrevistado 75: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Arapongas) “A Igreja acolhe nos da Pastoral do Surdo e motiva na nossa caminhada de Santidade”.

Entrevistado 76: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, São Paulo) “Tem dois grupos da Igreja Católica que entendem diferente sobre Pastoral do Surdo: o primeiro grupo pensa é um acolhimento, caridade. o segundo grupo pensa é acessibilidade em LIBRAS. Mas nem padres e fiéis ouvintes de todas as paróquias têm interesse de aprender LIBRAS para poder aceitar os surdos participarem diversos encontros, oração, palestras, solidariedade. Sempre estamos em falta de intérpretes de LIBRAS para os surdos possam ir entender a missa litúrgica e receber o Jesus através hóstia. Quando tiver um padre sabe LIBRAS, vem muitos surdos para entender a Palavra de Deus, entre 2 e 4 anos, o padre foi enviado para outra paróquia da mesma cidade ou outra. Acontecem a diminuição de participação dos surdos”.

Entrevistada 77: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Inclusão não foi fácil, aqui não tem acessibilidade, mas opinião precisa que sim inclusão porque relação é importante”.

Entrevistada 78: (surda, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São Paulo) “Sim m[u]ito éramos unidos”.

Entrevistada 81: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Bandeirantes) “Sim ajuda muito”.

Entrevistada 82: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Valparaíso) “Sim, os surdos ajudam muito”.

Entrevistada 83: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Sim a importante”.

Entrevistado 84: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Importante é inclusão social da igreja religiosa e ajudar as pessoas desconhecidos informaram sobre cultura surda da Igreja Católica”.

Entrevistada 85: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Sidrolândia) “Aqui não tem pastoral, mas quando eu partici[pa]va em campo grande tinha sim inclusão”.

Entrevistada 86: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Não, pois a P[astoral] Surdo limita-se em sua maioria somente em nosso ápice maior que é a missa, catequese, mas a função por exemplo do movimentos dos quais possam estar próximo das verdades dos irmãos sejam surdos ou ouvintes, ainda falta esta realidades a eles, por exemplo, IGREJA EM SAÍDA, rezar nas casas, Novena de Natal e outras novenas, falta esta parte de missão, ir ao próximo”.

Entrevistado 89: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Jaraguá do Sul) “pouco porque pastoral do surdo não só, precisa surdo todas as pastorais convidar”.

Entrevistado 90: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Grande) “Independente porém existem diversidades de párocos que entendem ou não as atividades da pastoral do surdo os que entende se motivam os cristãos a prática e acompanhar a libras nos horários da missa e falam muito bem da nossa pastoral religiosa que é um grande exemplo da inclusão social religiosa que já vem há anos ingressada na igreja católica apostólica romana está cabe um grande elogio fazendo a inclusão mas infelizmente nem todos párocos são assim os que não conhecem querem fazer diferente conforme a exclusão social acho absurdo e que ele falta de receber Jesus Cristo ressuscitado em seu coração para saber partilhar o amor desta pastoral do surdo que vem fazendo um lindo e maravilhoso trabalho religioso em ações a missão e evangelização conforme dito Jesus Cristo ressuscitado idem ao m[u]ndo pregar o evangelho a todas criaturas”.

Entrevistado 91: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Umuarama) “Sim! Mais importante inclusão com as pessoas conhece a surdos usar a Libras comunicação”.

Entrevistada 93: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Sim. Sempre incentivam os surdos servirem a igreja e escolher a atividade que lhe interessa exemplo tornar catequista, responsável pelo grupo de casais”.

Entrevistado 94: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Camboriú) “Igreja católica SC, vários locais os padres não entendem, precisava orientar e aceitar as

práticas da Pastoral dos Surdos, importante passar todas as igrejas católica, RCC, Shalom Católica e vários pastorais... Bom seria entender e acolher os povos surdos na igreja e outras atividades e práticas”.

Entrevistado 98: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Dourados) “Sempre tem missa com interpretes, catequese, evento, confraternização, encontro e etc...”.

Entrevistado 99: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Acessibilidade em Libras, legenda e Libras tátil é importante. Alguns surdos moram na roça ou na pequena cidade e frequentam na igreja sem acessibilidade p[or]q[u]e eles precisam de interpretação em libras”.

Entrevistado 100: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, São Paulo) “não inclusão separado normal”.

Entrevistada 101: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Praia Grande) “Sim mas o surdo que não busca”.

Entrevistada 102: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Muito bom aprender a Palavra Deus”.

Entrevistado 103: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Jaraguá do Sul) “Importante que integrar na comunidade Surda católica”.

Entrevistado 104: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Ceilândia) “Surdos e [sur]das”.

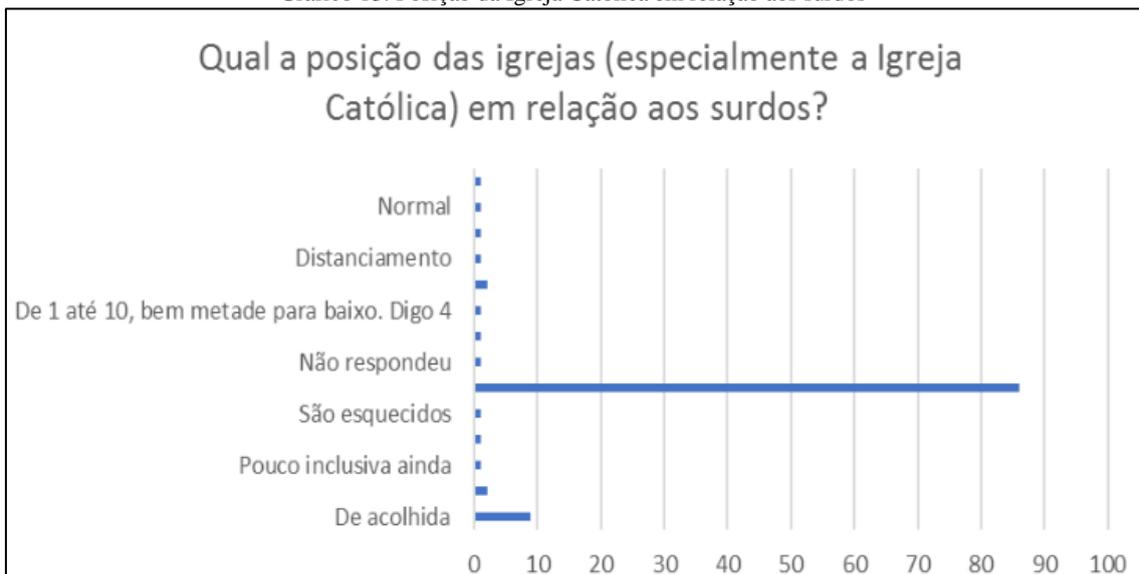
Entrevistada 106: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Guarapuava) “Sim pois tem intérprete de Libras”.

Entrevistado 107: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Acho que a Pastoral do surdo ajud[a] muito o surdo a participar da igreja”.

Entrevistada 109: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Dourados) “Eu senti amar participar mesmo”

A décima primeira pergunta foi a seguinte: Qual a posição das igrejas (especialmente a Igreja Católica) em relação aos surdos? (Gráfico 13).

Gráfico 13: Posição da Igreja Católica em relação aos surdos



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Entre as pessoas sondadas, 9 responderam que a posição da Igreja Católica em relação aos surdos é de acolhida, 2 pessoas responderam ser de inclusão, nas respostas que a posição da Igreja é normal, pouco inclusiva ainda, os surdos são esquecidos, irmãos invisibilizados, falta acessibilidade, sobre a posição da Igreja de 1 até 10, bem metade para baixo. digo 4, distanciamento, pequenas iniciativas e deveriam fazer muito mais pela inclusão, houve a afirmação de uma pessoa para cada resposta citada anteriormente.

A parte mais expressiva dos entrevistados afixou diferentes retornos.

Entrevistada 2: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, do Rio de Janeiro) “Aqui no RJ, entre as católicas, têm sido cada vez mais abraçadas, nosso cardeal tem aprendido, conhecido mais sobre a pastoral, sua organização e peculiaridades. Assim bispos e sacerdotes (principalmente diocesanos, falo do RJ), têm se interessado pelo tema. Aqui no RJ, os evangélicos têm supremacia no número de intérpretes (é inclusive uma atuação remunerada), mas quando vc conversa com um Surdo católico e um Surdo evangélico (esses, maioria) a conduta e reflexão é muito superficial entre os evangélicos. Costumam decorar, citar passagens bíblicas, mas sem realmente compreender, assimilar a mensagem e são muito calcados no materialismo. Surdos católicos são “mais devagar”, mas são mais comprometidos com a compreensão, desde o estudo do português, sinais, até a situação prática da Palavra” .

Entrevistado 3: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, de Londrina “A igreja

foi uma das primeiras entidades a promover a valorização da pessoa com deficiência e entre esses os surdos estão presentes. Ela se preocupa com a valorização dessas pessoas tanto humana como na vida espiritual dos surdos”.

Entrevistado 4: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Goianésia) “A igreja católica coloca i[n]t[é]rp[r]etr[e] libras na missa das 17h de domingo”.

Entrevistado 5: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São José dos Pinhais) “A Igreja sempre trabalhou com a inclusão. Aos poucos foi se organizando melhor pastoralmente”.

Entrevistado 6: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Horizontina) “Tivemos dificuldades para realizar o trabalho de tradução e interpretação nas missas pois os sacerdotes não queriam que chamássemos atenção na missa, não entendiam a cultura surda, depois de um. ano tudo foi melhorando, pois, o sacerdote se dispôs a conhecer a comunidade surda”.

Entrevistado 7: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Londrina) “Na Igreja para surdos é Nossa Senhora do Silêncio aqui Londrina PR”.

Entrevistada 8: (outra: Não tenho gênero, mas sexo, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Acolhemos a todos indistintamente e convivemos de forma fraterna”.

Entrevistada 9: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Precisam de mais conhecimento sobre essa comunidade, ainda há muito a se aprender”.

Entrevistada 11: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Na minha opinião, infelizmente ainda é visto por alguns como algo banal os esforços para inseri-los nessa caminhada com a igreja, porém, graças às Pastorais, é notado a mudança de tal ação aos poucos”.

Entrevistado 12: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “A igreja somos nós, logo, percebemos que alguns entendem os processos necessários para que o surdo esteja ali, como por exemplo, sentar nos primeiros bancos ou não passar na frente do intérprete, já outros demoram para assimilar e compreender essa realidade. De um modo geral, a maioria dos fiéis tem atitudes de inclusão.

Entrevistado 13: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Fraca, porém para ser mais efetiva precisa de mais pessoas”.

Entrevistada 15: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Governador Valadares) “Que são irmãos como todos e que precisam da Palavra de Deus”.

Entrevistada 17: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barbacena) “Tenta incluir os surdos nas atividades normalmente com o apoio de intérpretes de libras”.

Entrevistada 18: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Vilhena) “De acolhida, mas de maneira limitada”.

Entrevistada 19: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Ji-Paraná) “Acredito que é de amor e inclusão”.

Entrevistada 21: (mulher, de 31 a 40 anos, Superior, Jacareí) “Alguns acham lindo, mas não querem se comprometer com a inclusão deles”.

Entrevistada 22: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Nossa igreja já evoluiu muito, há alguns anos atrás não havia tanta abertura de padres e apoio de bispos em ações de surdos, hoje vemos alguns padres pedindo intérprete, com a evolução das conquistas da comunidade surda, a igreja em Curitiba especialmente falando, tem muita abertura e consideração aos surdos e a Pastoral”.

Entrevistada 23: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Palmas) “As pessoas estão receptivas a presença da comunidade surda e surdo cega nas missas. Estão começando aceitar vossas participações e suas particularidades comunicativas.

Entrevistada 24: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Existe a inclusão, mas há muito ser melhorado, como investir em cursos de aperfeiçoamentos aos intérpretes, tanto na libras como cursos mais profundos sobre liturgia”.

Entrevistada 26: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Sergipe) “Deixa um pouco a desejar principalmente nas transmissões”.

Entrevistado 28: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “De acolher a todos sem distinção”.

Entrevistado 29: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Santa Brígida) “Os acolhe, mas ainda com muita timidez”.

Entrevistado 30: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Casa Nova) “Ainda longe dos objetivos”.

Entrevistada 31: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alagoinhas) “Aqui na minha paróquia não tem explicação porque eles não estão preocupados com surdos. Em relação a igreja precisar melhorar”.

Entrevistado 33: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Hoje em dia já ao menos sabem que existe a Pastoral do Surdo, mas ainda há muito desconhecimento. Também em grandes eventos, normalmente não lembram da participação deles e com isso, se a comunidade não corre atrás com antecedência, ficam sem acessibilidade”.

Entrevistado 34: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Divinópolis) “Na nossa cidade é de apoio e de muita colaboração”.

Entrevistada 35: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Porto Alegre) “A arquidiocese de Porto Alegre tem se mostrado muito acolhedora, preocupada em atender as demandas da Pastoral do Surdo, embora acho que esse acolhimento poderia se transformar por exemplo em um imperativo que qualquer material informativo da arquidiocese ou da cnbb fosse acessível, que todas as missas centrais do ano na catedral tivessem a presença de intérpretes, etc. Quando demandamos temos o acolhimento, mas seria interessante que a preocupação também viesse da própria igreja”.

Entrevistada 37: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alegrete) “A posição no momento é e parece ser de acolhida. É importante que mais e mais pessoas se dediquem a o ensino em libras na catequese e informações. Um líder surdo dá muitos exemplos para outros surdos como acontece na Igreja católica. Há bons líderes ouvintes, mas também há alguns líderes ouvintes que apenas querem aparecer. É muito importante que os líderes sejam fluentes em libras pois assim nós conseguimos acompanhar”.

Entrevistada 38: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior incompleto, Divinópolis) “A igreja católica acolhe bem os surdos, aqui em Divinópolis temos um contato próximo com o Bispo, sempre demonstra seu apoio aos surdos”.

Entrevistada 39: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Guarujá) “Há variação enorme no Brasil, tem igrejas que acolhem e tem algumas que evitam essa

missão”.

Entrevistada 42: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Corbélia) “Algumas aceitam de boa os surdos, porém outras os padres não aceitam os intérpretes”.

Entrevistada 44: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Francisco Beltrão) “Tentam promover a inclusão, mas infelizmente na cidade em que resido, apenas uma (Co[m] catedral nossa Senhora da Glória) promove esta prática”.

Entrevistada 46: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Foz do Iguaçu) “Acredito que hoje as igrejas estão mais receptivas, inclusive a católica”.

Entrevistada 47: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Paranaguá) “De acolhimento, entanto é necessário um olhar e uma formação maior para bem acolher esse público”.

Entrevistada 48: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Maringá) “A igreja Católica peca muito nesse sentido ao meu ver. Não se preocupa em divulgar ou ajudar a comunidade surda. Não possibilita que a Libras exista do começo ao fim nos seminários. Poderia proporcionar q seminaristas fizessem missão em nossa Pastoral p conhecer nossa realidade. Não investe nos Intérpretes, em legendas... A impressão q tenho que pôr sermos poucos não temos muito valor”.

Entrevistada 49: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Jacarezinho) “Ainda somos omissos, falta maior preparo. Principalmente pelos líderes religiosos”.

Entrevistada 51: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Acolhimento. Hoje, pelo reconhecimento da Libras como língua e pelo movimento de inclusão das minorias em nossa sociedade, a igreja acolhe os surdos de forma efetiva, com o objetivo de evangelizá-los”.

Entrevistado 52: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Abraçam a causa da pastoral”.

Entrevistada 53: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Araçongas) “Ter uma boa acolhida com os surdos, dando a eles um espaço para assistirem a missa com uma boa visibilidade”.

Entrevistado 54: (homem, de 31 a 40 anos, Superior, Cambira) “Sim, mas

influência perder”.

Entrevistado 55: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Califórnia) “Qualquer tem lugar participar precisa intérprete de libras”.

Entrevistada 56: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Vejo que percebem a importância desta pastoral, pois sempre recebemos apoio”.

Entrevistada 57: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Arapongas) “Eu trabalho coordenadora de surdo, interagir com surdo precisa conhecimento, tem dificuldade, barreira, problema, pode dar conselho, ajuda melhor. Faz melhorar fé porque tem dúvida, por causa difícil pouca informação, precisa motivar aprender mais, interagir, continuar”. Entrevistado 58 (surda) “Ajuda com intérprete de Libras na missa”.

Entrevistada 59: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Arapongas) “As igrejas estão começando a entender como incluir os surdos nas práticas promovidas e estão se esforçando para melhorar cada vez mais”.

Entrevistado 60: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “De abertura, acolhimento e de inclusão. Essa experiência é nítida e bem concreta. No prédio da Cúria Metropolitana há um espaço especial e exclusivo para a pastoral do Surdo e de outras e de outras deficiências”.

Entrevistado 61: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Iporã) “Sempre participar missa selecionado dia e encontro junto”.

Entrevistado 63: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belém) “Surdo e ouvinte sempre relação a igreja católica fazer a atividade conhecer palavras de Deus”.

Entrevistado 64: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Macapá) “Reunião da pastoral do surdo. Trabalho apoio intérprete pastoral do surdo pessoa surda casamento, crisma, batizado bebê apoiar. Nós pastoral do surdo trabalho surdo e intérprete oficina de Libras católica”.

Entrevistada 66: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Inerte. Encara a comunidade surda com paternalismo, como fossemos necessitados, como “deficientes” com letra D maiúsculo. Não nos dá chance de mudar

essa visão/mentalidade arcaica”.

Entrevistado 67: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “A Igreja Católica sempre preocupa a comunidade surda em principalmente vida de espiritual, assim pela formação sobre a fé, sacramentos e como transmitir a doutrina para comunidade surda”.

Entrevistada 68: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “Muito restrita na atuação da Pastoral do Surdo. Muito assistencialista. Não nos dá oportunidade de mostrar o nosso protagonismo. Tudo tem que ser “superação”, termo muito capacitista”.

Entrevistado 70: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, São Paulo) “Depende cada pastoral do surdo se for pequena, sugiro ideal melhor para inclusão e outros possam conhecer o trabalho para surdo. outro grande pastoral do surdo, ideal é melhor só para surdos participam a missa e eles são capaz[es] de fazer trabalho na igreja. Isso é minha opinião. Eu vejo uma pastoral do surdo de Belo Horizonte que é um excelente trabalho para surdos”.

Entrevistada 71: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Estar a disposição sempre a Pastoral do Surdo”.

Entrevistada 72: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Ter interpretes na Igreja, telão para ler e acompanhar a liturgia, grupo ou pastoral da acolhida deve saber a Libras pode ser sempre a básica ã precisa m[ui]to fluência”.

Entrevistado 74: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Ibiporã) “A igreja da abertura para um encontro mensal acontecendo aos domingo[s]”.

Entrevistado 75: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Arapongas) “A igreja sempre aceita e aplica acessibilidade para surdos que podemos aprender a Palavra de Deus como os outros (ouvintes)”.

Entrevistado 77: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Inclusão não foi fácil, aqui não tem acessibilidade, mas opinião precisa que sim inclusão porque relação é importante”.

Entrevistado 78: (surda, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São Paulo) “Q[uan]do mudou o padre houve preconceito”.

Entrevistado 80: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior incompleto, Cascavel) “Estava pastoral do surdo. Agora eu parei”.

Entrevistada 81: (surda, mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Bandeirantes) “Sou professora e catequista mas fico a dispor p ajuda-los só não sou intérprete”.

Entrevistada 83: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Conhecer a comunidade surda união ouvintes”

Entrevistado 84: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Me sinto intimidado por Libras e facilitar a comunicação”.

Entrevistada 85: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Sidrolândia) “em catequisar”.

Entrevistada 86: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “A igreja tem um amplo atendimento do qual se faz necessário atentar a todos, pois não somente aos surdos, mas as outras deficiências, deixa a desejar em acolher, ter uma conversa onde [a]s deficiências em um grande movimento deixaram bem claro: “Nada de nós, sem nós”. Est[á] aí a dica, tudo o que se pensar para os surdos, requer a presença dele para ele e por eles. Falta um olhar atencioso e providente da igreja a estes irmãos”.

Entrevistado 88: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio do Sul) “Não me sinto bem porque não tem intérprete”.

Entrevistado 89: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Jaraguá do Sul) “limitações, barreiras, abandonam sempre pouco acessibilidade, informação precisa ouvinte ter surdo para palestra ensinar igreja surdo cidadão precisa igual ouvinte”.

Entrevistado 90: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Grande) “No entanto devido a Covid19 a pastoral do surdo caiu o desempenho de participação um grande número de fiéis surdos e ouvintes intérpretes que perderam sua fé católica sem retornar a casa do Pai celeste que é a valiosa igreja católica que transpiração cotidiana o trabalho das atividades religiosas e espiritual ficou em baixo nível”.

Entrevistado 91: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Umuarama) “Vários tem igreja católica padre recebeu acolher com pessoa surdos e intérprete de libras”.

Entrevistada 93: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Eles preocupam em oferecer a acessibilidade e sempre surge pessoa interessada em ajudar os surdos na igreja”.

Entrevistado 94: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Camboriú) “Depende lugar tem ou não tem voluntários para ajudar os povos surdos por isso depende ano cada grupo troca nesse ano não está bom para ajudar os povos surdos”.

Entrevistado 95: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Santa Catarina) “Tem, falta conhecimento”.

Entrevistada 97: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Brasília) “Acredito que são boas se tiver mais intérpretes”.

Entrevistado 98: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Dourados) “Tem sim, apoio sim”.

Entrevistado 99: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Inclusão social dos fiéis e sacerdotes surdos ou intérpretes católicos, por exemplos cardeais, arcebispos e bispos surdos podem trabalhar na Igreja Católica”.

Entrevistado 100: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, São Paulo) “sala de aula ou bancos públicos”.

Entrevistada 101: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Praia Grande) “Aqui os padre[s] dão apoio. principalmente padre Afonso. Samambaia. padre Renan. SVic. surdo preguiça”.

Entrevistada 102: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Todos”.

Entrevistado 103: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Jaraguá do Sul) “Só ter Curitiba”.

Entrevistado 104: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Ceilândia) “Insoeb”.

Entrevistada 105: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Natal) “Sempre encontro missa locas conhecer surdos palestras pastoral do surdo”.

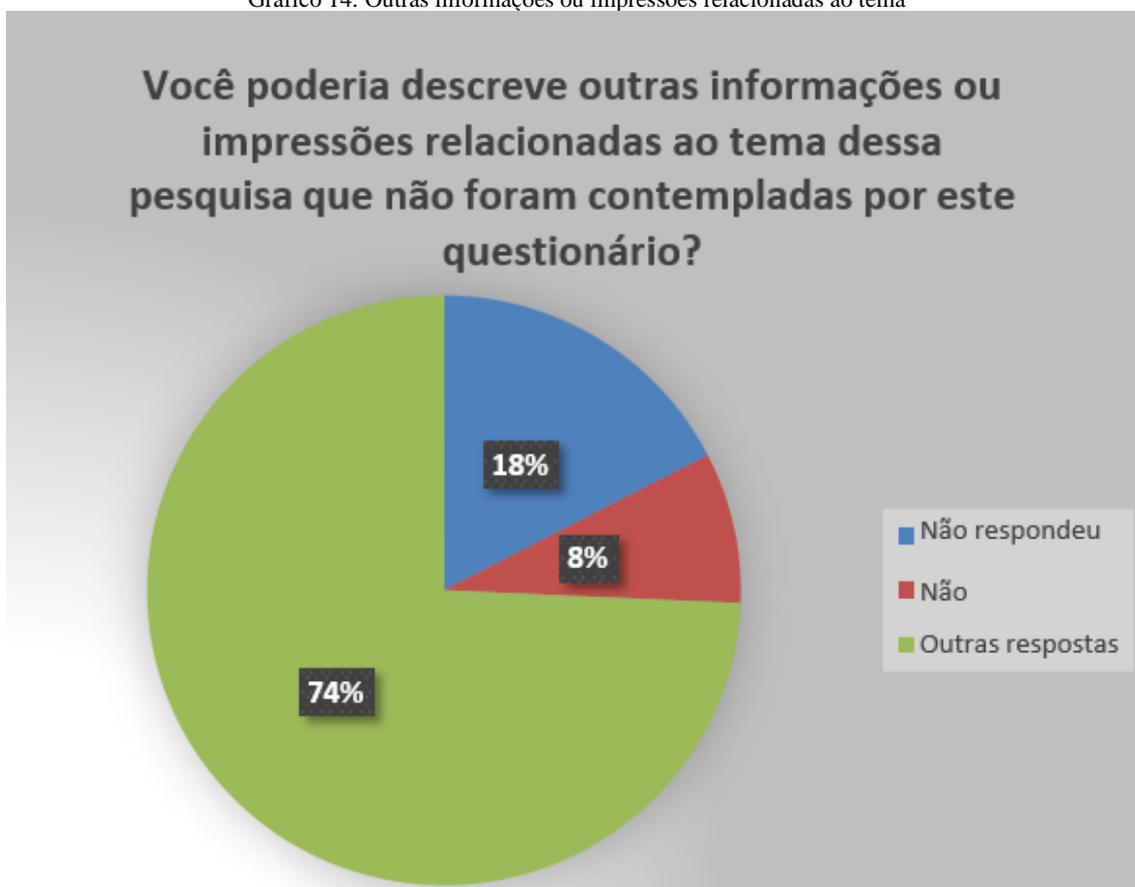
Entrevistada 106: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior,

Guarapuava) “A maioria não tem intérprete de Libras. Alguns padres não aceitam que o intérprete fique no altar para os Surdos pudessem ver bem. Na catequese falta intérpretes ou catequistas surdos. Missas e palestras em online quase sempre falta legendas e intérprete de quem”.

Entrevistado 107: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Quer que o surdo participe é se sinta feliz na igreja”.

Prontamente a décima segunda pergunta foi a seguinte: Você poderia descrever outras informações ou impressões relacionadas ao tema dessa pesquisa que não foram contempladas por este questionário? (Gráfico 14).

Gráfico 14: Outras informações ou impressões relacionadas ao tema



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

A décima segunda pergunta foi aberta para que os entrevistados pudessem descrever outras impressões relacionadas ao tema da pesquisa, 9 indivíduos, que corresponde a 8% opinaram não, 18% não responderam. No geral, a maioria, ou seja, 81 pessoas, o que corresponde a 74% dos pesquisados opinaram de forma divergente, assim

prelecionaram:

Entrevistado 1: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, de Fortaleza) “É necessário que a Igreja Católica do Brasil pense em uma comunicação mais acessível e efetiva! Favorecendo assim uma maior adesão da comunidade surda aos carismas da mesma!”.

Entrevistada 2: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, do Rio de Janeiro) “Houve um grande avanço e amadurecimento dos Surdos católicos nesse período da pandemia, aqui no RJ, posso dizer que o protagonismo e confiança está bem forte. As mídias ajudaram muito, se redescobriram como agentes de pastoral e têm realizado muitas atividades (terços, Estudos da Palavra, novenas, liturgia) independente da presença de intérpretes, sem nos deixarem, digo, tomam a iniciativa e, claro, recorrem a nós intérpretes na medida que as limitações se impõem. Estamos retomando aos poucos, no presencial, muitas perdas de vida pela Covid”.

Entrevistado 3: (homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, de Londrina) “Não sei se vai ser relevante nessa pesquisa, mas hoje temos muitos surdos que são catequistas e estão bem envolvidos na evangelização de outros surdos, temos padres surdos, irmãs que são consagradas na vida religiosa, coordenadores(as) de pastorais, de catequistas. Os surdos estão muito ativos na igreja, mesmo ainda tendo muitas barreiras devido a comunicação, por se comunicarem em outra Libras (Língua Brasileira de Sinais) e poucas pessoas sabe se comunicar com eles. Mas já estamos cada vez mais engajando os surdos na evangelização”.

Entrevistado 4: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Goianésia) “Por causa do covid 19 ficou difícil fazer leitura labial e ver a expressão devido ao uso da máscara de proteção então por esse motivo vários surdos não estão participando da missa”.

Entrevistado 5: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São José dos Pinhais) “Como bispo referencial da Pastoral do Surdo no Brasil, ainda percebo uma certa resistência em relação à Pastoral do Surdo como um todo. Nem sempre os surdos são bem acolhidos em suas comunidades eclesiais. Precisamos progredir mais na inclusão”.

Entrevistada 6: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Horizontina) “A formação dos intérpretes católicos, as dificuldades na criação e serviço na pastoral do

surdo”.

Entrevistada 9: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “Quais os conhecimentos que os surdos têm sobre religião e igreja; Como a pandemia afetou a frequência de surdos e ouvintes na igreja”.

Entrevistada 11: (mulher, até 20 anos, Ensino Médio, Goianésia) “Acho importante destacar, a falta de empenho de algumas igrejas, para com a comunidade surda. Apesar dos esforços e necessidade de muitas pessoas, ainda sim são poucos os lugares que possuem tal amparo”.

Entrevistada 12: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Goianésia) “A dificuldade dos surdos permanecerem fiéis na igreja, muitos não tem uma base religiosa em casa e por isso vão as missas de forma esporádica. (Veja, isso também ocorre com ouvintes)”.

Entrevistada 15: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Governador Valadares) “Acho que a comunidade deveria ter mais participação, em relação ao aprendizado de libras, para melhor comunicar com o surdo”.

Entrevistada 17: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barbacena) “A minha cidade o maior desafio e trazer os surdos mais velhos para a igreja. Enquanto os mais novos já. Cresceram nesse ambiente o que tona mais fácil”.

Entrevistada 18: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Vilhena) “Falta de intérprete católico”.

Entrevistada 19: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Ji-Paraná) “Sou da diocese de Ji-Paraná/Rondônia, e sou ouvinte e tenho muito apreço pela comunidade surda. Creio ser relevante este questionário para se ter um levantamento exato de como a igreja acolhe e percebe a comunidade surda.

Entrevistada 22: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “O que eu sinto, é que os Surdos precisam buscar mais interesse em formações. Hoje a Igreja oferece formações em várias atividades da igreja, seja com Jovens, casais, crianças. Em Assembleias do Povo de Deus do meu Regional, poucos participam efetivamente colocando suas lutas e ações. Poucos surdos entendem a importância de um desenvolvimento em Liderança para que possam alavancar suas atividades e desenvolver

futuros coordenadores. Com isso vemos muitas pastorais “paradas” e sem ações, muitas vezes deixando de existir. Surdos tem potencial e precisam explorar mais o que podem oferecer a todos da comunidade”.

Entrevistada 23: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Palmas) “Creio que a igreja percebe a necessidade de acessibilidade a todas as pessoas, de modo especial a comunicativa, respeitando a presença do tradutor intérprete de Libras em todos os eventos da paróquia”.

Entrevistada 24: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Muitas vezes a igreja esquece de colocar mais intérpretes em alguns momentos, como fala do papa, do bispo ou outros eventos importantes”.

Entrevistada 25: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Amargosa) “Os documentos da igreja católica e sua ação evangelizadora têm destacado a necessidade e urgência do olhar junto às pessoas com deficiência inclusive da Pessoa Surda. Isso é um aspecto que nos revela que a Igreja tem se movimentado em prol da luta em conjunto pelos direitos, da escuta, do acolhimento, da participação desses irmãos na comunidade. Destaco os documentos e ações: Documento de Aparecida, Diretório Nacional de Catequese, Campanha da fraternidade de 2006, as liturgias diárias e os subsídios de evangelização nunca deixam de mencionar esses irmãos e/ou os agentes pastorais que atuam nessa missão e entre outros”.

Entrevistada 26: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Sergipe) “Na minha opinião por parte de alguns membros eles ainda não têm consciência do que seja inclusão”.

Entrevistada 27: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Louro de Freitas) “Sim, tipo no caso se em todas as Dioceses e paróquias tivesse a pastoral do surdo. Talvez poderia perguntar: quantos grupos de surdo na paróquia? O que fazem além de praticar a religião? Se iniciativa de tradução da Bíblia para eles em ...”.

Entrevistado 29: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Santa Brígida) “A iniciativa e interesse pela pastoral do surdo se dá mais pelos leigos do que pelos sacerdotes em a ter em suas paróquias”.

Entrevistada 32: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Feira de Santana)

“Acho que melhores políticas públicas para os surdos”.

Entrevistado 33: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Muito interessante a pesquisa e a abordagem e acredito que os resultados da mesma precisam chegar às nossas autoridades eclesiais, para que eles estejam sempre cientes do cenário dos Surdos dentro da Igreja Católica”.

Entrevistada 35: (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Porto Alegre) “Não compreendi perfeitamente os objetivos da pesquisa, então não sei bem. Acho que é importante destacar que não existe um entendimento único, mesmo fora da igreja do que significa ser surdo e do que é a língua de sinais, então é difícil contemplar essas múltiplas possibilidades em um questionário”.

Entrevistada 37: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Alegrete) “Repensar o uso de temáticas pastorais através do meet para atingir a maioria dos surdos que por residir longe não conseguem estar presente e também algumas temáticas: - Que pessoas com LGBT podem assumir atividades da Pastoral do surdo sem preconceito; - Oração com fé ou cega fé? - Como amar a si mesmo; Usar mais o espaço da evangelização e promover ou debater a Pastoral do surdo no WhatsApp, do uso do youtube, sessão de vídeos sinalizados para leitura da Bíblia, como Evangelho, salmos, histórias bíblicas, catequese. Porque atualmente existem muitos surdos que ficam em depressão, isolamento social ou na família por falta de estímulo, de auto-estima, amar a si mesmo e outros temas mais.

Entrevistada 39: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Guarujá) “A Igreja Católica tem muito a melhorar no atendimento ao Surdo, mas está caminhando para isso. Não devemos esquecer que é missão, não é trabalho. Todos são voluntários. E na pastoral do surdo somos família. É preciso um olhar diferenciado para essa pastoral, porque primeiro devemos conhecer a língua e a cultura, para conseguir acolher cada Surdo em sua especificidade

Entrevistada 40: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Cubatão) “Acho que deveria ter contato entre as Pastorais, não para impor sinalização e outros, mas, troca de informações e conhecimento”.

Entrevistada 43: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Largo) “Formação para o intérprete católico Curso de libras para a comunidade”.

Entrevistada 44: (mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Francisco Beltrão) “Bom, a visão que eu tenho sobre várias igrejas em relação a comunidade surda, é que boa parte delas fazem isto apenas para criar um “perfil’ de inclusão, já que em algumas não dão a valorização e reconhecimento desta língua (infelizmente)”.

Entrevistada 45: (mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Paranavaí) “Acho que seria necessário campanhas de esclarecimento da comunidade ouvinte sobre a cultura e comunidade surdas, além de se promover atividades dentro da igreja que incentivem a participação dos surdos. Atualmente na minha paróquia nenhuma atividade, cerimônia, ritual, missa são pensados para incluir a participação dos surdos, infelizmente”.

Entrevistada 48: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Maringá) “Quantos surdos católicos existem em seu município ou q participam na PS? Quantos padres sabem libras na diocese do seu município? Existe algum projeto de ensino da Libras dentro da igreja?”.

Entrevistada 49: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Jacarezinho) “A Pastoral do Surdo promove também inclusão social, pois as pessoas que aprendem sobre as pessoas surdas e sua cultura visual estão em diversos segmentos da sociedade”.

Entrevistada 51: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “A pastoral do surdo é um movimento da igreja católica tão importante quanto qualquer outro movimento. Buscando a evangelização dos surdos, a pastoral promove atividades ligadas às outras que a igreja proporciona. O trabalho dos tradutores intérpretes nessa pastoral é necessário para que a palavra de Deus chegue até os surdos. Servir a Deus nesse propósito é, para mim, parte da minha vida, não pretendo deixar esse serviço. Deus me ungiu com essa vocação, Ele me fez esse chamado, eu disse sim e sigo interpretando e amando cada dia mais”.

Entrevistado 52: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Formação de Tilsp para que não haja omissão ou escolhas de sinais de forma equivocadas para transmitir a mensagem aos surdos”.

Entrevistado 55: (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Califórnia) “Gostei sua temas diferentes importante informação pastoral do surdo”.

Entrevistada 56: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Apucarana) “Em relação á formação dos intérpretes para atuarem na Igreja católica. Percebemos que outras igrejas investem”.

Entrevistada 57: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Arapongas) “Penso que ensinar mais o surdo, aprender coisas, organizar o conteúdo melhor mudar para Libras, a Igreja Católica inserir o surdo a participar da liturgia. Também fazer organizar encontros diferentes, motivar diálogo para aprender rezar, participar não só da missa, organizar, combinar grupos para aprender e ensinar, importante interagir, a união, acompanhar porque equilíbrio todo dia, Pastoral do Surdo motivar só coordenador não, cada membro tem que aprender a pesquisar informações, o significado, praticar, interagir, continuar aprendendo, continuar motivado, só”.

Entrevistada 58: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental II do 6º. ao 9º. Ano, Horizontina) “O carinho que as pessoas da Pastoral do Surdo da missa de domingo t[ê]m pelo surdo, eu gosto, é legal”.

Entrevistada 59: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Arapongas) “Na época da pandemia observei um grande esforço da Igreja em que frequento para que os surdos tivessem acesso às missas. Foi feito um grande investimento com câmeras e acessórios para a transmissão da interpretação em Libras na janela”.

Entrevistado 60: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “O surdo atingiu um grau de maturidade de fé depois de 40 anos de fundação da pastoral na Arquidiocese. Desde a fundação em 12 de setembro de 1981, a Pastoral tem sua presença garantida e testemunhal para toda a igreja particular do Rio. Temos um site que dá visibilidade: www.pasped.org.br”.

Entrevistado 63: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belém) “É muito interessante aqui mais informação relacionado a sua pesquisa o conhecimento na pastoral do surdo do Brasil”.

Entrevistado 64: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Macapá) “Não ainda, pensando em breve ideia criar tema dia de reunião conversar opinião continuação vezes em reunião relação apoiar sim pastoral do surdo”.

Entrevistada 66: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belo

Horizonte) “Correção do termo “doS surdoS”, o correto é Pastoral do Surdo”.

Entrevistado 67: (surdo, homem, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Brasília) “Existe bastante lugares que não conhece a comunidade surda e a pastoral do surdo. Mas graça estamos trabalhando cada vez mais melhor, acolher nossos irmãos surdo assim como eu. Cada vez estão evoluindo e sendo informado sobre a estrutura da pastoral do surdo e pel[a] formação da fé”.

Entrevistada 68: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) “As questões abertas são subjetivas. Para os respondentes surdos, é mais fácil as questões fechadas, assim como facilita a análise dos dados. Pastoral DO SurDO, em vez de “doS surdOS”.

Entrevistada 71: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro) “Poderia dizer se os padres e os ministros da Eucaristia se sabem Libras. Pois é importante p surdos na confissão”.

Entrevistada 72: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, São Paulo) “Só uma dica ã escreve ou fale Pastoral doS SurdoS...e sim correto e mais identidade PASTORAL DO SURDO (sem “s”) e mais nada”.

Entrevistado 73: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Marabá) “Sim, eu já formação minha coordenação surda que importante de voluntários de intérpretes”.

Entrevistado 74: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Ibitiporã) “Fazemos encontros em igrejas diferenciad[a]s para haver mais inclusão em toda sociedade do município”.

Entrevistado 76: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, São Paulo) “Falta de estímulo os surdos serem protagonistas/intérpretes na missa litúrgica, pois a maioria dos surdos são impedidos por dar opiniões e coordenar a pastoral por intérpretes ouvintes. Também falta de reconhecimento de CNBB para Pastoral do Surdo: - Foi fundado mais 70 anos no Brasil. - Não é o mesmo Pastoral da Pessoa com Deficiência. - Os demais das paróquias não t[ê]m uma estrutura sólida para saber o espaço para surdos onde sentam para ver melhor onde tem intérpretes no altar da missa. - Falta dos padres sabem LIBRAS para poder receber os surdos no confessionário. - Falta incluir

o tema Surdo com mais detalhes nas palestras do CNBB”.

Entrevistada 77: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Difícil inclusão a precisa inclusão o respeito [a] inclusão é comunidade[a] religião conviver desenvolver o futuro melhor”.

Entrevistada 82: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Médio, Valparaíso) “Os surdos não são exclu[í]dos tanto que eles participam da missa para interpretar”.

Entrevistada 83: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Importante fazer as atividades o grupo pastoral de surdo”.

Entrevistada 85: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Sidrolândia) “falta material e divu[l]gação nas paróquias.

Entrevistada 86: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Quais os investimentos da igreja relacionados a formações dos leigos, diáconos, padres, irmãs foram realizados? Quais os materiais liturgia, catequese, orações disponíveis em LIBRAS, antes, durante e após pandemia, p[or]q[ue] os eventos on line e presenciais não disponibiliza a acessibilidade em Libras, independente de ter um p[ú]blico surdo presente”.

Entrevistada 87: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Médio, Campo Largo) “E importante”.

Entrevistado 88: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio do Sul) “Sim, rede sociais, Live palestra e missa em libras e de youtube e de Facebook”.

Entrevistado 89: (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Jaraguá do Sul) “padres precisam curso libras falar missas sempre agradecer intérpretes e cuidar não falar surdo-mudo feio precisa só surdo. padres e outros coordenadores precisa capacitação acessibilidade próprio surdo ir lá ensinar ok”.

Entrevistado 90: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Campo Grande) “Sua cidade ou estado possui acolhida e auxílio do bispo e arcebispo juntamente a CNBB?”.

Entrevistado 91: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Umuarama) “Foi bom s[eu] tema de pesquisa, parabéns você é boa sorte”.

Entrevistado 92: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Barra Mansa)

“Boa”.

Entrevistado 94: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Camboriú) “Obrigado pelas perguntas e tenho interesse conhecer as estratégias para motivar os pastorais dos surdos e gratidão”.

Entrevistado 96: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Médio, Brasília) “Som”.

Entrevistada 97: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, Brasília) “Acredito que esse questionário muito importante, pois vão interessar mais em libras, tipo intérpretes que vão perceber que é importante se/ter intérpretes”.

Entrevistado 99: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba) “Pesquisa é muito interessante para ajudar as pessoas e lutar em favor da acessibilidade e dos direitos dos surdos e dos intérpretes de libras”.

Entrevistado 100: (surdo, homem, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, São Paulo) “as vezes alguém me chama ou escolhe...”.

Entrevistada 101: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Fundamental I do 1º. ao 6º. Ano, Praia Grande) “Pastoral precisa ser mais respeita em certas igrejas, aqui em pra[i]a g[ran]de”.

Entrevistada 105: (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Natal) “Pois [é] muito bom importante ajudar intérprete missa t[am]b[é]m pastoral do surdo”.

Entrevistada 106: (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Guarapuava) “A CNBB poderia dar mais apoio e suporte para os surdos nas igrejas. Tentar chamar intérprete em todas as missas, na falta de intérpretes na cidade, deveria ter, em todas as igrejas, telas com power point com slides da toda a missa e os cantos. A homilia deveria fazer um resumo e mostrar na tela t[am]b[é]m. Missas e palestras online sempre com legendas e intérpretes de Libras”.

Entrevistado 107: (surdo, homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Ananindeua) “Buscar saber que outr[a]s atividades na igreja a Pastoral do surdo poderia participar”.

Entrevistada 109: (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Fundamental I do 1º ao 6º. Ano, Dourados) “Os surdos ficam no banco da igreja vendo a missa em Libras que o intérprete faz, o evangelho, as músicas, a liturgia, os surdos compreendem melhor a Libras e só um pouco da língua portuguesa”. Destarte finda as respostas que os entrevistados surdos e ouvintes, agentes da Pastoral do Surdo, lideranças religiosas envolvidas com a PS e surdos e surdas e surdas que participam da PS das 19 regionais dos Brasil descreveram das impressões relacionadas às questões da pesquisa.

2.3 DADOS DA PESQUISA DE CAMPO COM QUESTIONÁRIO COMPLEMENTAR

Após a aprovação da pesquisa pelo CEP, disponibilizei o *link* do TCLE para os participantes da Pastoral do Surdo das regionais. Foram mais de 200 contatos para os quais enviei o vídeo da apresentação e o convite para participar da pesquisa; obtive o retorno de 162 pessoas que participam da Pastoral do Surdo de diferentes regionais. Foram assinados, primeiramente, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, em seguida eu disponibilizava o questionário e a participação na pesquisa era voluntária.

Segundo informações obtidas com a Pastoral do Surdo Nacional, no período da pesquisa de campo, que ocorreu de fevereiro a julho de 2022, as regionais Norte 1, Noroeste, Nordeste 4 e Oeste 2 não possuem representantes, ou seja, coordenadores ouvintes na Coordenação Nacional.

As lideranças religiosas entrevistadas foram: Dom Celso Antônio Marchiori²⁸, escolhido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para ser o primeiro Bispo da Pastoral dos Surdos. Atualmente, é o Bispo referencial da Pastoral do Surdo, em nível nacional e regional. Dom Giovanni²⁹ Carlos Caldas Barroca, atual bispo de Diocese de Uruaçu-GO. Padre Wilson Czaia³⁰ coordena A Pastoral do Surdo da Arquidiocese de Curitiba (PR). O único padre surdo do Brasil, os coordenadores TILS, os coordenadores surdos e ouvintes da Pastoral do Surdo de diferentes Estados do Brasil, intérpretes de LIBRAS, agentes das diferentes Pastoral do Surdo e surdas e surdos de diferentes faixas

28 Dados e informações disponível em: <http://www.arquidioceseolindarecife.org/dom-antonio-marchiori-e-o-1%C2%BA-bispo-da-pastoral-dos-surdos/>.

29 Dados e informações disponível em: <https://www.google.com/search?q=dom+Giovani+carlos..>

30 Dados e informações disponível em: <https://fecatolica.com.br/noticia/padre-wilson-czaia>.

etárias: jovens, adultos e idosos.

Para atender as necessidades das surdas e surdos, foco deste trabalho, foram realizadas entrevistas estruturadas³¹, com um planejamento das perguntas, as 12 questões no Google *Forms* foram seguidas em uma única ordem e no questionário complementar, houve a necessidade de entrevistas semiestruturadas³², tendo um roteiro prévio das perguntas, 5 perguntas as quais sofreram modificações (ou inversões) no decorrer da entrevista, na ordem das perguntas e responderem para mim, com o conteúdo da pesquisa sendo o mesmo, as 12 perguntas disponibilizadas para os três grupos, aprovadas pelo CEP.

No momento das entrevistas os surdos perguntavam o que não entendiam e o que significavam algumas palavras na Língua Portuguesa, ou sinal em LIBRAS. Por haver diferenças no significado do sinal de um Estado para outro, tudo foi feito por videochamadas, e também em decorrência de surdos que apresentavam dificuldades de entender a Língua Portuguesa, ou por não serem fluentes em LIBRAS, por serem oralizado, ou por apresentarem outras deficiências e baixa visão.

Quanto à distribuição das Regionais nos moldes da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), pelas seguintes regionais abaixo, com apontamento para as que colaboraram com a pesquisa foram: Norte 2 – estados do Amapá e do Pará, Norte 3 – estados do Tocantins e da região Norte do estado de Goiás, Nordeste 1 – estado do Ceará, Nordeste 2 – estados de Alagoas, da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, Nordeste 3 – estados da Bahia e de Sergipe, Leste 1 – estado do Rio de Janeiro, Leste 2 – estados do Espírito Santo e Minas Gerais, Centro-Oeste – estados de Goiás, do Tocantins e Distrito Federal, Oeste 1 – estado do Mato Grosso do Sul, Sul 1 – estado de São Paulo, Sul 2 – estado do Paraná, Sul 3 – estado do Rio Grande do Sul, Sul 4 – estado de Santa Catarina.

É importante ressaltar que, dos pesquisados, 42 pessoas foram do Sul, região com maior participação no estudo. Na continuidade do nosso trabalho, após a minha qualificação, em abril de 2022, a banca e eu concordamos que, para uma melhor participação dos surdos, foco do trabalho em tela, seria importante aplicar um

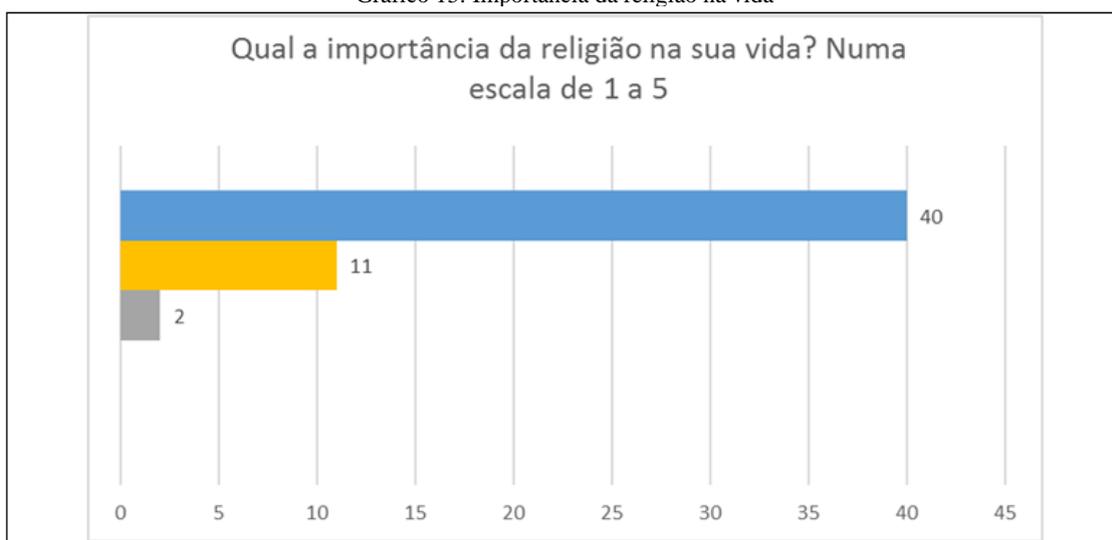
³¹ Dados e informações disponível em: <https://blog.solides.com.br/o-que-e-entrevista-nao-estrut>.

³² Dados e informações disponível em: <https://blog.solides.com.br/o-que-e-entrevista-nao-estrut>.

questionário complementar, dessa feita, a pesquisa de campo foi até 29 de julho 2022, sobre as cinco questões, foram direcionadas para a diversidade auditiva, via *WhatsApp* e obtive a colaboração de cinquenta e três surdos.

Ficando a primeira pergunta assim: qual a importância da religião na sua vida? Numa escala de 1 a 5, Sendo: 1- sem importância, 2- pouco importante, 3- razoavelmente importante, 4- importante, 5- muito importante (Gráfico 15).

Gráfico 15: Importância da religião na vida



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Dentre a diversidade auditiva (são surdos: oralizados, usuários da Libras, bilíngues, bimodais, usuários de tecnologias auditivas etc.) pesquisada, 40 pessoas responderam, numa escala de um a cinco, ser muito importante a religião em suas vidas, marcando a opção cinco. 2 pessoas pesquisadas das que marcaram a opção 5, apontaram assim: entrevistado 8, outra, de 41 a 50 anos, Goianésia: “5 - muito importante. Olhe eu sempre amei muito igreja e importante sim por isso JESUS fundou 1 eucaristia vivo presença de Deus amém” e a entrevistada 37, mulher, de 41 a 50 anos, Alegrete: “muito importante, minha religião é cristã. Gosto de pregação, adorar a Deus e ouvir histórias bíblicas!”. Logo onze pesquisados optaram pela escala quatro que é importante. Duas pessoas responderam ser razoavelmente importante a religião, escala três. Não houve respostas para as opções: escala 2, que corresponde a pouco importante e escala 1- sem importância.

A segunda pergunta ficou: você já se sentiu excluído na sociedade? Sendo: 1- sim, 2- não. Como foi? (Gráfico 16).

Gráfico 16: Sentimento de exclusão na sociedade



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Entre os entrevistados, 28 pessoas responderam não terem se sentido excluídas da sociedade. 23 afirmaram que sim, que se sentiram excluídas na sociedade; 2 dos pesquisados não responderam à questão. Os argumentos das respostas que abordavam sobre a questão de se sentir excluído na sociedade, foram os mais variados. Assim escreveram:

Entrevistado 1: “Na sociedade sim, a experiência foi péssim[a]. Empresas e ouvintes acha[m] são superiores, acha sabe fazer que de fato sabe nada. Não conhece a vida real do surdo e nem imagina que somos capaz”

Entrevistado 5: “2. Dependendo do lugar e do momento”.

Entrevistado 6: “1 sim... Ah desde a antiga até hoje, ainda tem preconceito no meio, nunca acabar... principalmente da comunicação, do emprego e do q tratar como forma de respeito”.

Entrevistado 14: “Sim. Normalmente, gente tem preconceito um sujeito surdo, por causa não tem conhecimento da comunidade surda e não conhece cultura surda pois não se esforçar comunicar um surdo, porém que deve respeitar cada um diversidade com amor”.

Entrevistado 15: “Sim. Pessoas sociedade aprender de Libras”.

Entrevistado 18: “Sim. Sim muitas vezes. Não lembro das situações ocorridas”.

Entrevistado 19: “Não. Eu não posso abandonar sociedades públicos e privados...Importante é tentar fazer a luta, explicar como a convivência, sou surdo oralizado, bilíngue, sinalizado... Ajudo outras pessoas Surdas quando precisa ajuda entrar contato pela prefeitura, posto de saúde e empregos... Principalmente é tentar e outros tem aceitar pessoas Surdas. Mas já teve alguns lugares preconceitos... E não respeitava pessoas surda no posto de saúde... Falta médico fluente libras”.

Entrevistado 22: “Sim. Porque falta a acessibilidade na sociedade”.

Entrevistado 23: “Não. Eu não senti excluindo sociedade pessoa normal. As vezes sim ou não dependendo as pessoas”.

Entrevistado 26: “Sim, difícil sociedade como é barreira sem acessibilidade e desprezar área alguns lugares e sociedade difícil não conhecer como Surdo gritar não escuta sentir falta informações sobre o Surdo”.

Entrevistado 34: “Sim, pouquinho por surdo”.

Entrevistado 35: “Não sou oralidade entendo bem”.

Entrevistado 36: “1 - muitas vezes somos excluídos até mesmo dentro de nossa própria família”.

Entrevistado 37: “sim, foi na época onde eu morava em Brasília estudava no ensino fundamental sentia triste não tinha ninguém depois de um amigo surdo mudou de escola no ensino médio e não tinha Intérprete no jardim ao 8 série no fundamental mas recebi muito bem no escola onde frequentavam onde os surdos aprendiam tinha muitos amigos, até que mudei pro Uruaçu recebi a intérpret[e] recebi pouco aos poucos amigos ouvintes e assim foi... Até hoje me recebo ótimos amigos ouvintes e surdos!”.

Entrevistado 38: “1 porque falta o respeito sociedade”.

Entrevistado 42: “Sim. Existe várias formas que fui excluído. Exemplo: - Conversar com colegas ouvintes do trabalho, eles não querem aprender. - Padres não sabem de Libras durante no confessorário. - Falta de intérprete na igreja católica, tipo participação nas reuniões CPP, encontros, palestras, excursões”.

Entrevistado 44: “Sim só com amigos ouvinte”.

Entrevistado 46: “Sim. Quando não tinha intérprete e também as pessoas não sabe em Libras, não tinha para comunicação com surdas, mas as pessoas tem alguns tem preconceito por surdas pois não quer ajudar ou não tem paciência, mas por ignorância também. E também falta de empatia”.

Entrevistado 47: “sim, as vezes senti excluída por isso sou surda, t[am]b[é]m senti não bem por sociedade sem empatia esse comunicação surdos”.

Entrevistado 51: “Sim. Muitos duvidaram pela minha capacidade e me deixava último p fazer alguns serviços, por medo de eu errar ou prejudicar”. Como podemos analisar nos relatos anteriores alguns surdos ao marcar a opção, 1- sim, 2- não. Salientaram como foram as situações que já passaram na vida, que se sentiram excluídos ou não na sociedade.

A seguir a terceira pergunta foi você já se sentiu excluído na Igreja? Sendo: 1- sim, 2- não. Como foi? (Gráfico 17).

Gráfico 17: Sentimento de exclusão na Igreja



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Na oportunidade dos entrevistados exporem se já haviam se sentido excluídos na Igreja, a maior parte respondeu que não, num total de 39 pesquisados, 10 pessoas manifestaram já terem se sentido excluídas na Igreja. Houve 2 que não responderam e mais 2 que apresentaram outras respostas.

Entrevistado 4: “Sim, excluído! P[or]q[ue], igreja não aceito acessibilidade

provocar sociedade igreja pastoral do surdo falta respeito”.

Entrevistado 6: “R. 1 sim... Esta pergunta é m[ui]to delicada ao falar de Igreja, sim ainda tem preconceito no meio, por falta de acessibilidade através de comunicação visual e tratar como “coitadismo” “.

Entrevistado 14: “Sim. Normalmente, gente tem preconceito um sujeito surdo, por causa não tem conhecimento da comunidade surda e não conhece cultura surda pois não se esforçar comunicar um surdo, porém que deve respeitar cada um diversidade com amor”.

Entrevistado 15: “Sim. pastoral do surdo”.

Entrevistado 16: “Sim. Uma vez minha amiga estava me ajudando c a interpretação é uma moça pediu para nós ficar calada p[or]q[ue] estás atrapalhando a atenção da moça que reclamou”.

Entrevistado 19: “Não. Essa é resposta, é complicado dependendo cada pastorais ou grupos que tem vontade ajudar o grupo surdos na igreja ou catequese surdo ou missa com Libras ou coroa surda ou cursi[n]ho para povos surdos... Maioria pessoas pensam assim é fácil a voz para surdos... Mas não é assim, outros surdos não usa aparelho auditivo e também não oralizado o que v[o]c[ê] faria ajudar surdo... Pensa uma forma se v[o]c[ê] fosse ser Surdo o que v[o]c[ê] sente...”.

Entrevistado 22: “Antes eu sempre ia a igreja com minha avó e nunca imaginava que me sentia excluída. Depois parei de ir para a igreja porque não tinha intérprete e eu não entendia o padre falar”.

Entrevistado 26: “Não, sociedade na igreja respeita significado Jesus ama deficiência, negro e tudo. Só sentir sem intérprete e depois com intérprete continuar a sentir bom”.

Entrevistado 31: “Não. Importante entrar igrejas dar moral e consciência, evitar brigar, violência sempre coisas errado”.

Entrevistado 37: “não, mas meus parentes me ajudavam enquanto [es]tava numa dúvida e perdida principalmente onde posso cv's e tirar dúvida...”.

Entrevistado 38: “Sim, precisa conversar com Deus e sentir bem sempre

frequentar na igreja e ser feliz e amor”.

Entrevistado 46: “Sim. Quando não tinha intérprete, fica sem entender o que está falando, mas às vezes me incomoda quando sem intérprete. Pois que é falta de intérprete, falta de acessibilidade, falta de empatia, como é parecido sociedade e igreja”.

Entrevistado 53: “Sim”.

Conforme podemos analisar nos apontamentos dos surdos houve divergência nas respostas, alguns afirmaram não sentirem excluídos na Igreja, já outros surdos expuseram como se sentiram excluídos, o preconceito vivido na comunidade religiosa, ressaltando que ocorre o mesmo na sociedade, falta de acessibilidade, falta de respeito pela sua cultura e língua, a falta de empatia e outras formas de exclusão. Recordo que durante as entrevistas de videochamada, uma entrevistada surda preferiu não responder (com expressão de tristeza) essa questão que muitos perguntam pra ela na sociedade.

Desse modo, segundo Pereira (2009, p. 13513), aquilo que se caracteriza por exclusão e inclusão faz com que eles coexistam na Igreja sem se reconciliar, proclamando a Religião Católica como veículo mantenedor não apenas de uma espécie de poder supracitado, mas também como um instrumento que é, ao mesmo tempo, coercitivo e libertador.

2.4 LEITURA DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Na coleta de dados, objetivamos analisar se as atividades da Pastoral do Surdo ofereciam uma forma de inclusão digna para o surdo e se a participação nas atividades da Pastoral dos Surdo fazia com que os surdos se sentissem incluídos socialmente, e se essa prática reforçava sua dignidade.

Após a tabulação dos dados obtidos nas pesquisas, obtivemos as mais variadas respostas dos três grupos da amostragem, agentes da PS, lideranças religiosas e surdos e surdas das regionais da Pastoral do Surdo do Brasil. De acordo com a décima pergunta do questionário das doze questões do *Forms*, 77,06% dos entrevistados, afirmaram que as práticas da Pastoral do Surdo da Igreja Católica promovem uma participação (inclusão) efetiva dos surdos. Logo, foi possível analisar que PARA 73,58% DOS SURDOS essa Pastoral é uma modalidade de inclusão da diversidade auditiva, que atua de forma distinta

nas 19 regionais do Brasil. Fundamentado na terceira questão do questionário complementar aplicando concomitante com a pesquisa do *Forms*, somente ao grupo dos surdos.

Em seguida, são descritos alguns relatos que comprovam nossa análise:

Fala de um agente da Pastoral do Surdo, de sua visão da finalidade da PS na Igreja:

Entrevistado 11: “Sim. Existe uma pastoral, onde o objetivo é incluir de modo integral, todos da comunidade surda, fazendo-os poder viver a sua fé”. Em conformidade com o relato anterior, podemos observar o apontamento do **Entrevistado 25:** “Sim. A Pastoral do Surdo dá condições aos irmãos em Cristo surdos para que vivam a fé católica e tenham uma vida em comunidade. Na pastoral do surdo os surdos são motivados a se reconhecerem como agentes da evangelização”. Desse modo, podemos ver a função social da comunidade religiosa, conforme Pereira (2009, p. 119) “como meio de dirimir algumas formas de exclusão, integrando os sujeitos num conjunto de atividades que absorvem os problemas através da ocupação no espaço sagrado”.

Nossa reflexão das formas concretas das estratégias adotadas pela comunidade religiosa, em especial, a Pastoral do Surdo, para incluir os surdos no rito, nas celebrações, observada na pesquisa, está explícita no relato abaixo:

Entrevistado 37: “Sim, importante a inclusão conhecer da Pastoral do surdo informação sobre Libras. Os surdos têm prioridade sentar em frente mais visual intérprete de Libras, telão, teatro”. Analisarmos as disposições dos corpos durante a missa percebe-se que os gestos são importantes na liturgia. Durante toda a celebração litúrgica, os participantes do rito gesticulam-se nas posições: de pé, sentado, ajoelhado ou inclinado e juntar as mãos.

Outra forma apontada pelos surdos, do sentimento de inclusão na comunidade religiosa é o acesso ao intérprete de Libras (acesso a comunicação na sua Língua materna, a Libras). Conforme a colocação do **Entrevistado 63:** (surdo) “É muito importante na pastoral do surdo da igreja católica apresentação a comunidade surda participar na igreja católica é inclusão, tem acessibilidade intérprete de Libras”.

Na realidade, se observarmos o desenvolvimento da sociedade, está presente cada vez mais a necessidade de inserir os surdos em termos de sua comunicação.

E essa comunicação ocorre por meio da LIBRAS, um veículo importante da cultura surda primordial para integração dessas. O que é a Língua Brasileira de Sinais ou LIBRAS³³ é uma Língua visual-gestual, usada pela maioria dos surdos do Brasil, tem suas implicações e peculiaridades. Nesse sentido, torna-se importante perceber como a Pastoral do Surdo vem desenvolvendo atividades para poder inserir os surdos nas missas, pois o trabalho desta pastoral vai propor, durante esse momento, toda uma organização para realizar as traduções em LIBRAS para que esses indivíduos possam também se sentirem inseridos no ambiente religioso da Igreja Católica.

Na continuidade da nossa apreciação dos dados obtidos, houve relatos, dos três grupos entrevistados, entre surdos e ouvintes, que precisa melhorar as práticas da PS. Assim manifestaram:

Entrevistado 35: “Difícil generalizar, pois temos diversos formatos que a Pastoral do Surdo assume no Brasil. Eu penso que ainda podemos avançar, mas a pastoral possibilita que os surdos compreendam os saberes da igreja, vivam sua fé, participem das missas, dos sacramentos... então acho que possibilitam uma participação..., Mas uma participação efetiva nem sempre é vivenciada nem mesmo pelos ouvintes que às vezes vivem a religião apenas como o ato de ir as missas... O ideal seria que mais pessoas soubessem Libras e tivéssemos mais comunidades com a presença de intérpretes”.

Já o **Entrevistado 28:** assevera que “A m[ui]to tempo vejo e percebo que a Pastoral do Surdo tem conseguido a prática inclusivas, m[ui]to ainda se tem a fazer, mas alcançamos alguns propósitos”. Logo o **Entrevistado 38:** afirma que “A Prática da Pastoral tenta incluir o surdo na comunidade católica, mas ainda existem algumas falhas”.

Prontamente outro agente da Pastoral do Surdo pesquisado, destaca que para a inclusão dos surdos advenha, carece da participação ativa do surdo nas atividades PS. Assim salienta o **Entrevistado 33:** “Ainda falta muita inclusão. Mas também falta bastante o querer participar do Surdo, além de somente assistir às missas”.

É interessante ressaltar como alguns surdos notam as práticas da Pastoral do Surdo na regional que participam, deste modo escreveram:

Entrevistado 68: (surda) “Muito restrita na atuação da Pastoral do Surdo. Muito

33 Disponível: LIBRAS, nível I, “Os Gestos Também Falam”.

assistencialista. Não nos dá oportunidade de mostrar o nosso protagonismo. Tudo tem que ser “superação”, termo muito capacitista”.

Em consonância com o primeiro apontamento, salienta o **Entrevistado 94:** (surdo) “Igreja católica SC, vários locais os padres não entendem, precisava orientar e aceitar as práticas da Pastoral dos Surdos, [...] Bom seria entender e acolher os povos surdos na igreja e outras atividades e práticas”.

Já o **Entrevistado 86:** (surda), salienta que “a PS surdo limita-se em sua maioria somente em nosso ápice maior que é a missa, catequese, mas a função, por exemplo, do movimentos dos quais possam estar próximo das verdades dos irmãos sejam surdos ou ouvintes, ainda falta esta realidade a eles. Desse modo os três relatos têm em comum a busca pela convivência num espaço onde os surdos possam sentir-se integrados e respeitados em suas diferenças. Prontamente Pereira (2009, p. 126) preleciona que “a função da comunidade religiosa é um espaço que possibilita dirimir os efeitos das discriminações e outras formas de exclusão sofridas, transpondo, assim, situações diversas de exclusão”.

Desse modo, foi possível analisar com as entrevistas realizadas junto aos três grupos do nosso estudo que a intensidade da inclusão do surdo, na Pastoral do Surdo no Brasil evolui gradativamente, existe regional com trabalhos mais avançados no que tange à inclusão dos surdos na Igreja Católica.

Das regionais sobressaiu-se a do Sul do país, uma vez que teve maior participação nas entrevistas, talvez por ser a regional com a primeira Igreja para Surdos, em Londrina, a Igreja Nossa Senhora do Silêncio³⁴. E o segundo Padre surdo do país, que assim afirmou: **Entrevistado 70:** (surdo) “É fundamental a pastoral do surdo participar na Igreja Católica, desde Monsenhor Vicente Burnier foi primeiro sacerdote surdo do Brasil. A maioria CNBB ainda não reconhece a pastoral do surdo e nós estamos trabalhando para mostrar CNBB que a pastoral do surdo está movimento”.

Outra regional que destacou nas respostas da pesquisa a sua atuação para a inclusão do surdo na comunidade religiosa, apontando suas atividades, foi o Rio de

34 A Igreja Nossa Senhora do Silêncio, em Londrina, é a primeira igreja no mundo projetada especialmente para a pessoa surda. Em 1985, os padres da Pequena Missão para Surdos chegaram ao Brasil, especificamente em Londrina-PR, para trabalhar e desenvolver projetos com as pessoas surdas. Dados e informações disponíveis em: <https://www.librasol.com.br>.

Janeiro, na afirmação do **Entrevistado 60**: “Desde a fundação em 12 de setembro de 1981, a Pastoral tem sua presença garantida e testemunhal para toda a igreja particular do Rio. Temos um site que dá visibilidade: www.pasped.org.br”.

Já na atuação da regional Centro-Oeste, houve a manifestação nas respostas de surdos, de como eles se sentem na comunidade religiosa que frequentam da atuação da INOSEB. Assim as entrevistadas expuseram: **Entrevistado 93**: (surda) “Na INOSEB sinto em casa, pois existem pessoas surdas como eu. Lá eles são minha segunda família”. Outra declaração foi da **Entrevistada 97**: (surda) “Sinto muito bem acolhida pelo INOSEB”. Portanto os dados mostram que de forma gradativa, está ocorrendo a inclusão dos surdos nas comunidades religiosas que oferecem atividades para a participação dos surdos.

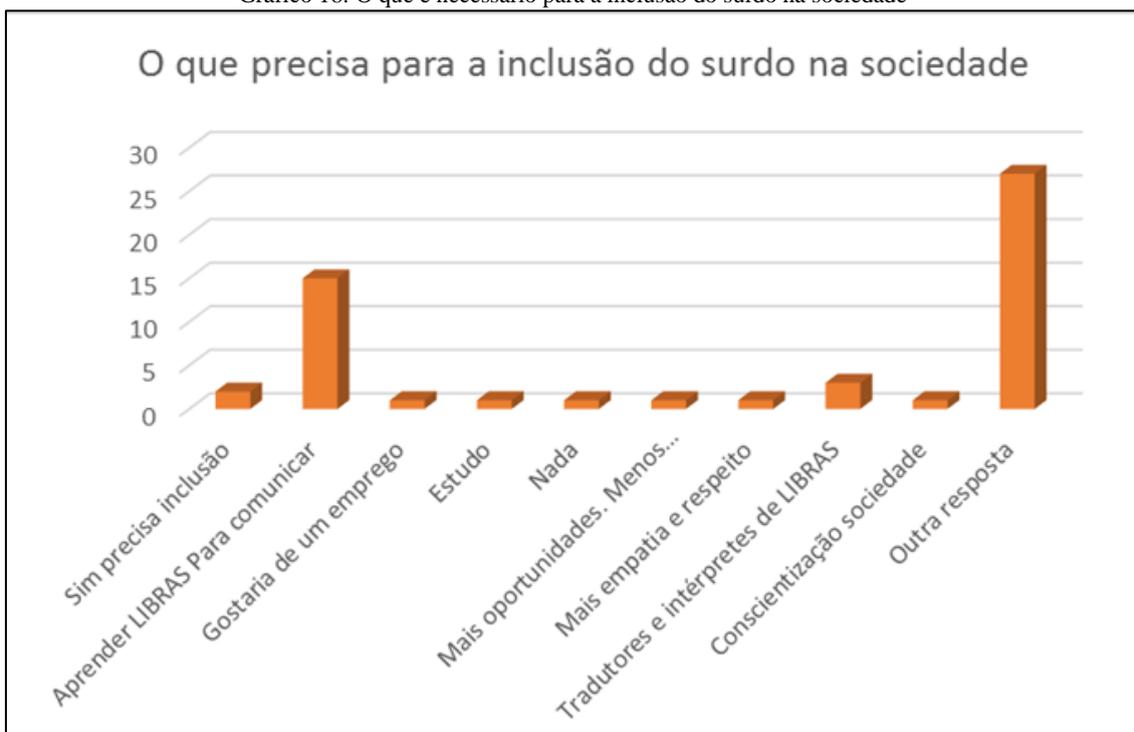
Por outro lado, outros relatos dos pesquisados, como podemos ler nos dados da pesquisa, sendo estes menos expressivo nas respostas da pesquisa, os apontamentos da realidade que há regionais que tinham Pastoral do Surdo e não tem mais, há casos onde não existem coordenadores surdos e ouvintes conforme a norma da PS; há outras que estão iniciando agora os trabalhos, e há muitas paróquias da Igreja Católica onde não existe nenhuma Pastoral do Surdo. É importante apontar que, de acordo com dados do IBGE³⁵, o número de surdos no Brasil em 2022, representa 10 milhões de pessoas, sendo que 2,7 milhões não ouvem nada. É uma parcela expressiva de pessoas na sociedade brasileira.

Refletindo como o nosso trabalho poderia contribuir para a inclusão da diversidade auditiva, de forma que a participação nas atividades da Pastoral do Surdo e na sociedade fosse uma inclusão de forma digna, elaborei as duas questões que serão apontadas nos próximos gráficos. Queríamos proporcionar aos surdos, a oportunidade de expressar o que julgam ser necessário para a sua inclusão na sociedade e na Igreja. São os dois gráficos e relatos que se seguem.

A quarta pergunta versou sobre: o que é necessário para a inclusão do surdo na sociedade? (Gráfico 18).

³⁵ Dados e informações disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br>.

Gráfico 18: O que é necessário para a inclusão do surdo na sociedade



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Entre os entrevistados a maioria, ou seja, 15 pessoas, responderam precisar aprender LIBRAS para comunicar, 3 pesquisadores apontaram carecer de tradutores e intérpretes de LIBRAS, 2 surdos afirmaram que a inclusão é necessária, que gostariam de um emprego, de mais oportunidades, menos preconceito, mais empatia e respeito, maior conscientização da comunidade. As demais respostas ficaram assim:

Entrevistado 1: “Tudo. Precisa ouvir o surdo e deixar eles trabalhar área que querem realizar o sonho, eles vão provar que é capaz. Ter melhor atendimento e desburocráticos dos processos. Colocar obrigatório ensino libras na escola, prova concurso, entrevista obrigatório, até que toda sociedade aprenda a comunicar com surdo”.

Entrevistado 2: “Alguns o padre precisa respeito e pessoais também.

Precisaram conhecer os surdos”.

Entrevistado 3: “Aprender libras pessoas”.

Entrevistado 4: “Preciso que sim, inclusão não é único surdo. Preciso mais deficiência vários pode inclusão interação para surdos”.

Entrevistado 5: “Visibilidade, direito linguístico, respeito”.

Entrevistado 6: “Q todos tenham uma boa segunda Língua, como L2 de Libras, igualmente tratar como todos independente deficientes e não-deficientes”.

Entrevistado 7: “É muito importante a inclusão a comunidade surda unir na sociedade relação católica”.

Entrevistado 8: “Eu sentir muito pessoas surdos ou surdas estão perdidas e falta comunicação atender surdos [s]im e difícil atender surdos como fazer então orar por eles né”.

Entrevistado 9: “Precisa inclusão sim, ouvintes precisa conhecer a comunidade surda, precisa aprender LIBRAS, precisa mais acessibilidade”.

Entrevistado 10: “precisa sim inclusão surdo na sociedade”.

Entrevistado 13: “sociedade de pessoas ouvintes não importa com o surdo”.

Entrevistado 14: “Preciso de quem sabe falar em Libras, acessibilidade e compartilhado”.

Entrevistado 16: “Divulgação de interpretação é mais união”.

Entrevistado 18: “As pessoas precisam conhecer mais sobre a surdez e um pouco da sua cultura. Tenham t[a]b[é]m consciência que ser surdo é uma pessoa normal”.

Entrevistado 19: “Existem várias coisas muito importantes sociedades aceitar os povos surdos... Imagina se fosse o cliente surdo no mercado ou loja de carro ou ferramentas... Principalmente é tentar donos ou vendedores são tentando para comunicar os surdos com libras... Por isso é esses exemplos... Imagina se eu fosse cliente no banco Itaú, pensa se não tem intérprete de libras. Como fica assim, isso prejudica o cliente surdo. Então qualquer todos profissionais ou profissões aprender libras para comunicar o atendimento. Imagina se surdo é paciente... Isso acontece estar no hospital ou internado ou sessão terapia... Agora como fica surdo é funcionário na empresa quem vai comunicar com surdos na empresa, responsável é Gerente ou supervisor tem obrigado comunicar libras com os surdos... se o dono da empresa também é obrigado aprender libras ... Se padre não sabe libras como ele vai participar o pastoral de surdos... É obrigado aprender libras para participar reunião ou encontro grupo de surdo ou grupo de catequese ou grupo de casal, então é importante para todos aprender de libras... Não existe curso gratuito, é tudo pago. Principalmente quando fazer faculdade é particular e também pago

mensalidade, também existe curso de idiomas igualmente particular... Entrevistado 20 “Sobre de sociedade na minha Igreja é legal, não reclama , sempre a[n]jima. As vezes reclama de falta de entender”.

Entrevistado 21: “Sim! P[or]q[ue] está mais importante do surdo na sociedade!”.

Entrevistado 22: “Tradutores e intérpretes de Libras em todos os lugares, por exemplo: o hospital, o banco, a igreja. Etc...”.

Entrevistado 23: “A sociedade tem lugares falta de acessibilidade intérprete de Libras qualquer lugar”.

Entrevistado 24: algumas surdas (os) já sofreram muitas barreiras todos lugares por isso a falta de acessibilidade de Libras e comunicação para os surdos na sociedade”.

Entrevistado 26: “Não, inclusão preciso não pensar, mas sim já teve inclusão relação o curso de Libras aprender”.

Entrevistado 27: “O que precisa para a inclusão do surdo na sociedade? Acredito que existem leis, mas a prática ainda está distante do ideal. Percebo a ausência de intérpretes de LIBRAS em órgãos públicos, a falta de valorização da classe, além de fomentar meios para a autonomia do cidadão surdo, trabalhar formas de acabar com o preconceito”.

Entrevistado 28: “Que todas as pessoas se comunicassem em língua de sinais, e as leis fossem respeitadas”.

Entrevistado 29: “Não, eu precisava importante curso católica de libras que como explicando de surdo depois futuro com padres e seminaristas que importante curso de inclusão de acessível”.

Entrevistado 30: “Aprender a Palavra de Deus que curso batismo primeira comunhão etc....”.

Entrevistado 31: “V[er]d[ade]. Faltar de intérprete de libras t[am]b[ém] comunicação social diferente most[r]a surdos tem língua”.

Entrevistado 34: “É oportunidade de igualdade que evite a desigualdade social”.

Entrevistado 35: “Que [t]odos entendam as 2 línguas oficiais do Brasil”.

Entrevistado 36: “Precisa que as libras sejam obrigatórias nas escolas. Que a

sociedade aprenda nossa linguagem. Sempre tivemos que aprender a língua de vocês para sermos aceitos. Nem a nossa família fez questão de aprender a se comunicar conosco”.

Entrevistado 37: “Um curso de libras em toda cidade online ou presencial para ouvintes pra poder comunicar os surdos no mercado de trabalho, nós escolares e nas ruas...”.

Entrevistado 38: “Sim a importante a sociedade ver privilégio os surdos sempre ir na igreja confiança com Deus”.

Entrevistado 39: “Falta o Int[er]prete de libras na igreja, é difícil a falta o comunicado explicação de igreja.

Entrevistado 40: “Só precisa união t[am]b[ém] simples mímica ou saber libras e d[e]ficientes tudo”.

Entrevistado 41: “Eu sofrer dor calar coração muito paciência. Gostaria de um emprego”.

Entrevistado 42: “Todos os lugares onde os não tem acessibilidade de Libras para surdos: - Legendas nos filmes do cinema, - Equipamentos para carro exemplo tela pisca-pisca que está vindo o moto, buzina, sirenes de ambulância, bombeiros ou polícia, ou socorrer para central pois o carro quebrou. - Emprego de verdade para surdos que ter promoção como ouvintes, maioria recebem o salário baixo, desigualdade, e só fica na porcentagem de cota do trabalho. - Equipamentos especiais comprados de fora do Brasil e paga o imposto caríssimo exemplo despertador com vibração casa 50 dólares (convertido + ou - 250 reais acrescentando o imposto quase 200 reais) Precisa reduzir o imposto zero para surdos comprar só os equipamentos que é acessibilidade”.

Entrevistado 44: “A forma [de]comunicação por sinais entre os conhecimentos dos seus próprias línguas portugues[a] e libras . A língua de sinais representa um papel expressivo na vida dos surdos conduzindo por intermédio de uma língua estruturada com desenvolvimento”.

Entrevistado 45: “Que a sociedade conheça mais sobre a cultura surda, língua de sinais, a importância do intérprete”.

Entrevistado 46: “As pessoas deveriam aprender em libras para ajudar as pessoas surdas, também comunicação com surdas, para melhorar a crescer para sociedade para

surdas. É importante devem apoiar, acessibilidade”.

Entrevistado 47: “professores em libras educação para os surdos aprendem melhor. Ajudar na inclusão dos surdos das libras”. Entrevistado 49 “Libras, legenda e leitura labial (bilíngue)”.

Entrevistado 50: “Não, a inclusão dificuldade e não existe”.

Entrevistado 51: “Aplicar mais acessibilidades para os surdos. Ter muitas informações com frequências para toda sociedade p lembrar e entender a importância da inclusão. E também conhecer a cultura dos surdos, ampliar mais respeitos, apoios e muito mais.”.

A quinta e última pergunta do questionário complementar foi a seguinte: O que precisa para a inclusão do surdo na Igreja? (Gráfico 19).

Gráfico 19: O que precisa para a inclusão do surdo na Igreja



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Parte expressiva dos entrevistados afirmou precisar de inclusão do surdo na igreja. A segunda resposta mais destacada foi a de que são necessários mais intérpretes de LIBRAS, em seguida, frisou-se a necessidade de mais pastorais dos surdos e intérpretes, Libras, legenda e leitura labial (bilíngue), visibilidade, direito linguístico, respeito,

aprender LIBRAS para comunicar, conscientização, união, intérprete de Libras, compreensão. 35 pesquisados salientaram as seguintes proposituras:

Entrevistado 1: “Até momento já estão inclusão. Alguns pode ter falta da pastoral do surdo. Somente comunicar com arquidiocese e pedir a pastoral do surdo e intérprete. Cada estado e cidade tem pastoral do surdo. Basta entrar contato e pedir informação onde fica pastoral para participar junto”.

Entrevistado 2: “A cada Pastoral dentro na igreja precisaram apoiam os surdos”.

Entrevistado 4: “Sim preciso e mais importante interação inclusão pra libras”.
Entrevistado 6 “o mesmo da resposta de 4 e mtas outras coisas q os surdos precisam de estudar, por exemplo Língua Portuguesa no tempo livre como curso livre, a Igreja deve ajudar como antigamente, pois mtos surdos ã têm condição de pagar e mta dificuldade por causa o uso de comunicação. Ah esqueci uma coisa mto importante q todos conheçam mto bem sobre a CULTURA SURDA, pois ã adianta q todos acham q somos “iguais”, é diferente de tratar e respeitar...”.

Entrevistado 7: “na pastoral do surdo muito importante participação na igreja qualquer o lugar para inclusão do surdo, por isso referência arquidiocese”.

Entrevistado 8: “Outra ouvintes precisam atender interp p surdos e faltando interp inclusão da igreja”.

Entrevistado 9: “Aqui no Brasil pouco grupos de padre sabe LIBRAS, precisa LIBRAS para comunicar”.

Entrevistado 13: “inclusão na igreja surdo tem Pastoral do Surdo, CNBB, surdo participa da missa”.

Entrevistado 14: “Preciso de quem sabe falar em Libras, acessibilidade e compartilhado”.

Entrevistado 17: “Seria ter intérpretes, ou até mesmo o Padre que saiba Libras”.

Entrevistado 18: “Tenham acessibilidade como intérpretes de libras ou tradutores orais para surdos oralizados”.

Entrevistado 19: “também respondido na parte padre. Vou comentar mais aqui... sim é importante para todas igrejas tem aceitar qualquer os todos povos... Principalmente

é acolher os povos, mostrar o que tem importante, trocar sabedoria, empatia, paciência, respeito... Por isso Jovens e crianças estão interessando conhecer a libras para poder comunicação em libras com surdos...Então é mudar o sistema da igreja e também tem acolher vários povos...Quais podem ajudar...”.

Entrevistado 20: “na Igreja precisa animar os surdos, por exemplo os padres devem dar atenção p surdos. Agora um padre vai participar na Pastoral dos surdos no mês de agosto. Agora vamos ver como vai ficar p frente com a graça de Deus! Ok? Grata pela atenção por nos os surdos. Deus q te ilumine! Abraço”.

Entrevistado 21: “Sim! Precisamos do surdo na igreja mais importante”.

Entrevistado 22: “A acessibilidade. Por exemplos: padre fluente em Libras, tradutores e intérpretes de Libras, tela com a legenda para deficientes auditivos que não saibam a Libras”.

Entrevistado 23: “Precisa mais intérprete de Libras na igreja. Falta intérprete de Libras católico”.

Entrevistado 24: “isso é importante para surdo participar a igreja, antes não tinha intérprete de Libras, para que surdo queria desejar a aprender a palavra de Deus. Que tal falta de acessibilidade de Libras dentro da igreja. Alguns surdos estarão satisfação seu sentimento do coração com Jesus. Por isso convidamos com surdos participação na igreja para conhecer em Deus! Nós estamos incentivar, aprender e entender essa língua própria surda na igreja”.

Entrevistado 25: “Aqui bem recebidos na igreja e tem intérprete não tenho que reclamar mais existem cidades que não tem essa acessibilidade”.

Entrevistado 27: “O que precisa para a inclusão do surdo na Igreja? Vejo que ainda há os ouvintes que se sentem surpresos com a “novidade” e há aqueles que acolhem e acreditam na inclusão na Igreja. Porém, ainda existe um percurso de médio a longo a se percorrer. O apoio da comunidade paroquial, um sacerdote que acompanhe a Pastoral, já são bons começos”.

Entrevistado 28: “Temos grandes avanços aqui na igreja q participo, temos intérprete, mas para uma igreja inclusiva vai além do intérprete”.

Entrevistado 29: “Não, que importante de continuar de igreja tem fé mas

dependendo esforço participar como aconteceu as pessoas dificuldade que orientação de homilia sempre de Deus”.

Entrevistado 30: “Também curso sacramentos”.

Entrevistado 31: “Igrejas católica povos tentar juntos social ver tem surdos importância sempre oração conhecimento bíblia é aprender vida”.

Entrevistado 32: “Interprete em todas as paróquias que tem surdo”.

Entrevistado 34: “A importância da inclusão de surdos na igreja católica que é conhecer a comunidade surda”.

Entrevistado 36: “Que as missas tenham intérpretes de libras, pessoas que entendam a nossa dificuldade”.

Entrevistado 38: “Sim a importante a sociedade ver privilégio os surdos sempre ir na igreja confiança com Deus”.

Entrevistado 39: “Também [a] inclusão do surdo na igreja mas não tem intérprete. Dependerá os surdos não entender explicação, não tem intérprete e falta de comunicações. Preciso acessibilidade de Intérprete de libras na igreja mais importante”.

Entrevistado 42: “Todos os padres aprender Libras para poder evangelizar os surdos na igreja. Porque cada 2 anos, os padres sempre trocam de lugar das igrejas. Quando um padre aparecer e nós tentando ensinar Libras e ele vai embora e vem outro padre não sabe de Libras. Começando de novo. Isso reduzem a comunidade surda na igreja. - Falta de materiais para recursos adaptados para ensinar os surdos na Catequese - Falta de respeito da pessoa surda possa ser coordenadora na Pastoral do Surdo, pois os demais surdos não foram estimulados para serem protagonistas Pastoral do Surdo, além só os intérpretes de Libras querendo ser exibidos como estrelas”.

Entrevistado 44: “Objetivo de projetar uma igreja para surdos e a inclusão na comunidade. A paróquia recebe a participação efetiva aqui no Paraná Londrina tem uma igreja para pessoa surdas nome da igreja católica nossa senhora do silêncio”.

Entrevistado 45: “Que a sociedade conheçam mais sobre a cultura surda, língua de sinais, a importância do intérprete. Não só a sociedade como também as famílias dos surdos possam estar no meio para participar e apoiar na vida de cada surdo”.

Entrevistado 46: “Na igreja precisa a inclusão, precisa a intérprete porque é importante para surdos, tem por alguns surdos na igreja pois é importante as intérpretes para surdas, acessibilidade também”.

Entrevistado 47: “precisa ter que interprete para acessibilidade e inclusão ajudar surdos para não excluir na igreja”.

Entrevistado 50: “Separar, pastoral do surdos só”.

Entrevistado 51: “Aplicar sempre acessibilidade, materiais (catequese) adaptados e entra outros”.

2.5 APRECIACÃO QUALITATIVA DA PS NO BRASIL

Ao realizar as entrevistas e analisar o posicionamento dos surdos, 73,58% deles afirmaram se sentirem incluídos e importantes na Igreja Católica, percebe-se como a Pastoral do Surdo no Brasil, mesmo que de forma gradativa, contribui para a inclusão do surdo. De acordo com os dados do estudo, as pastorais vêm realizando atividades, nas regionais que têm a atuação da PS, trabalhos com o objetivo de inserir a diversidade auditiva na comunidade religiosa.

Por conseguinte, o poder da religião na vida das pessoas é abrangente, para os surdos entrevistados responderam, numa escala de 1 a 5, sendo: 1- sem importância, 2- pouco importante, 3- razoavelmente importante, 4- importante, 5- muito importante, 75,47% dos pesquisados responderam que o grau de importância da religião para suas vidas, de forma significativa que a religião é muito importante. De acordo com José Carlos (2009, p. 232), “a religião é um recurso eficaz que contribui na integração social da pessoa, e a Igreja, nesse caso, funciona como um espaço de sociabilidade e ponto de convergência onde se busca estruturar a vida social a partir do fundamento religioso”.

Por outro lado, foi possível, através dos dados, apreciar nos relatos a existência de uma parte dos surdos cerca de 18,86% que se sentem excluídos na Igreja e na PS. Como podemos analisar nos relatos a seguir:

Entrevistado 4: “Sim, excluído! P[or]q[ue], igreja não aceito acessibilidade provocar sociedade igreja pastoral do surdo falta respeito”.

Entrevistado 6: “R. 1 sim... Esta pergunta é m[ui]to delicada ao falar de Igreja, sim, ainda tem preconceito no meio, por falta de acessibilidade através de comunicação visual e tratar como “coitadismo” “.

Entrevistado 14: “Sim. Normalmente, gente tem preconceito com um sujeito surdo, por causa não tem conhecimento da comunidade surda e não conhece cultura surda, pois não se esforçar comunicar um surdo, porém que deve respeitar cada diversidade com amor”.

Entrevistado 46: “Sim. Quando não tinha intérprete, fica sem entender o que está falando, [...]. Pois que é falta de intérprete, falta de acessibilidade, falta de empatia, como é parecido sociedade e igreja”.

Sendo assim, “o catolicismo é uma organização com poderes coercivos que incluem e excluem” (Pereira, 2009, p. 39). Podemos perceber que o objetivo das pastorais é trabalhar com uma diversidade de atores sociais no sentido de inseri-los socialmente, no caso aqui analisado, são os surdos.

No que se refere ao poder da inclusão social a partir da inclusão religiosa, é fato a importância que a religião tem na vida da maioria das pessoas entrevistadas. Pereira (2009) explica a importância não apenas no sentido da fé, isto é, de ajudar as pessoas a liberarem energia para sustentar a vida diária e tranquilizá-las das atribuições diárias, mas, sobretudo, da religião como sistema simbólico estruturante que ajuda a integrá-las na sociedade, a religião como cumpridora de um importante papel no processo de inclusão social.

É importante ressaltar os apontamentos feitos pelos surdos participantes da pesquisa no que tange à necessidade de sua inclusão na sociedade e inserção na comunidade religiosa. Assim, apontamos o que os dados da pesquisa dizem primeiramente na sociedade:

No que concerne ao que precisa para a inclusão do surdo na sociedade, de acordo com as respostas dadas pelo grupo, algumas se destacaram, sendo elas: a comunidade ouvinte precisa aprender Libras para poder comunicar, ter acesso às informações em Libras, interagir-se com a sociedade através da comunicação em Língua materna, interessante também a oferta de um curso de Libras, para toda a sociedade e familiares, respeito, empatia, conscientização da sociedade. Mais oportunidade para o surdo, acesso

a emprego e na área em que o surdo quiser trabalhar, não subestimar a capacidade desse grupo. Tradutores e intérpretes de Libras atuando em áreas diferentes da sociedade, legenda, janela com tradução em Libras, e que todos conheçam a Cultura Surda etc.

Já no que diz respeito ao que carece para a inclusão do surdo na Igreja, é imprescindível, além de sua participação nas comunidades religiosas e Pastoral do Surdo, assistir missa na Igreja, mais Pastoral do Surdo, os padres, lideranças religiosas, a comunidade religiosa aprender Libras, respeito à comunidade Surda e à Cultura Surda, conscientização da Igreja para acolher o surdo, compreensão com a diversidade, visibilidade, direito Linguístico, material da liturgia em Libras, legenda e leitura labial, projeção do rito na missa em telões, união, empatia, mais tradutores e intérpretes de Libras na Igreja, acessibilidade a Libras etc.

2.6 AS DEZENOVE REGIONAIS DA PASTORAL DO SURDO NO BRASIL (QUAL O TRABALHO DAS PS?)

No nosso trabalho de campo, além da observação realizada ao longo dos anos de 2017 a 2022, fizemos também uma série de entrevistas com os atores envolvidos para que pudéssemos perceber a ação desses agentes na inclusão do surdo na Igreja Católica.

Imagem 1: Símbolo da Pastoral do Surdo Nacional



Fonte: www.cnbb.org.br

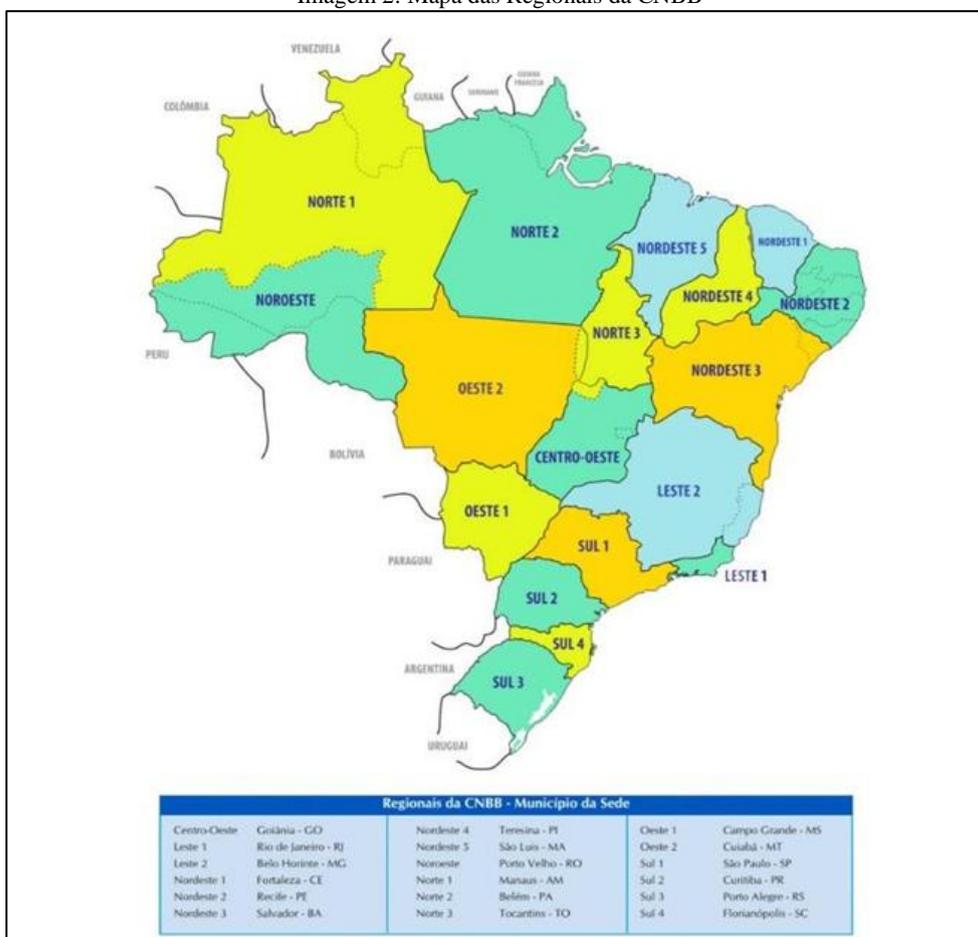
No Brasil, são muito recentes os trabalhos religiosos e sociais com surdos, pois a própria sociedade tem dificuldades nas relações com esses agentes. A Pastoral do Surdo trabalha de forma hierárquica e nacional: Pastoral do Surdo Nacional, regional:

distribuição das regionais nos moldes da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Na imagem abaixo, é o símbolo da Pastoral do Surdo Nacional.

Durante os estudos nas Pastorais dos Surdos pelo país, foi possível visualizar que cada regional tem a sua bandeira (símbolo), específico. Nos encontros religiosos, são utilizadas para representar a regional.

Logo, o mapa apresentado adiante, durante as entrevistas foi exposto que têm regionais com mais de uma Paróquia com Pastoral do Surdo pertencente a uma mesma regional.

Imagem 2: Mapa das Regionais da CNBB



Fonte: www.cnbb.org.br

Acima, temos um mapa que mostra a organização das 19 regionais em todo o Brasil, e como ocorre, em cada Estado da Federação, a atuação das pastorais. Existem pastorais que atendem os surdos em 19 Estados brasileiros. A necessidade é bem maior, pois há grande cobrança por inclusão por parte das entidades civis, visto que os surdos estão cada vez mais ativos e organizados politicamente na luta por seus direitos. A

inclusão plena é aquela que permite ao surdo estudar, trabalhar, divertir-se e participar plenamente da vida social.

Essas pastorais trabalham com os surdos. A Pastoral do Surdo é composta por um coordenador ouvinte, um coordenador surdo e os agentes da Pastoral, o trabalho é voluntário e, segundo relatos obtidos nas entrevistas, para ampliar suas ações sobre a inclusão dos surdos, outras instituições e organizações devem se envolver para poderem trabalhar com a inclusão desses atores sociais. A inclusão religiosa reflete na inclusão dos surdos na sociedade, uma vez que lhes possibilita maior visibilidade social.

Nesse caso, podemos complementar com as ideias de Pereira (2009, p. 34-35) “nos espaços sagrados, os fiéis, além de manifestar sua relação com o sagrado, definem suas identidades e seus objetivos, formando círculos ou grupo de pessoas com quem se relacionam movidos por compatibilidade ou interesses”. E nesse conjunto de instituições e organizações, temos uma forte hierarquia.

Dessa feita, temos na Igreja Católica forte hierarquia que evidencia a ocupação e organização do espaço sagrado simbólico dos mais variados aspectos do religioso.

Imagem 3: Pirâmide da hierarquia da Igreja Católica



Fonte: Organizado por: Pereira, J. Carlos (2009, p. 62) com atualização da hierarquia pela Autora.

A imagem é importante para observar o lugar onde está a atuação das pastorais, especialmente, a dos surdos. Notamos que diversos atores hierarquicamente superiores deviam agir para que houvesse a inclusão desses indivíduos em suas paróquias,

entretanto, na maioria das vezes, esse trabalho é deixado a cargo de grupos voluntários, sendo que a Igreja poderia profissionalizar essa ação em horários determinados.

Sabe-se que a sociedade da qual fazemos parte é excludente e que muitos indivíduos possuem dificuldades de inserção social, como é o caso dos surdos e demais indivíduos com limitações físicas ou intelectuais. Assim, podemos fazer um questionamento importante para a continuidade da nossa pesquisa de campo que foi realizada a distância por causa do COVID-19. Como fazer inclusão numa sociedade excludente? De fato, se torna uma ação complexa, pois envolve tanto as instituições por parte da sociedade organizada, como também as instituições religiosas que têm objetivos diferentes.

Nessa perspectiva de compreender o fenômeno religioso na relação com a sociedade, Durkheim (1996, p.96) aponta que “a religião representa a própria sociedade idealizada, reflete as aspirações para o bem, o belo, o ideal’, embora também incorpore o mal, a morte, e mesmo os aspectos mais repugnantes e vulgares”. O teórico refere-se a um conjunto variado de objetos e ações com os quais convivemos. É importante, porém, refletir sobre, pois, a relação entre o fenômeno religioso reflete comportamentos humanos variados. Esses comportamentos ajuízam em ações e práticas sociais, sejam de fiéis de determinadas religiões ou até mesmo da instituição religiosa que propõe ações visando à inclusão social de grupos fragilizados.

Ao refletirmos sobre a vida cotidiana dos surdos que participam das ações da Pastoral do Surdo no Brasil, podemos constatar como o poder simbólico da religião interfere na vida desses indivíduos, ajudando-os a se integrarem melhor com outros grupos sociais e com o restante da sociedade. Outro aspecto importante é a elaboração de comportamentos e atitudes que contribuem para a inclusão religiosa. Podemos notar como também existem atitudes que, sem intenção de prejudicar ou excluir, promovem a exclusão dos surdos.

Pereira (2009), no que diz respeito ao processo de exclusão e inclusão que ocorre nos espaços sagrados da Igreja Católica, explica que:

a realidade social que se esconde em tal estrutura, mediada por um poder sagrado, portanto simbólico, capaz de incluir, excluir e novamente incluir num ciclo interminável que, segundo as normas e doutrinas sacramentais, almeja a redenção imanente e transcendente do

ser humano, sem que isso supere as antinomias entre os atores sociais do espaço sagrado (Pereira, 2009, p. 132-133).

Quanto aos conceitos de inclusão e exclusão, Pereira (2009, p. 135) afirma que “necessariamente, continuam opostos e não devem formar uma síntese final, porque é a manutenção desta contradição que se apoia, no caso da Igreja, o poder simbólico”. Na concepção desse autor há um elemento dialético, que trabalha com as contradições desses dois termos: inclusão e exclusão, que são opostos.

Os conceitos de inclusão e exclusão coexistem na Igreja Católica como um veículo mantenedor não apenas de uma espécie de poder, mas como instrumento que é, ao mesmo tempo coativo e libertador. Sendo assim, “o catolicismo é uma organização com poderes coercivos que incluem e excluem” (Pereira, 2009, p. 39). O objetivo declarado pelas pastorais é trabalhar com uma diversidade de atores sociais no sentido de sua inserção social; no caso aqui analisado, os surdos.

A Pastoral dos Surdos visa ao processo de inclusão dos surdos na Igreja Católica. Suas práticas são para a inserção dessas pessoas a partir da realização de um trabalho coerente com a realidade em que os surdos estão inseridos. Alguns surdos relataram que, após a criação da OS, frequentam com frequência a missa e entendem o rito.

Até o presente momento, não há uma relação da Pastoral do Surdo Nacional com todas as paróquias que possuem Pastoral do Surdo nas 19 regionais do Brasil³⁶. A informação me foi passada pela secretaria da Pastoral do Surdo Nacional, quando perguntei se havia uma lista com o nome das Pastorais e suas Paróquias para obtenção dos contatos para a pesquisa de campo.

Por conseguinte, as atividades desenvolvidas pela Pastoral do Surdo acontecem de formas diversas nos diferentes Estados que participaram do estudo. Há regionais onde os surdos participam de forma ativa, coordenam PS, trabalham na liturgia na Igreja, como ocorre na região Sul, local onde também atua o segundo padre surdo do nosso país, o

36 Na pesquisa de campo, os entrevistados apontaram as paróquias que possuem Pastoral do Surdo na sua regional, sendo elas: Paróquia Sagrado Coração de Jesus da cidade de Goianésia-GO, Igreja Nossa Senhora do Silêncio³⁸ de Londrina-PR, (1ª Igreja para Surdos do Mundo), Paróquia São Pedro de Natal, São Sebastião do Ipiranga, Paróquia Santa Luzia de Paranaguamirim. Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Itaum, Paróquia São Luiz Gonzaga de Araquari, Paróquia Imaculada Conceição de Boa Vista, Nossa Senhora de Belém de Boehmerwald, Paróquia Santuário Sagrado Coração de Jesus de Bucarein, Paróquia São Paulo Apóstolo de João Costa, Paróquia Divino Espírito Santo de Costa e Silva, Paróquia São João Batista de Jardim Ipiranga, Paróquia Nossa Senhora Aparecida de São B. do Sul, Santa Catarina: São Judas Tadeu de Jaraguá do Sul e São Bento pertence a Diocese de Joinville, Concórdia a Diocese de Joaçaba e Camboriú pertence a Diocese de Florianópolis e outras.

padre Wilson Czaia, que celebra missas em LIBRAS e atende confissões em LIBRAS. Em Londrina-PR, está a Igreja de Nossa Senhora do Silêncio, a primeira igreja no mundo, projetada, especialmente, para as pessoas surdas. Há outras regionais da Pastoral do Surdo da CNBB que fecharam devido à Covid, outras que estão retornando à atividade, e outras que estão sendo criadas.

2.7 A INCLUSÃO SOCIAL DA DIVERSIDADE AUDITIVA ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO NA PASTORAL DOS SURDOS

2.7.1 Análise dos dados da pesquisa

Como exposto na introdução e em outras partes desta pesquisa, nosso objetivo com a pesquisa em tela foi analisar a possível inclusão ou exclusão dos surdos na Igreja Católica, a partir da atuação da Pastoral dos Surdos. Questionamos se as atividades da PS oferecem uma forma de inclusão para essas pessoas, se através dessa participação os surdos se sentem também mais incluídos na sociedade e se percebem essa participação como um reforço de sua dignidade.

Para compreender os atores do nosso trabalho, examinamos como são as pessoas com surdez, cujo nome técnico é Hipoacúsia, caracterizada pela perda auditiva e/ou a perda do nível de audição. Atualmente, a medicina distingue entre quatro níveis de surdez, sendo elas: Leve, Moderada (ou média), Severa (ou grave) e profunda.

Segundo Davis e Silverman³⁷ (1966), Deficiência Auditiva Leve é aquela na qual os limiaries estão entre 25 a 40 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Moderada: Limiaries entre 41 e 70 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Severa: Limiaries entre 71 e 90 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Profunda: Limiaries acima de 90 dB. Já o Decreto nº. 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, considera a deficiência auditiva como “a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz”.

O Artigo 2º do Decreto nº 5626 de 2005 considera pessoa surda aquela que, “por perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais,

37 Dados e informações disponíveis em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/deficiencia-auditiva.htm>

manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS”. A LIBRAS foi a via que usamos para ter condições de alcançar os objetivos propostos aqui.

Durante as entrevistas, quando perguntei o que precisava para a pessoa com deficiência auditiva ser incluída na sociedade e Igreja, a maioria dos surdos responderam que para a Diversidade Auditiva ser incluída na sociedade e na comunidade religiosa se faz necessário que as mesmas aprendam a Libras, para entenderem o rito, se comunicarem, terem acessibilidade, serem incluídas na sociedade e Igreja, como nos mostram os relatos a seguir:

Entrevistado 44: “Sim. Existe várias formas que fui excluído. Exemplo: - Conversar com colegas ouvintes do trabalho, eles não querem aprender. - Padres não sabem de Libras durante no confessionário. - Falta de intérprete na igreja católica, tipo participação nas reuniões CPP, encontros, palestras, excursões”. Entrevistado 11 “Aprender LIBRAS Para comunicar”. Entrevistado 22 “A acessibilidade. Por exemplos: padre fluente em Libras, tradutores e intérpretes de Libras, tela com a legenda para deficientes auditivos que não saibam a Libras”. Entrevistado 44 “Objetivo de projetar uma igreja para surdos e a inclusão na comunidade”.

Segundo Castel (2004, p. 1) “os fiéis procuram a Igreja em busca de um espaço que possibilite a recuperação da sociabilidade perdida, em busca de atenção de pessoas que os ouçam em suas necessidades psicológicas, enfim, tratem como pessoas válidas”.

Logo Pereira (2009 p. 146) apregoa que “a função da comunidade religiosa é um espaço que possibilita dirimir os efeitos das discriminações e outras formas de exclusão sofridas, transpondo, assim, situações diversas de exclusão”.

Pereira (2009 p. 126). A comunidade religiosa representa um espaço que, além de oferecer segurança e conforto espiritual, é um espaço de sociabilidade, uma forma de inclusão social.

Essa afirmação de Castel é confirmada pelo relato a seguir:

Entrevistado 87 (surda) “Sim, A religião permite conhecer o local onde as pessoas vivem seus valores em uma cultura. Ela é influenciada pela cultura, mas ela também influencia a cultura daqueles que vivem em seu entorno. A religião permite um conhecimento maior dos valores que envolvem uma dada sociedade, principalmente seus valores éticos”. Entrevistado 89 (surdo) “Sim, sentir Jesus contato, encontrar amigos também”.

A Igreja passa a contribuir para estabelecer nos indivíduos condicionamentos e motivações na existência, um lugar onde o indivíduo pode sentir-se acolhido, aceito pelos outros fiéis, um lugar de integração social. Dirigiremos nossa reflexão começando pela prática que foi observada no campo de pesquisa na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, na Praça Dimas Carrilho, s/n, no bairro Carrinho na cidade de Goianésia-GO. A foto abaixo expressa esse momento importante da participação do surdo nas atividades da Pastoral do Surdo:

Imagem 4: Interpretação do surdo na missa no momento do canto



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Analisando a imagem acima, percebe-se que o surdo interpreta pela técnica de espelho (de frente para outro intérprete e faz cópia dos sinais); como podemos observar, do lado esquerdo da foto outra intérprete faz a interpretação igual do rito. No que se refere à celebração litúrgica, os agentes da Pastoral do Surdo atuam no altar, nas posições de pé para uma melhor visualização da interpretação em LIBRAS. Os surdos que participam da missa estão nos primeiros bancos da Igreja. Um primeiro agente ouvinte faz a interpretação da fala do padre, o segundo agente surdo faz a parte da resposta da comunidade, com padrões dos ritos já estabelecidos em todos os templos, aprendem a acompanhar a liturgia. Sobre os cantos da celebração eucarística, são interpretados por outro agente ouvinte ou surdo, que fica no banco e vai até o altar na hora das músicas. A dinâmica é interessante porque é uma forma de catequização dos surdos, eles aprendem na prática a teoria.

Imagem 5: Interpretação da missa, por dois agentes da Pastoral do Surdo



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

Conforme a foto, os agentes da Pastoral do Surdo fazem as quatro partes da missa em LIBRAS: Ritos Iniciais, Rito da Palavra, Rito Sacramental e Ritos Finais.

A demonstração visual do rito é fundamental para que os surdos possam perceber e, a partir daí, ampliarem sua forma de comunicação e compreensão do que está acontecendo durante a missa. Logo, para que ocorra a inclusão dos indivíduos surdos dentro do contexto social e religioso, é importante o respeito às diferenças e diversidades surdas. Nesse sentido, nas palavras de Brito (1997, p. 15) sobre a área da surdez “o termo ‘cultura’, como referência à língua de Sinais, as estratégias sociais e os mecanismos compensatórios que os surdos realizam para agir no/sobre o mundo”.

Ao observarmos o desenvolvimento da sociedade, está cada vez mais forte a exigência de inserção dos surdos no processo de comunicação.

Contrapondo os surdos que se sentem incluídos pelas atividades da PS, a pesquisa também colheu alguns relatos de surdos que vivenciam no processo da atuação da Pastoral do Surdo uma experiência diferente, uma insatisfação pela forma com que são tratados, um sentimento de exclusão, uma falta de empoderamento da pessoa com deficiência auditiva na Pastoral do Surdo.

Assim aponta a Entrevistada 68: (surda) que evidencia o pensamento crítico sobre os limites da própria Pastoral do Surdo de que participa: “Muito restrita na atuação da Pastoral do Surdo. Muito assistencialista. Não nos dá oportunidade de mostrar o nosso

protagonismo. Tudo tem que ser “superação”, termo muito capacitista”. Na mesma linha crítica, o Entrevistado 42: afirma que: “Falta de respeito da pessoa surda possa ser coordenadora na Pastoral do Surdo, pois os demais surdos não foram estimulados para serem protagonistas Pastoral do Surdo, além só os intérpretes de Libras querendo ser exibidos como estrelas”.

Podemos analisar o que aponta Martins (2003, p. 20) quando afirma que “uma religião propicia um sentimento de inclusão e isso é se manifesta através da mudança de comportamento, antes sem nenhuma importância, mesmo que esta seja uma inclusão precária e instável, marginal”.

Na análise das entrevistas do processo de inclusão (ou de exclusão) das pessoas com deficiência auditiva na Igreja Católica, a partir da atuação da PS, se a participação dos mesmos nas atividades da Pastoral colabora para que se sintam mais incluídos socialmente, é possível notar a dialética da exclusão e inclusão nos espaços da Igreja Católica. Entre os relatos, os que afirmam se sentirem incluídos constituem a maioria, e os que expõem alguma forma de exclusão constituem a minoria. De todo modo quero destacar a posição de forma distinta de uma liderança religiosa que atua na Pastoral do Surdo:

Entrevistado 5: (homem, a partir de 51 anos, Ensino Superior, São José dos Pinhais) “Como bispo referencial da Pastoral do Surdo no Brasil, ainda percebo uma certa resistência em relação à Pastoral do Surdo como um todo. Nem sempre os surdos são bem acolhidos em suas comunidades eclesiais. Precisamos progredir mais na inclusão”.

Corroborando o apontamento da liderança religiosa, uma agente da PS destaca o que pensa sobre a posição da Igreja Católica em relação aos surdos:

Entrevistada 39: (mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Guarujá) “A Igreja Católica tem muito a melhorar no atendimento ao Surdo, mas está caminhando para isso. Não devemos esquecer que é missão, não é trabalho. Todos são voluntários. E na pastoral do surdo somos família. É preciso um olhar diferenciado para essa pastoral, porque primeiro devemos conhecer a língua e a cultura, para conseguir acolher cada Surdo em sua especificidade.

Já outra agente que participa da Pastoral do Surdo ressalta o que sente quanto às atitudes dos surdos, diante da oferta da igreja pelas formações no espaço religioso:

Entrevistada 22 (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Curitiba) “O que eu sinto, é que os Surdos precisam buscar mais interesse em

formações. Hoje a Igreja oferece formações em várias atividades da igreja, seja com jovens, casais, crianças. Em Assembleias do Povo de Deus do meu Regional, poucos participam efetivamente colocando suas lutas e ações. Poucos surdos entendem a importância de um desenvolvimento em Liderança para que possam alavancar suas atividades e desenvolver futuros coordenadores. Com isso vemos muitas pastorais “paradas” e sem ações, muitas vezes deixando de existir. Surdos tem potencial e precisam explorar mais o que podem oferecer a todos da comunidade”.

Aqui um surdo que participa da Pastoral do Surdo, traz sua visão sobre a atuação da PS e da posição do CNBB em relação à inclusão dos surdos:

Entrevistado 76: (surdo, homem, de 41 a 50 anos, Ensino Superior incompleto, São Paulo) “Falta de estímulo os surdos serem protagonistas/intérpretes na missa litúrgica, pois a maioria dos surdos são impedidos por dar opiniões e coordenar a pastoral por intérpretes ouvintes. Também falta de reconhecimento de CNBB para Pastoral do Surdo: - Foi fundado mais 70 anos no Brasil. - Não é o mesmo Pastoral da Pessoa com Deficiência. - Os demais das paróquias não têm uma estrutura sólida para saber o espaço para surdos onde sentam para ver melhor onde tem intérpretes no altar da missa. - Falta dos padres sabem LIBRAS para poder receber os surdos no confessional. - Falta incluir o tema Surdo com mais detalhes nas palestras do CNBB”.

Nossa reflexão sobre os relatos divergentes dos membros dos três grupos estudados mostra que nos mesmos espaços das regionais da PS ocorrem relações conflituosas e excludentes, que às vezes se desdobram em situações vividas pelos surdos como relações de integração ou de inclusão.

Desse modo, aquilo que caracteriza os conceitos de exclusão e inclusão faz coexistem na Igreja, sem se reconciliarem, o que mostra a Igreja Católica como veículo mantenedor não apenas de uma espécie de poder supracitado, mas também como instrumento que é, ao mesmo tempo, coercitivo e libertador (Pereira, 2009 p. 135-136).

O estudioso aponta para a ambiguidade da participação nas atividades da religião, pois segundo Pereira (2009) a Igreja, exerce na vida individual e coletiva, principalmente, daquelas pessoas e grupos que lhes estão sujeitos, o poder tanto de incluir quanto de excluir, em seus espaços de domínio ou em determinados grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar as práticas das 19 regionais da Pastoral do Surdo da Igreja Católica no Brasil a respeito do seu possível potencial dinâmico de inclusão ou exclusão social da Diversidade Auditiva.

No primeiro capítulo, foi feito um retrospecto histórico da luta por reconhecimento e direitos iguais do surdo na sociedade, a trajetória da pessoa com deficiência auditiva na educação, de objeto de direito para sujeito de direito: mudanças nos termos e direitos. Na continuidade do capítulo I, apontamos a funcionalidade no espaço sagrado da Igreja Católica, a religião e os desdobramentos da exclusão e inclusão do surdo e a formação histórica da Pastoral do Surdo no Brasil. No segundo capítulo mostrou-se a pesquisa de campo: Religião e Promoção humana: um estudo das Pastorais Católicas dos Surdos no Brasil. Discorremos sobre como foi realizado o estudo empírico a partir da aplicação de questionários *online*, no Google *Forms*, nas 19 regionais da Pastoral do Surdo do Brasil, apresentamos também a pesquisa de campo, bem como as paróquias das dezenove regionais da Pastoral do Surdo no Brasil que colaboraram com a pesquisa. Ainda no segundo capítulo, analisamos a lógica da teoria com a prática da inclusão ou exclusão religiosa dos surdos pela atuação das Pastorais do Surdo no Brasil, através dos dados obtidos na pesquisa de campo nas 19 regionais do nosso país.

Nas entrevistas, obtivemos as mais variadas respostas sobre o processo de inclusão ou de exclusão dos surdos, a partir das atividades desenvolvidas pela Pastoral do Surdo, nas devolutivas dos três grupos da amostragem, agentes da PS, lideranças religiosas e surdos e surdas das regionais da Pastoral do Surdo do Brasil. Dos entrevistados que responderam ao questionário pelo Google *Forms*, 77,06% afirmaram que as práticas da Pastoral do Surdo da Igreja Católica promovem uma participação (inclusão) efetiva dos surdos. Já 22,94% discordam dessa afirmação. Para 73,58% dos surdos e surdas que responderam ao questionário complementar, essa Pastoral representa uma modalidade de inclusão da pessoa com deficiência auditiva, enquanto 26,42% não concordam com essa afirmação.

Mesmo assim, alguns membros da Pastoral do Surdo, surdos e ouvintes, manifestaram opiniões críticas sobre as práticas da Pastoral na regional em que

participam. A entrevistada 66 (surda, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior, Belo Horizonte) assim se expressou sobre a PS: “Inerte. Encara a comunidade surda com paternalismo, como fôssemos necessitados, como “deficientes” com letra D maiúsculo. Não nos dá chance de mudar essa visão/mentalidade arcaica”. Numa linha parecida, o Entrevistado 89 (surdo, homem, até 20 anos, Ensino Médio, Jaraguá do Sul) escreveu a respeito da PS: “limitações, barreiras, abandonam sempre, pouco acessibilidade, informação precisa ouvinte ter surdo para palestra ensinar igreja surdo cidadão precisa igual ouvinte”.

Na continuação, houve relatos de surdos e ouvintes entre os três grupos entrevistados, de que as práticas da PS precisam melhorar. Entre os agentes ouvintes da OS, a entrevistada 16 (mulher, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Governador Valadares) afirmou (respondendo à pergunta se há inclusão): “Na nossa comunidade ainda não. Precisamos promover mais inserção deles em outros eventos/pastorais da comunidade”. Já o entrevistado 29 (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Santa Brígida), respondendo à mesma pergunta, assevera: “Em partes. [A PS] Ainda precisa avançar muito”. O mesmo afirma o entrevistado 34 (homem, de 31 a 40 anos, Ensino Superior, Divinópolis): “Há ainda muito a melhorar.”

Os participantes, nas diferentes regionais do Brasil, ressaltaram que entre as estratégias adotadas para inserção dos surdos na liturgia, eles têm prioridade para ocupar as primeiras fileiras dos bancos em frente ao altar da Igreja, de maneira a poder visualizar a tradução em Libras. No entanto, a entrevistada 106 (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Guarapuava) faz uma ressalva: “Alguns padres não aceitam que o intérprete fique no altar para que os surdos possam ver bem”. É importante para o surdo visualizar a tradução em Libras para ter acesso ao rito. A parte ouvinte da comunidade religiosa deve entender isso e não passar na frente na hora da interpretação. Esse gesto simples de educação faz diferença para a inclusão religiosa e social.

Outra forma de inclusão apontada pelos surdos é poder contar com um intérprete de Libras na comunidade religiosa e, assim, ter acesso à comunicação em sua língua materna, Libras. Porém, de acordo com a pesquisa, nem todas as comunidades religiosas católicas possuem intérpretes de LIBRAS em suas missas e celebrações. Além disso, a maioria dos padres não sabe o alfabeto de Libras, dificultando a comunicação com os

surdos. Isso impede o atendimento deles nas confissões e limita sua participação ativa no ambiente religioso da Igreja Católica. Conforme afirma a Entrevistada 71 (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Rio de Janeiro): “Poderia dizer se os padres e os ministros da Eucaristia sabem Libras. Pois é importante p[ara] surdos na confissão”. A mesma assertiva afirmou a entrevistada 106 (surda, mulher, a partir de 51 anos, Ensino Superior, Guarapuava): “A maioria [das comunidades] não tem intérpretes de Libras”.

Outro membro da Pastoral destacou que, para ocorrer a inclusão do surdo, é necessária a participação ativa dessas pessoas nas atividades da PS. A Entrevistada 57 (surda, coordenadora, mulher, de 21 a 30 anos, Ensino Superior incompleto, Arapongas) afirma:

Penso que ensinar mais o surdo, aprender coisas, organizar o conteúdo, melhor mudar para Libras, a Igreja Católica inserir o surdo a participar da liturgia. Também fazer organizar encontros diferentes, motivar diálogo para aprender rezar, participar não só da missa, organizar, combinar grupos para aprender e ensinar, importante interagir, a união, acompanhar porque equilíbrio todo dia, Pastoral do Surdo motivar só coordenador não, cada membro tem que aprender a pesquisar informações, o significado, praticar, interagir, continuar aprendendo, continuar motivado, só.

Uma agente surda apontou que falta a parte da missão, ir ao próximo. Assim expressa a Entrevistada 86 (surda, mulher, de 41 a 50 anos, Ensino Superior, Curitiba):

“Não, pois a P[astoral] [do] S[urdo] limita-se em sua maioria somente em nosso ápice maior a missa, catequese, mas a função por exemplo do movimento dos quais possam estar próximos das verdades dos irmãos sejam surdos ou ouvintes, ainda falta esta realidade a eles”.

Pereira (2009, p. 126) ressalta que “a função da comunidade religiosa é um espaço que possibilita dirimir os efeitos das discriminações e outras formas de exclusão sofridas, transpondo, assim, situações diversas de exclusão”.

Dessa forma, foi possível perceber, a partir das entrevistas realizadas junto aos três grupos do nosso estudo (agentes da PS, lideranças religiosas e surdos e surdas que participam da OS) que varia bastante a intensidade da inclusão da Diversidade Auditiva, na Pastoral do Surdo no Brasil. Em alguns Regionais dessa Pastoral, existe pouca ou quase nenhuma inserção da pessoa com deficiência na comunidade religiosa. Em outras regionais ou paróquias com atuações mais avançadas, pode-se perceber uma maior inclusão dos surdos na Igreja Católica.

No que se refere ao universo das dezenove regionais da Pastoral do Surdo do Brasil, objeto desta pesquisa, a regional Sul é a região que teve maior participação nas entrevistas. Talvez por ser também a regional onde surgiu a primeira igreja para surdos do país, a Igreja Nossa Senhora do Silêncio, em Londrina, no Paraná³⁸. Também no Sul está o segundo padre surdo do país, que assim afirmou: “Eles (surdos) são capazes de fazer trabalho na igreja” (Entrevistado 70, surdo). Outra regional que se destacou na pesquisa por sua atuação para a inclusão do surdo e da Pessoa com Deficiência na comunidade religiosa e na sociedade foi a do Rio de Janeiro.

No tocante à atuação da PS na regional Centro-oeste, quero destacar a Pastoral do Surdo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus da cidade de Goianésia-GO da Diocese de Uruaçu-GO. Na parte externa da Igreja Sagrado Coração de Jesus, percebe-se ter sido construída observando a Lei nº 10.098³⁹, de 2000, conhecida também como lei de acessibilidade. A lei que faz parte das políticas de inclusão social estabelece a criação de rampas, barras de ferro e outras soluções que garantem o livre acesso dos indivíduos com deficiências físicas, visuais e de mobilidade reduzida aos espaços de uso público. Na parte interna da igreja, há uma arquibancada em forma de teatro que facilita a visualização do altar pelos fiéis. Existem telões do lado direito e esquerdo do altar, onde são projetadas as informações da liturgia dominical pela Pastoral do Surdo. Outra Pastoral que se destacou com a manifestação positiva nas respostas dos surdos, de como eles se sentiam incluídos na comunidade religiosa, foi a Pastoral do Surdo de Brasília, Instituto Nossa Senhora do Brasil (Inoseb).

No que se diz respeito aos entrevistados que discordam não haver inclusão em sua regional, foram menos expressivos nas respostas da pesquisa. Segundo alguns desses membros da PS, algumas regionais que tinham Pastoral do Surdo, há alguns anos, acabaram encerrando as atividades, por falta de participantes e de apoio das lideranças religiosas. Elas não sabiam Libras e não apoiavam os trabalhos da Pastoral do Surdo. Outro problema apontado foi o fato de que, em algumas pastorais, não existem agentes de pastoral necessários para a formação dos membros e para o funcionamento da PS.

38 A Igreja Nossa Senhora do Silêncio, em Londrina, é a primeira igreja no mundo projetada especialmente para a pessoa surda. Em 1985, os padres da Pequena Missão para Surdos chegaram ao Brasil, especificamente em Londrina-PR, para trabalhar e desenvolver projetos com as pessoas surdas. Dados e informações disponíveis em: <https://www.librasol.com.br>.

39 Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/acessibilidade-na-arquitetura>.

Entre os problemas, destacaram a falta de coordenadores surdos ou ouvintes, conforme a norma da PS. Como a pesquisa mostrou, há regionais que só agora estão criando a Pastoral do Surdo, outras regionais onde o trabalho está consolidado e outras onde não existe nenhuma pastoral específica para os surdos.

Refletindo como o nosso trabalho poderia contribuir para a inclusão da diversidade auditiva, de forma que a participação nas atividades da Pastoral do Surdo e na sociedade fosse uma inclusão de forma digna, elaborei duas questões: o que é necessário para haver inclusão do surdo na sociedade? O que é necessário para haver inclusão do surdo na Igreja? A intenção foi proporcionar aos surdos, a oportunidade de expressarem o que julgavam necessário para sua inclusão na sociedade e na Igreja.

Assim, resumimos o que os dados da pesquisa revelam: para que a inclusão dos surdos na sociedade e na comunidade religiosa ocorra de forma ativa, a grande maioria da diversidade auditiva respondeu que a primeira condição é a acessibilidade à sua língua materna, a Língua Brasileira de Sinais. A primeira condição para poderem se comunicar, interagir na sociedade e no ambiente religioso, rompendo o silêncio no qual vivem mergulhados, é que os ouvintes aprendam Libras.

Os participantes destacaram a necessidade de tradutores e intérpretes de Libras agindo em áreas diferentes da sociedade; que haja legendas, janelas com tradução em Libras e que todos conheçam a Cultura Surda. Só assim eles deixarão de ser invisibilizados na sociedade e nas religiões. Outra reivindicação foi a oportunidade de trabalhar no emprego que quiserem, e assim terem a oportunidade de desenvolver seus potenciais, se empoderarem, terem uma vida digna, como seres humanos iguais aos ouvintes.

No aspecto religioso, os surdos foram unânimes acerca da necessária inclusão dos surdos na Igreja. Eles pleitearam que, além de assistir ao rito, que tenham condições de atuar nas atividades da liturgia, que a Igreja disponibilize, na Língua deles, os quatro ritos da missa para que, assim, possam acompanhar a liturgia, através da leitura labial, da projeção do rito na missa em telões, da acessibilidade em Libras, do emprego de intérpretes e de facilidade para visualização das mensagens. Enfim, tentando confrontar a parte teórica com a pesquisa de campo *online*, cheguei à conclusão de que a Pastoral do Surdo, de fato, representa uma modalidade de inclusão dos surdos na comunidade

religiosa que atua de forma gradativa nas diferentes regionais do Brasil.

A partir da presente pesquisa, percebe-se a importância que a religião pode assumir na vida dos indivíduos e de que seu papel não se restringe somente à espiritualidade em termos de união do ser humano com o sagrado, mas, sobretudo no sentido de auxiliar a inserção comunitária e social do surdo com outros seres humanos. A inclusão começa no interior dos indivíduos e influencia atitudes exteriores: é pensar e agir para o bem do outro, é oferecer condições concretas para o empoderamento e autonomia das pessoas com ou sem deficiência auditiva, física, visual e mental temporal, intermitente ou permanente.

A seu modo essa pesquisa procurou contribuir para a produção de conhecimentos acerca do processo da inclusão ou exclusão dos surdos no campo religioso, bem como promover a reflexão para o acolhimento à inclusão da diversidade auditiva. Nossa proposta de pesquisa buscou oferecer espaço para que esse grupo de pessoas pudesse expor suas inquietações, registrar sua opinião, valorizar sua cotidiana luta por inclusão social, ouvir aqueles que não ouvem, esse foi o maior desafio dessa pesquisa.

O tema abordado não se esgota com essa pesquisa, pelo contrário, abre-se para novas investigações e possibilidades; o projeto levanta inúmeros outros temas inerentes ao processo social de exclusão ou inclusão através da religião que carece de estudo sob novas perspectivas, novos métodos e formas de tratamento. Abriram-se também para mim novos horizontes, questões e conceitos que demandam um tratamento mais aprofundado, num estágio de pós-doutoramento.

REFERÊNCIAS

- ASSIS SILVA, César Augusto de. **Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- BETTENCOURT, O.S.B. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 11^a. impr. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRASIL, Ministério da Educação da Educação. **Política nacional de Educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasil: MEC, 2008.
- BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Brasília, Presidência da República, Casa Civil, 2002.
- BRASIL, **Decreto nº. 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília, Presidência da República, Casa Civil, 2005.
- BRASIL, **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Brasília, Presidência da República, Casa Civil, 2010.
- BRASIL, Pastoral de Surdo. **Estatuto da Pastoral do Surdo do Brasil**. Disponível em: <file:///F:/ESTATUTO%20PASTORAL%20SURDO.pdf>. Acesso em: 19/12/21.
- BRITO, Lucinda Ferreira *et al* - (P. Ex.). **Língua Brasileira de Sinais - Volume I - Série Atualidades Pedagógicas - Brasília: SEESP, 1997**.
- BRITO, Lucinda Ferreira *et al*. **Língua Brasileira de Sinais – Volume II – Série Atualidades Pedagógicas – Brasília: SEESP, 1997**.
- CARONE, Iray. Democracia e exclusão social. In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeide. A. (Org.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 7-20.
- CASTEL, Robert. **Les metamorphoses de la question sociale: une chronique du salariat**. Paris: Fayard, 1995.
- CASTEL, Robert. **As armadilhas da exclusão**. In: Vv. Aa. **Desigualdades e a questão social**. 2^a ed., São Paulo, Educ, 2004, p. 17-50.
- CANTARELLI, Edila Maria Bisognin. **Barreiras socio-culturais e lazer das pessoas portadoras de deficiência física: um estudo do grupo Fraternidade Cristã de Doença e Deficiência de Campinas, SP**. 1998. 123 f. Dissertação (Mestrado)- Unicamp, Campinas- SP, 1998.
- CF, Campanha da Fraternidade 2006. **Fraternidade e pessoas com deficiência** Disponível e <<https://spirandiopadre.wordpress.com/sobre>>. Acesso em: 21/05/22.

CORREIA, Luís de Miranda. **Alunos com necessidades educacionais especiais nas classes regulares**. Portugal: Porto, 1999.

DUTRA, Luiz Carlos. **Pastoral da inclusão**: pessoas com deficiência na comunidade cristã. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

EFFATA, **Pastoral do Surdo Nacional**. Disponível em: <http://www.Pastoraldosurdo.org.br/index.php?id=7&arg=historia&n=Nossa%20hist%C3%B3ria&t=A%20pastoral>, acesso em: 19/12/21.

FRIAS, Elzabel Maria Alberton. MENEZES, Maria Christine Berdusco. **Inclusão Escolar do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais**: contribuições ao professor do ensino regular, Brasília, 2008.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

GUGEL, Maria Aparecida; MAIO, Iadya Gama. **Violência contra a Pessoa com Deficiência é o Averso dos Direitos Consagrados nas Leis e na Convenção da ONU**. Brasília: 2009.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva **sociointeracionista**. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MEIRELES, Marilucia Melo. **Os “bobos” na tradição da Cidade de Goiás**: enigmas e silêncios sobre um tipo característico de figura do povo. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

NAÇÕES UNIDAS. **Normas sobre a equiparação de oportunidades para pessoas com deficiência**. São Paulo: CVIAN/Apade, 1996.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: um estudo do elemento não-racional na ideia do Divino e a sua relação com o racional. Tradução: Prócoro Velasquez Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PAUGAM, Serge. **Abordagem sociológica da exclusão**. In: Vêras, Maura Pardini Bicudo. Por uma sociologia da exclusão social. O debate com Serge Paugam, São Paulo, Educ, 1999, p. 49-62.

PAUGAM, Serge. **Que sentido é preciso dá a exclusão?** In: Vêras, Maura Pardini Bicudo (Ed. e Org.). Hexapolis. Desigualdades e rupturas sociais em metrópoles contemporâneas. São Paulo, Educ, 2004, p. 15-25.

PEREIRA, José Carlos. **Religião e exclusão social**: a dialética da exclusão e inclusão nos espaços sagrados da Igreja Católica na Metrópole. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2009.

PERLIN, Gladis T. T. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, Carlos (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-73.

RANDERS, Elizabete Cristina Costa. **Invisibilidade e emergência da universidade inclusiva na tessitura de uma rede de memórias**. Campinas, São Paulo: Faculdade de Educação, 2012.

REIMER, Ivoni Richter. **Trabalhos acadêmicos: modelos, normas e conteúdo**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

REIS, V.P.F. **A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias**. Dissertação de Mestrado. UFES, 1992.

ROCHER, Guy. **Sociologia Geral**. Lisboa: Editorial Presença, 1971. p. 155-182.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. In: **Inclusão**. Revista de Educação Especial, Brasília, v.1, n.2, 2015.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **O novo poder: seu impacto nas entidades assistenciais**. São Paulo, 1995.

SBO/IBGE. **Deficiência auditiva atinge 9,7 milhões de Brasileiros**. Disponível em: <http://www.adap.org.br/site/index.php/artigos/20-deficiencia-auditiva-atinge-9-7-milhoes-de-brasileiros>, acesso em: 07/01/2022.

SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo**. São Paulo: Augurium, 2004.

SILVA, Otto Marques da. **A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: CEDAS, 1987.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

WACH, Joachim. **Sociologia da Religião**. São Paulo, Paulinas, 1990.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. 2ª ed., São Paulo, Centauro Editora, 2002.

VIER, Frei Frederico. **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA



Dra. Érica Nelcina da Silva

Possui graduação em Letras - Português e Espanhol pela Faculdade Educacional da Lapa (2021), graduação em Administração pela Faculdade Serra Da Mesa – FASEM (2010), graduanda em Direito pela UEG Câmpus Norte Uruaçu-GO (2024), especialização em Controladoria e Finanças pela Faculdade Serra Da Mesa – FASEM (2015), especialização em MBA em Administração Pública e Gestão de Cidades pela Universidade Anhanguera – Uniderp (2011), especialização em Gestão Estratégica de Pessoas pela Faculdade Serra Da Mesa – FASEM (2013), especialização em LIBRAS pelo Centro De Ensino Superior Dom Alberto Ltda (2021), Mestrado Interinstitucional em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade

Católica de Goiás / Faculdade Serra da Mesa (2019), doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2022), aperfeiçoamento em Língua Brasileira de Sinais pelo Governo do Estado de Goiás (2007), aperfeiçoamento em Gestão de Hotéis e Pousadas pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – GO (2005), aperfeiçoamento em Língua Brasileira de Sinais - I e II pelo Governo do Estado de Goiás (2000), aperfeiçoamento em Língua Brasileira de Sinais pelo Governo do Estado de Goiás (2013), aperfeiçoamento em Língua Brasileira de Sinais pelo Governo do Estado de Goiás (2006), aperfeiçoamentos em Língua Brasileira de Sinais - III e IV pelo Governo do Estado de Goiás (2001) e aperfeiçoamento em Língua Brasileira de Sinais pelo Governo do Estado de Goiás (2005). Revisora de periódico da Revista Fragmentos de Cultura da PUC Goiás. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de Empresas. Atualmente é Professora Tradutora e Intérprete de Libras da UEG Câmpus Norte Uruaçu-GO. Pesquisadora em Ciências da Religião na linha de pesquisa e estudos Religião e Movimentos Sociais. Atuando principalmente nos seguintes temas: Religião, Educação, Legislação inclusiva, Exclusão, Inclusão, Pastoral do Surdo.



ISBN: 978-6-55321-001-1



9 786553 210011